



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Ermidas do Litoral Algarvio, casos de estudo

Sandra Isabel Carvalho Pereira

Orientação: Professora Doutora Maria do Céu Tereno

Co-Orientação: Professor Doutor Manuel Patrocínio

Dissertação de Mestrado em Arquitectura

Setembro 2016

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri





UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Ermidas do Litoral Algarvio, casos de estudo

Sandra Isabel Carvalho Pereira

Orientação: Professora Doutora Maria do Céu Tereno

Co-Orientação: Professor Doutor Manuel Patrocínio

Dissertação de Mestrado em Arquitectura

Setembro 2016

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri

Este trabalho de dissertação de mestrado não segue as normas do novo acordo ortográfico.

Agradecimentos

À Professora Maria do Céu Tereno e ao Professor Manuel Patrocínio pela dedicação e disponibilidade demonstrada ao longo da orientação desta dissertação.

Ao Historiador Artur Vieira de Jesus, pelo interesse e disponibilidade.

Ao Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, pela facilitação de cartografia essencial para a elaboração da investigação.

Aos colegas de trabalho pela compreensão.

Aos amigos, pela amizade, e em alguns casos pela companhia nas aventuras das ermidas.

Aos meus pais e irmã, por tornarem possível chegar até aqui.

ÍNDICE

Resumo Abstract	06
Introdução Objecto	08
Objectivos e Problemática	08
Metodologia e Estrutura	09
Estado de Arte	10

PARTE I

1 Da sacralização dos lugares à ermida	14
2 Património Arquitectónico Religioso	16
3 Algarve – Enquadramento territorial do espaço de estudo	18
3.1 Aspectos históricos	18
3.2 Aspectos geomorfológicos	20
3.3 Aspectos de caracterização social	22
3.4 Património Arquitectónico Algarvio	22

PARTE II

1 Caracterização do Património Religioso Algarvio	26
2 Referências Estilísticas: Do Gótico ao Barroco	28
3 A particularidade das Ermidas do Algarve	30
4 A origem e a evolução cartográfica diacrónica das ermidas	32
5 Rotas	37
6 Enquadramento na paisagem	40
7 Tipologia de uma Ermida	43
8 O interior da ermida	45
9 Materias e Processos Construtivos	47
10 Ermidas em Ruínas	48
11 Lista das Ermidas Por Concelho	49
12 Inventariação das Ermidas do Algarve	52

PARTE III

1 Sistema defensivo do litoral algarvio	83
2 A arquitectura militar e a arquitectura religiosa das ermidas	84
3 Selecção dos casos de Estudo	84
4 Caso de Estudo I – Ermida Nossa Senhora da Rocha, Lagoa	84
Enquadramento	85
Da sua origem até à actualidade	87
O Forte	91
A Ermida	93
Materialidade	98
5 Caso de Estudo II – Ermida de Santa Catarina, Sagres	100
Enquadramento	102
Da sua origem até à actualidade	104
O Forte	107
A Ermida	109
6 Considerações finais	111
Glossário	115
Referências bibliográficas	117
Referências de Imagens	119
Anexos	120

Resumo

O Algarve é conhecido essencialmente por ser uma região com uma localização geoestratégica privilegiada, apresentando um carácter cultural muito próprio e uma grande beleza paisagista. No entanto, nesta região é possível desvendar um vasto património arquitectónico disseminado ao longo de todo o território algarvio.

A presente dissertação de mestrado visa estudar parte desse património, neste caso património arquitectónico religioso: as *ermidas*, que surgem da necessidade de construir um lugar dedicado ao culto religioso, de modo a criar uma ligação com o sagrado, mas em vários casos particularmente com o mar.

As *ermidas* distinguem-se das outras construções religiosas pela sua modesta dimensão e essencialmente pela sua localização em lugares ermos que convidam à compenetração mística/ religiosa e a uma maior aproximação com o divino. Partindo do conceito geral e fazendo uma análise que procura entender as tipologias, influências e características das *ermidas* existentes no território algarvio, serão desenvolvidos dois casos de estudo que pelas suas particularidades de enquadramento são relevantes do aprofundamento dessa análise.

No total das quase 100 *ermidas* analisadas, com as mais diversificadas funções percebe-se que são muitas as que caíram no esquecimento, acabando por ruir. Este tema contribui para chamar a atenção da importância deste património na nossa cultura, assim como contribui para a salvaguarda destes exemplos cujo interesse importa realçar.

Palavras-Chave

Património; Arquitectura Religiosa; Ermida; Arquitectura Militar; Algarve.

Chapels of Algarves coastline, case of study

Abstract

The Algarve is known mainly for being a region with a privileged geostrategic location, with unique cultural characteristic and a beautiful landscape. However, this region can reveal a wide architectural patrimony which is scattered throughout the Algarve territory.

This dissertation aims to study part of that heritage, in this case religious architectural heritage: The little Chapels, which arise from the need to build a place dedicated to religion, in order to create a connection with the sacred, but in many cases particularly with the sea.

Chapels are distinguished from other religious programmes for their small size and mainly by their location in remote places that invite us to a mystical interpenetration and to be closer to the divine. Starting from the general concept and making an analysis that seeks to understand the kinds, influences and characteristics of the existing Chapels in the Algarve territory, in which, two cases of study that by their properties are relevant to a deep thought.

In total, almost 100 chapels were studied, having each the most diversified functions, even if some of them are unfortunately falling into oblivion. This subject helps to draw attention to the importance of such edified legacy in our culture, as well to state an intention towards the safeguarding of these examples whose interest is to be noted.

Key-Words

Patrimony; Religious Architecture; Chapel; Military Architecture; Algarve.

Introdução

Objecto

A presente dissertação de mestrado aborda como tema principal o património arquitectónico religioso algarvio de menores dimensões, mais precisamente as *ermidas*. Estas construções, algumas delas com origens ainda anteriores ao Cristianismo, pretendiam transmitir a fé às populações, sendo construídas em lugares que por si só já teriam um carácter sagrado pela ocorrência de acontecimentos muitas vezes inexplicáveis.

Pela mudança dos tempos e das mentalidades, a população e entidades responsáveis já não reconhecem o seu valor e muitas delas mantêm-se fechadas todo ou quase todo o ano, contribuindo para a sua degradação, e gradualmente o seu desaparecimento.

Enquanto estudante de arquitectura e “algarvia de gema”, parece de interesse dar a conhecer parte deste património algarvio que a maioria das pessoas desconhece, uma vez que para melhor proteger o nosso património histórico e cultural é preciso conhecê-lo. É urgente valorizar o que é nosso, e este é um modesto contributo para que não se apague a memória de uma parte significativa do património algarvio.

Objectivo e Problemática

Este trabalho de investigação, desenvolvido no âmbito das unidades curriculares de Dissertação do curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, procura identificar, documentar e classificar tipologicamente as *Ermidas* do Algarve, de modo a contribuir para o estudo de um património arquitectónico religioso que em alguns casos já apresenta elevado estado de degradação. Se não forem reconhecidos, correm o risco de desaparecer. Apesar de não serem casos únicos no país, são exemplos que transmitem a memória e a identidade cultural do povo algarvio, uma vez que acabam por representar também a arquitectura popular algarvia.

Pretendendo acima de tudo a valorização deste património, procura responder às seguintes questões:

- Em que contextos surgem as diversas ermidas;
- Onde estão localizadas as ermidas do algarve, se estas mantêm a sua génese e qual a relação e impacto que têm na paisagem;
- Existe uma ou várias tipologias arquitectónicas comuns;

- Qual a sua função na actualidade, e qual a sua importância e relação com a população;
- Qual a relação que têm entre si (no caso de ermidas muito próximas);
- De que forma é possível salvaguardar e ao mesmo tempo divulgar o património, neste caso o património arquitectónico religioso a que pertence as ermidas.

Desta forma, entendendo as ermidas como um conjunto, é possível compreender vários pressupostos de forma a encontrar casos que pelas suas características particulares, seja relevante realizar uma análise mais aprofundada.

Estudar estas ermidas permite entender o comportamento de um povo através da sua ligação ao sagrado e um conhecimento das suas preferências ou devoções, centradas em determinadas figuras divinas, indispensáveis para a experiência religiosa dos fiéis.

Metodologia e Estrutura

As metodologias de investigação principais são a análise e recolha de informação em fontes primárias e secundárias; o registo através de levantamento métrico, a nível de desenho, as plantas de todas as ermidas visitadas, e nos casos de estudo, também alçados e cortes; e o registo em fotografia de todas as ermidas, assim como de outros exemplos de arquitectura religiosa algarvia.

É importante lembrar que até à data foram consideradas **97 ermidas**. Algumas igrejas apesar de ainda serem consideradas também como *ermidas*, foram excluídas da análise. É possível que existam ermidas que não foram analisadas, uma vez que não existe uma base de dados, em relação a este tema, que esteja completa. Esta dissertação é uma compilação de informações onde se tenta de uma forma gráfica e sistematizada, complementar o que existe, com o que se considerou estar em falta.

A estrutura da presente dissertação assenta em três partes principais em que na primeira é realizada uma contextualização do tema, partindo do entendimento do que é considerado um lugar sagrado para apreender então o significado de *Ermida*. Nesta introdução surgem também outros conceitos gerais, pertinentes para uma melhor compreensão do conteúdo desta dissertação como o de Património Arquitectónico Religioso e pretende-se conhecer melhor todo o território algarvio.

Na segunda parte, é feita uma aproximação ao património arquitectónico religioso algarvio, em que posteriormente são analisados diversos temas, a que correspondem maioritariamente plantas esquemáticas para uma melhor identificação e compreensão. É neste capítulo que é apresentado o levantamento em forma de tabela, que dividido por concelhos identifi-

cada uma das ermidas visitadas. Desta forma, é possível saber de cada uma das ermidas a sua localização exacta através das coordenadas; a sua origem; o seu enquadramento, tipologia e dimensão a partir da planta esquemática realizada com base em fotografias aéreas e a partir de levantamentos métricos efectuados no local; e saber se a sua função religiosa ainda é mantida e se não, qual a sua função.

Já na terceira e última parte, são desenvolvidos dois casos de estudo, que se encontram inseridos em fortificações, sendo então necessário fazer uma primeira contextualização do sistema defensivo algarvio. Estes casos foram escolhidos não só por se encontrarem inseridos em estruturas fortificadas, mas por a sua implantação se encontrar em risco de ruir devido à erosão do solo que se faz sentir ao longo de toda a costa algarvia. Esta localização apesar de ser cativante por se encontrar no limite entre a terra e o mar, coloca estes exemplos de arquitectura religiosa em risco, tornando-se mais urgente ainda a sua salvaguarda.

Nesta parte são então apresentados elementos gráficos rigorosos a diferentes escalas, que permitem entender a sua implantação, estratégia e função no território. Na génese deste levantamento cartográfico foram essenciais consultas de monografias de Lagoa e Sagres respectivamente, assim como cartografias antigas, ortofotomapas atuais e constantes visitas ao terreno, para o ajuste de desenhos. Através deste estudo foi possível entender a sua evolução até hoje, bem como as intervenções realizadas.

Resta acrescentar que o presente trabalho de investigação não está escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, e que as figuras que não se encontram referenciadas são do próprio autor.

Estado de Arte

Actualmente existem inúmeras publicações, de diversos autores sobre a temática da Arquitectura Religiosa. No entanto, este tema é vastíssimo em subtemas, nem foi possível encontrar nenhuma publicação que aborde as Ermidas como tema principal.

Ainda assim, numa primeira parte, relativamente à definição do conceito de ermida foi essencial o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1991); assim como os livros *Lugares Sagrados* de Jean HOLM; *As Origens do Sagrado* de Anne Bancroft; e *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões* de Mircea Eliade para um melhor entendimento do assunto.

Relativamente à segunda parte, foi essencial *Aspectos do Reino do Algarve, nos Séculos XVI e XVII - Descrição de Alexandre Massai* de Lívio da Costa Guedes.

Destaca-se José Eduardo Horta Correia foi o primeiro autor a tentar uma afirmação síntese das características da arquitectura algarvia, na articulação com a história e o valor do património construído do Algarve, contribuindo neste trabalho particu-

larmente com publicações como *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600* (1982).

Francisco Lameira, é outro dos autores com mais destaque no tema do Património Religioso Algarvio, contribuindo recentemente para o desenvolvimento do tema com uma publicação bastante completa acerca do *Património Religioso do Concelho de Loulé*, juntamente com inúmeras publicações sobre várias Ermidas, nomeadamente *Retábulo no Algarve*.

Há que salientar a consulta feita no GEAEM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar), permitiu a consulta a toda a cartografia e a disponibilização da mesma que foi essencial para a consolidação de vários elementos deste trabalho. A DGEMN reúne também uma vasta compilação de informação relativa a várias ermidas, servindo como primeira base da investigação. Assim como as Memórias Paroquiais a que se teve acesso através da Biblioteca Nacional de Portugal que permitiu um melhor conhecimento do que existia na região.

Em relação à Parte III e respectivos casos de estudo, sobressai para uma abordagem geral, as publicações da Natércia Magalhães, *Algarve – Castelos, Cercas e Fortalezas* (2008), assim como *Castelos, fortalezas e torres da Região do Algarve* (1997), de Valdemar Coutinho.

Na aproximação aos casos de estudo, foi essencial ler *Castelos e Fortificações Marítimas do Concelho de Lagoa* (1991), de Carlos Pereira Callixto; *Monografia de Porches* (1912), de Francisco Ataíde Oliveira; *História do Concelho de Lagoa* (2001), de Rossel M. Santos; e *Sagres* (2004) de José Manuel Garcia e Rui Cunha.

De forma geral, apesar de existir bastante informação a cerca de cada uma das ermidas, esta encontra-se dispersa pelas mais diversas fontes de informação. Alguns concelhos têm o seu património melhor inventariado que outros, e daí é mais simples encontrar informação, no entanto esta informação quando existe é maioritariamente teórica e virada para conteúdos históricos e relativos também à história de arte, procurando este trabalho uma abordagem diferente, não só por compilar toda a informação relativa às ermidas como por fazer uso da disciplina da arquitectura para demonstrar através do desenho outro tipo de ponto de vista. O trabalho tenciona também contribuir para a sistematização e síntese – aqui evidentemente também com registo gráfico – dessa parte de legado patrimonial e religioso.

PARTE I

Fig. 1 - Carta Geográfica do Reino do Algarve,
Cartografia militar cedida pelo Arquivo da DEARM -
Direcção de Infra-estruturas do Exército.



FC 332/2015



1 | Da sacralização dos lugares à ermida

É muito comum confundir-se o termo *ermida* com *capela*, no entanto, olhando com mais atenção para o seu significado:

Ermida – s. f. Igreja pequena, capela, quase sempre edificada fora de povoado, em lugar ermo. Pequena igreja rustica.¹

Capela – s.f. (do lat. Capella). Lugar no vão da parede de igreja onde existe um altar. Templozinho no povoado ou fora do povoado onde em geral não existe senão um altar. Pequena igreja privativa de palácio, casa nobre, convento, colégio, etc...

O que difere as pequenas ermidas das capelas, será essencialmente o seu lugar de implantação, um **Lugar ermo-** (do lat. Eremu-). Lugar isolado, descampado, deserto, consagrado à oração. Solidão. Despovoado, descampado.¹

Apesar de nem todas as ermidas se encontrarem isoladas, são estas as que continuam a dar sentido à sua designação.

Estes lugares ermos, muitas vezes mesmo sem a existência de algum templo religioso, já eram considerados lugares sagrados.

Desde o começo da existência humana que se tem procurado conhecer uma outra realidade espiritual, para ir além da realidade quotidiana que conheciam. Tudo era simbolizado de modo a apontar, para além de si, uma verdade superior que se baseava em mitos e que actuavam num tempo e num espaço.

Independentemente da sua religião, todas as pessoas mais ou menos crentes, têm uma definição própria do que entendem ser um lugar sagrado, sendo vários os lugares que podem ter essa denominação.

Especificamente referindo-se o sentido de lugar sagrado no âmbito do Cristianismo salienta-se que: «Os cristãos têm muitas espécies de lugares sagrados, incluindo cidades, territórios geográficos e igrejas. Alguns são centros de peregrinação, lugares onde acreditam terem acontecido milagres. A maior parte são lugares geográficos, como Jerusalém, Roma, ou a igreja local, mas outros, como o céu, pertencem ao domínio da crença, da imaginação e da esperança. É muito fácil discutir lugares sagrados que podem estar localizados em mapas antigos ou modernos, mas é muito difícil falar sobre aqueles «lugares» que muitas vezes são descritos como se existissem de uma forma física, mas que pertencem essencialmente ao mundo da fé e, evidentemente, não podem ser visitados.»² Neles estavam inscritos mistérios, e até eles eram muitas vezes realizadas peregrinações, como uma forma de devoção a algo sagrado.

Esta procura, permitiu que de uma forma simbólica se construíssem Templos, que marcassem estes lugares, que continham o que se acreditava ser os princípios sagrados neles representados.

«O espaço sagrado por excelência é o Templo, o edificio arquitectónico construído pela mão do Homem para prestar culto oficial ao Deus único e onipotente, sob a presidência da autoridade religiosa.»³

Para o peregrino propriamente dito, existe sempre a crença subjacente de que os lugares são lugares de poder. Distinguindo-se de outros, concentram a devoção e a fé, o poder e o merecimento de santos cristãos do passado e veiculam uma



Fig. 2 - Fotografia remetente à peregrinação e/ou eremitismo, autor desconhecido.

1 - Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1991).

2 - BANCROFT, Anne; (2007), *As Origens do Sagrado*; pg. 12.

3 - MATTOSO, José; *A escrita da História, Teoria e Métodos*; pg. 200.



resposta de fé aos cristãos presentes. Desta forma, os lugares sagrados desfrutam de uma expressão concreta da ideia de comunhão de Santos, a perspectiva de que juntos os crentes de todas as idades e lugares, vivos ou mortos, partilham juntos a vida de Deus. De uma forma vaga, as pessoas falam por vezes de lugares que têm uma «atmosfera» especial ou um poder que os habilita a exprimir a sua fé e esperança de uma forma que faz sentido para elas. Esta espécie de «poder» tem sido amplamente discutida no estudo de muitas religiões diferentes e parece ser, em larga medida, a expressão da natureza humana.⁴

A abordagem de cada religião é distinta no que toca a lugares sagrados; assim como o conceito de peregrinação, que chega mesmo a ser censurado em algumas teologias por se achar que era uma espécie de jornada interior, uma questão de sentimento.⁵

A atmosfera sentida nestes lugares deve-se essencialmente à sua profunda relação com a natureza, em que por vezes predomina a topografia, a luz natural, o vento, e o grau de humidade sentido por vezes pela proximidade com o mar ou rio e que acaba por interagir com os sentidos humanos.

Não se trata de uma veneração de pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou árvore, são-no justamente porque são hierofanias e «mostram» qualquer coisa que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado.⁶

Muitas vezes nem há necessidade de uma teofania ou de uma hierofania⁷ propriamente ditas: um sinal qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar ou até mesmo a sua beleza natural tem a capacidade de torná-los especiais.⁸

Um lugar atinge um determinado carácter pela sua identidade própria constituída pela envolvente que o condiciona, pelos objectos e fenómenos que condicionam o habitar e a identificação do Homem com um ambiente espacial determinado.

Através do conceito *Genius Loci* ou *espírito do Lugar*⁹, é possível reconhecer a essência de determinado lugar e criar condições ideais através da Arquitectura para habitar ou nestes casos em concreto, para tornar estes lugares ainda mais significativos.

A arquitectura tem assim a capacidade de transcender o mundo profano através de construções, ora com dimensões bastante expressivas, ora com pequenos apontamentos que tem como função marcar determinado lugar.

Apesar de existirem variadas denominações para certo tipo de Lugares Sagrados, esta dissertação centra-se naqueles que se destacaram inicialmente pela sua posição isolada, e pela sua modesta dimensão, propícios à meditação a que são chamadas essencialmente de *Ermidas*, ou muitas vezes Capelas.

Estes lugares apesar de se considerar serem o ponto de encontro do céu e da terra, eram frequentemente associados à crença nas aparições de vários Santos, como mediadores de Deus. Assim nos tempos de aflição podia-se sempre pedir socorro a um santo familiar.

4 - HOLM, Jean; (1999); *Lugares sagrados*; pg.55.

5 - Idem, *Ibidem*, pg.55.

6 - Idem, *Ibidem*, pg.16.

7 - Manifestação do sagrado.

8 - ELIADE, Mircea; *O Sagrado e o Profano : a essência das religiões*; pg. 26.

9 - Conceito romano que consiste em que cada lugar tem um carácter e espírito próprio.

2 | Património Arquitectónico Religioso

O termo “*Património*”, tem origem no latim “*patrimonium*” - herança do pai ou o que “*pertence ao pater*”; mas o seu vasto significado refere-se também a um bem móvel, imóvel ou natural, que possua um determinado valor para uma sociedade, e seja representativo de uma determinada cultura.

O culto que se rende hoje ao património histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ele encerra.⁹

Para definir um conceito tão amplo como o Património Arquitectónico é necessário ir à sua origem que como já se referiu está inteiramente ligada ao significado de herança. Herança esta que é fundamental na construção de uma identidade individual, mas neste caso, na construção de uma identidade social e cultural.

Esta identidade colectiva implica um sentimento de pertença a um determinado grupo étnico, cultural, religioso; e assim como acontece com uma identidade individual, também esta colectiva é mutável, (re)inventada, transformada e (re)construída ao longo do tempo.

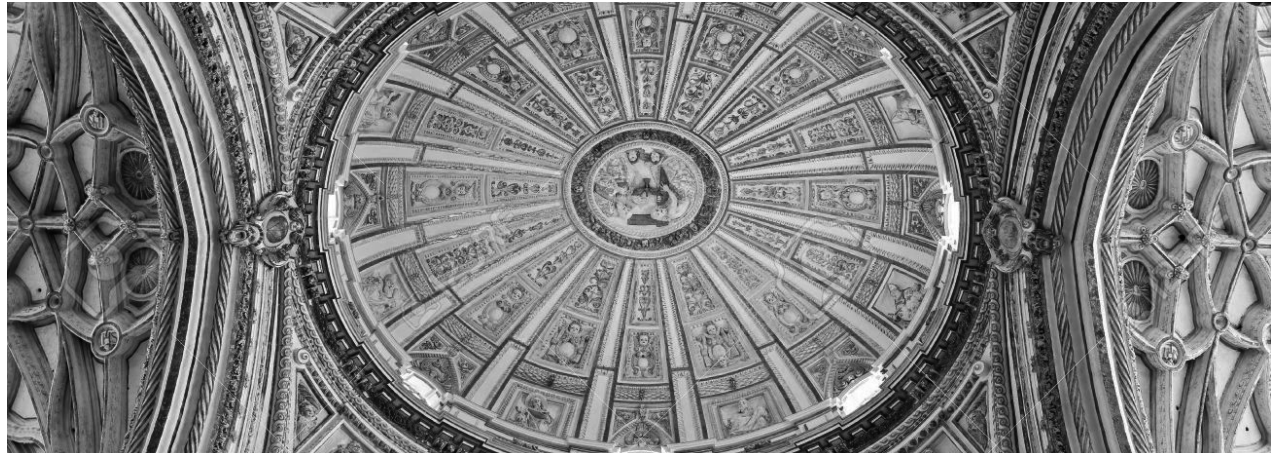
Assim sendo a sociedade reproduz e (re)constrói a sua própria identidade através do seu apego ao passado, histórico e principalmente, simbólico-religioso.

A religião cumpre um papel importantíssimo no processo de construção da identidade, por mobilizar uma memória colectiva específica, uma vez que utiliza referências que são usadas para reflectir a realidade do universo. Daí o património ser a própria materialização da identidade de um grupo/sociedade.

Podendo ser material ou imaterial, este património considerado de interesse colectivo para perpetuar no tempo, uma vez que é um testemunho de uma memória passada, constitui-se como marca de uma identidade e de uma sociedade específica. Apesar de nem todo o património ser constituído por monumentos, todos os monumentos são parte integrante do conceito de Património. O sentido original do termo Monumento é o do latim monumentum, que por sua vez deriva de monere (“advertir”, “lembrar”), aquilo que trás à lembrança alguma coisa. A natureza afectiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas remorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de actuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela modelação da afectividade, de forma

9 - CHOAY, Françoise; *A Alegoria do Património*; pg. 12.

Fig. 3 - Cúpula da Mesquita Catedral, Cordoba.



que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse o presente.¹⁰

Sua relação com o tempo vivido e com a memória, ou dito de outra forma, sua função antropológica, constitui a essência do monumento.

Enquanto um monumento é criado *a priori*, propositadamente comemorativo ou recordatório de algo, o monumento histórico, por outro lado, é uma definição a posteriori de um vestígio material do passado.

O traço que marca as fronteiras entre o monumento e o monumento histórico é no caso deste último, a não intencionalidade de criá-lo como tal. Assim, todo o objecto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido na sua origem um destino memorial”.¹¹

No caso específico do património arquitectónico religioso, contribui para manter e preservar a identidade de uma sociedade, no sentido em que é a herança cultural e especialmente religiosa do passado, vivida no presente e que será transmitida às gerações futuras.

Assim como a identidade, também o património tem a capacidade identitária em relação a quem somos, às nossas origens. Distingue-nos dos outros. Apesar de podermos não nos identificar com a nossa identidade social/cultural, existem sempre valores partilhados como a língua, os rituais, as crenças, os costumes e tradições, a religião e também a arquitectura.

O arquitecto tem aqui um papel determinante uma vez que pode identificar, divulgar e preservar não só este mas todo o património de forma a salvaguardar o passado arquitectónico e cultural que nos identifica.

10 - CHOAY, Françoise; *A Alegoria do Património*; pg. 18.

11 - Idem, *Ibidem*, pg. 22.

3 | Algarve – Enquadramento territorial do espaço de estudo

3.1 | Aspectos históricos

A área de estudo designada como Algarve¹² é a região mais a sul de Portugal e o lugar mais a ocidente da Europa, banhado por um vasto mar, que permitiu a entrada e saída de povos e culturas, que foram marcando ao longo do tempo um território que na actualidade é testemunho da sua presença na região.

«Nenhuma outra região portuguesa possui uma rede urbana tão antiga, tão densa e tão importante (15,6% da população). Pode ver-se aqui a última Riviera mediterrânea e a influência de todas as colonizações marítimas da Antiguidade; uma profunda organização romana e muçulmana (...)».¹³

Por terra ou por mar, com interesses amigáveis, corsários ou invasores, foram vários os que do Algarve partiram e chegaram, deixando as suas marcas por onde passaram. Tratou-se sobretudo de um território onde houve uma grande fixação de grupos antigos.

Desde tempos imemoriais os povos pré-históricos; os fenícios, os celtibéricos, à presença Romana e especialmente à ocupação Árabe, que nos deixou um vasto legado não só de topónimos, mas conjuntamente de património; à reconquista Cristã, à designada Era dos Descobrimentos, e aos diversos terramotos¹⁴ que abalaram o Algarve de diversas formas, devastando grande parte da história construída desta região, que o marcaram de modo indelével, subsistiram vestígios arqueológicos, que é possível ainda hoje visitar.

Houve portanto uma acentuação dos antigos contactos humanos na região algarvia, quanto a um fenómeno que caracterizou enfim todo o litoral da Lusitânia enquanto Extremo Ocidente do mundo conhecido da Antiguidade.

Este cruzamento de civilizações, quase sempre facilitado pelo desenho da geografia costeira que juntamente com a sua proximidade do Mediterrâneo permitia uma posição de passagem e de escala de rotas para o Atlântico, oferecendo ao Algarve uma herança patrimonial que se traduziu numa cultura que é hoje essencial para a afirmação no panorama regional e nacional.

Este fácil acesso permitiu que esta fosse a região por onde entrou o Cristianismo em Portugal, possivelmente por influência das igrejas do Norte de África. A documentação é escassa, mas suficiente para datar da época romana, pelo menos do século III, a cristianização de Ossónoba (nome de Faro até quase ao fim da época muçulmana).¹⁵

Os relatos tradicionais, que veicularam a ideia de que o cristianismo peninsular remonta a tempos muito antigos, englobam também as notícias de martírios de cristãos, causados pelas perseguições dos imperadores romanos dos primeiros séculos da nossa era. Os autores eclesiásticos hispânicos, e nomeadamente os portugueses, procuraram vincular os primórdios das suas Igrejas aos mártires das primeiras perseguições, registando histórias confessadamente duvidosas, que colocavam a longínqua Península entre as regiões que mais rapidamente haviam aderido ao cristianismo.¹⁶

O património cultural e religioso que constitui a memória de um passado de história e vivência de uma sociedade, é uma importante opção a quem visita o Algarve, a par com o vasto património natural litoral e interior que preenche a imensidão da região.

12 - Topónimo de origem árabe, da palavra «al-gharb», «o ocidente».

13 - RIBEIRO, Orlando; (1998); *Portugal, o mediterrâneo e o Atlântico*; pg.163.

14 - Salientar do os de 1531, 1551, 1722 e particularmente o de 1755.

15 - <http://diocese-algarve.pt/nota-historica/>; (16 de Maio de 2016).

16 - DIAS, Isabel Rosa; *Culto e Memória Textual de S. Vicente em Portugal(da Idade Média ao século XVI)*;(2011); pg. 18.



Fig. 4- Fotografia aérea de enquadramento da área em estudo, sem escala.

3.2 | Aspectos Geomorfológicos

O território português, mas acima de tudo a região do Algarve, de aproximadamente cinco mil quilómetros quadrados, é conhecida particularmente pelos seus quase 200 quilómetros de costa. Mas não só de areais se compõe o Algarve. Esta região tão bem individualizada tem uma identidade bastante particular e rica, assim como uma grande diversidade de paisagens a curta distância provocadas pelos diversos valores da Natureza e da Cultura que se cruzaram nesta região que foi outrora cenário de encontro de civilizações.

«Região mediterrânica, banhada embora pelo Atlântico, ela reflecte, tal como todas as regiões que envolvem o mare nostrum, uma realidade que é o resultado de uma ocupação ancestral, de uma forte pressão humana exercida sobre os recursos, de sucessivos ciclos de exploração – destruição – reabilitação, a que está associada uma diversidade única no quadro das regiões biogeográficas do planeta.»¹⁷

Região de limites bastante definidos, tanto a sul e oeste banhado pelo oceano atlântico; a este pelo rio Guadiana que o separa do país fronteiriço, Espanha; e a Norte o sistema montanhoso separa então o Algarve da planície alentejana, protegendo a região das influências climáticas do Norte.

Apesar de cobrir apenas 6% do território português, o Algarve, situado no extremo oeste da Península Ibérica distingue-se das restantes regiões do país, não só pela sua posição privilegiada, mas pelas suas variadas particularidades morfológicas e geológicas.

Além de ser uma região que se distingue visivelmente pelas suas características das restantes regiões do país, não só pela sua posição geográfica como também pela sua complexidade, tornou-se possível dividi-la em três sub-regiões com características geográficas, geomorfológicas e biológicas muito expressivas que permitem contribuir na caracterização da identidade da região. Isoladamente, estas grandes áreas naturais denominam-se por Litoral; Barrocal e no seu interior a Serra.

O litoral é definido pela faixa costeira com uma altitude máxima de 157 metros na Costa Vicentina. Por se tratar de uma zona em contacto directo com o mar, acaba por ser consequentemente a que atrai mais visitantes ao Algarve.

«(...) este tracto costeiro apresenta duas configurações bem distintas a definirem modalidades diversas de comunicação com o mar. Até Albufeira, salvo alguns trechos mais acolhedores, o recorte do litoral eleva-se em arribas o que continua

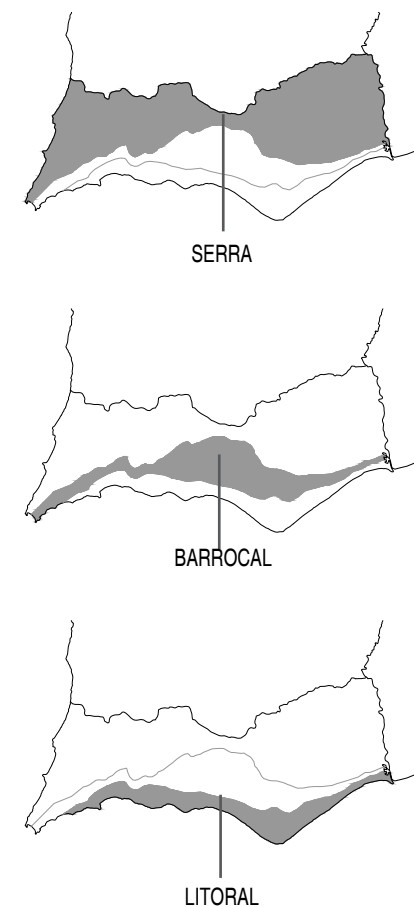


Fig. 5 - Esquema explicativo das 3 áreas divisórias do Algarve.

17 - PESSOA, Fernando Santos; (1999), *Algarve, Paisagens e Espaços Naturais*; pg.6.

Fig. 6 - Fotografia Panorâmica da Falésia (Albufeira) que se estende até à Serra.



a dificultar o contacto com o elemento líquido. Mas para nascente, um cordão de ilhas planas de natureza aluvial defendem a linha da costa e os seus portos – Faro, Olhão, Fuzeta, Tavira – das inclemências da natureza e dão viabilidade a uma activa economia marítima.»¹⁸

Esta proximidade com o mar, apesar de se manifestar de formas diferentes ao longo da costa, motivou desde muito cedo o alojamento da população junto ao mesmo, tendo os mais diversificados interesses. Na actualidade, é junto ao mar que se encontram os maiores aglomerados urbanos, assim como a maioria da actividade económica da região.

Já o Barrocal, sub-região central, situado numa zona entre o litoral plano e a serra montanhosa, com uma altitude de 300 metros, apresenta uma rica flora mediterrânica assim como uma diversificada paisagem agrícola, em que predomina o pomar.

Por fim, a serra é a maior área, ocupando cerca de 50% de toda a região que actualmente está em grande parte despovoada. Trata-se de um sistema montanhoso formado por três relevos fundamentais: Espinhaço de Cão (297 m), Monchique (902 m na Foia) e Caldeirão (589 m em Pelados) e composto essencialmente por rochas xistosas e algumas graníticas. Apesar de ter sido o fornecedor dos principais produtos agrícolas para as restantes sub-regiões, trata-se de uma grande zona rural algarvia que apresenta alguma degradação vegetal.

Além desta divisão pela constituição geológica em três faixas paralelas; existe também uma divisão transversal entre Barlavento e Sotavento, feita geralmente pelo concelho de Faro. Apesar das denominações se referirem à posição da região, ou seja, Barlavento corresponde à área situada a Este que está virada aos ventos predominantes no Atlântico, enquanto o Sotavento à área do lado oposto ao vento, ou seja, a mais abrigada que neste caso é o extremo Este do território algarvio. O clima mediterrânico ameno que se faz sentir em toda a região aliado ao mar permite que todos os diferentes lugares aproveitem o melhor que esta região tem para oferecer.

18 - COUTINHO, Valdemar; (2001), *Dinâmica defensiva da costa do Algarve do período islâmico ao século XVIII inventário e itinerários*; pg. 37.

3.3 | Aspectos de caracterização social

No Algarve, ainda hoje as pessoas são atraídas essencialmente pelo mar, pelo sol, e pelo seu clima mediterrânico, tornando-o numa região que se sustenta essencialmente do turismo e das actividades relacionadas com os mesmos.

«As características ambientais que definem uma região condicionam, normalmente e com forte pendor, a matriz das principais actividades que aí se desenvolvem. Definem igualmente e de uma forma genérica, o padrão de implantação dos principais núcleos urbanos.»¹⁹

No entanto se na actualidade é o turismo que promove o Algarve, após a análise de todo o percurso histórico desta região entende-se que foi também pelos mesmos aspectos que se desenvolveram as povoações perto do litoral, devido às suas acessibilidades e contactos com o mar que facilitam desde logo a navegação, a pesca e as trocas comerciais com outros países²⁰; que foram o resultado da exploração litoral.

O fácil acesso a muitos pontos da costa ainda hoje proporciona uma diversificada actividade marítima, seguindo-se as actividades agrícolas e ganadaria que são bastante proveitosas no Barrocal algarvio. Nada disto seria possível se o Algarve não fosse privilegiado com os factores geográficos e climáticos que se tem feito sentir ao longo de séculos.

Ainda que seja possível praticar algumas das actividades que marcaram a região, como por exemplo a pesca, o crescimento urbano e a massificação de construções, sobretudo ligadas ao turismo, fizeram com que as actividades ligadas ao comércio e serviços fossem hoje as mais praticadas na região. Já no interior, a realidade é diferente, pois é mais frequente a existência de actividades que não estejam ligadas ao turismo e que são em grande maioria a subsistência da região no interior, como é o caso de actividades ligadas à terra como a agricultura.

3.4 | Património Arquitectónico Algarvio

Apesar de na actualidade estarem presentes marcas históricas na arquitectura, especialmente na antiga estrutura urbana de algumas cidades; a região ultrapassou diversas situações, tanto causadas pelo Homem como pela natureza, que instigaram uma sucessiva destruição do património edificado ao longo dos séculos.

«Em primeiro lugar as sucessivas ondas de povos dominadores, depois a pirataria mourisca e inglesa durante os séculos XV, XVI e XVII flagelaram sobretudo as zonas mais populosas do litoral. Como área sísmica, sofreu o Algarve terremotos sucessivos (...).»²²



Fig. 7 - Pomar de laranjas em Alcantarilha.



Fig. 8 - Pesca na ilha da Culatra, Algarve.

19 - PESSOA, Fernando Santos; (1999), *Algarve, Paisagens e Espaços Naturais*; pg.5.

20 - O Algarve, era considerado como um «pulmão e alimento da Europa antiga e medieval»²¹

21 - COUTINHO, Valdemar Coutinho; (2001); *Dinâmica da Costa do Algarve. Do período Islâmico ao século XVIII*; pg. 42.

22 - CORREIA, Horta; (1989), *A arquitectura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade cultural*; pg. 136.



Fig. 9 - Açoteias de Olhão, de Artur Pastor, década 50/60.



Fig. 10 - Detalhe de platibandas da Luz de Tavira.

23 - Começando pela designação de Algarve (al-Gharb) de origem árabe, são bastantes os topónimos algarvios do domínio islâmico. Muitos são reconhecidos por serem compostos por um nome prefixado do artigo árabe al (v.g. Alvor), dos elementos de parentesco abu, bem, e bena (v.g. Bensafirim) e do nome comum ode "rio" (v.g. Oleleite).²⁴

24 - Terraço algarvio, também comum em Ayamonte e em algumas localidades próximas.

25 - CORREIA, Horta; (1989), *A arquitectura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade cultural*; pg. 137.

26- COUTINHO, Valdemar; (2001), *Dinâmica defensiva da costa do Algarve do período islâmico ao século XVIII inventário e itinerários*; pg. 21.

O património construído acaba por sofrer com os vários flagelos que ocorreram não só no Algarve como por todo o país, particularmente o litoral, e tendo em conta a fraca qualidade dos materiais utilizados, esta contribuiu para que o que restou se tenha deteriorado ao longo dos anos.

Porém, estas não foram as únicas causas responsáveis pelo desaparecimento do património arquitectónico algarvio. Também a procura turística exigiu um grande e rápido desenvolvimento urbano que acabou em inúmeros casos por demolir exemplos considerados menos interessantes, como alguns testemunhos do património arquitectónico algarvio, como é o caso de várias Ermidas e Fortes de que trata esta dissertação.

Ainda assim, está presente uma vasta herança deixada pelos diversos povos que passaram pelo Algarve, assinalada ainda hoje na toponímia²³, como no amplo conjunto patrimonial construído que ainda se encontra na região. Estas influências atribuíram à região algarvia e em especial à sua arquitectura um carácter bastante particular. A arquitectura que se fez assinalar no Algarve é o reflexo da história, do gosto popular e das necessidades concretas de um povo do mediterrânico.

Foram várias as características dominantes na arquitectura algarvia; começando pela simplicidade da composição, a pequena escala, a limpidez estrutural, a nitidez na definição do espaço, proporções e a volumetria, mas que por outro lado é original e detalhada em pormenores construtivos da arquitectura erudita e popular, como no caso da decoração das típicas chaminés algarvias e as suas platibandas coloridas e rendilhadas.

As frescas açoteias²⁴ ainda hoje bem presentes essencialmente nos centros históricos de algumas cidades, e o branco da cal que cobre ainda inúmeras casas e monumentos em geral; respondem a utilidades específicas de outros tempo que ainda hoje se justificam no quotidiano de muitas localidades algarvias.

Como arquitectura pragmática que era, soube adequar-se às necessidades e conseguiu tirar partido da matéria-prima que tinha disponível. Considerada como a «civilização do barro» por Orlando Ribeiro, a utilização da taipa apesar de ser um material frágil permitiu construir aliada à cal que a cobre, os inúmeros edifícios e monumentos que são hoje típicos na região. Além destes também os telhados de quatro águas predominantes em Tavira e Faro; os engenhos de água como moinhos de vento e maré, constituem um importante legado na história da região algarvia.

Apesar de muitas vezes ser uma região considerada sem interesse arquitectónico e sem monumentalidade²⁵ o Algarve possui uma série de testemunhos com especificidades que mais do que caracterizar o património arquitectónico algarvio, enriquecem-no; contribuindo para que a região não seja apenas um paraíso paisagístico, mas também para que essas especificidades tenham um forte carácter cultural e arquitectónico integrado na sua geografia.

PARTE II

Fig. 11 - Mapa do Reino do Algarve, 1837

Cartografia militar cedida pelo Arquivo da DEARM -
Direcção de Infra-estruturas do Exército.

1 | Caracterização do Património Religioso Algarvio

O Algarve tem sido tido frequentemente como uma região com um acervo reduzido no que respeita ao Património cultural, apresenta-se no entanto, como uma região de cultura diferenciada, portadora de valores específicos dos quais se realça a arquitectura.

É ainda importante ter em consideração que o Algarve foi uma das regiões portuguesas alvo de maiores perturbações, quer a nível de invasões marítimas, quer a nível de catástrofes naturais como por exemplo alguns sismos, do qual se destaca o de 1755, que provocaram uma grande destruição, e em consequência dos quais muitos exemplares de património arquitectónico não conseguiram resistir. Estas ocorrências justificam de certa forma, a relativa exiguidade no legado arquitectónico monumental.

Ainda assim, continuam a existir muitos exemplos que valem a pena ser estudados e acima de tudo visitados e conservados.

O património arquitectónico religioso reúne uma grande variedade de templos que merecem atenção, não só igrejas, mas também conventos e capelas de dimensões mais modestas como as *ermidas*. Para além do referido em relação às principais edificações religiosas existentes, há ainda inúmeros elementos arquitectónicos que assinalam “*lugares sagrados*” e que se encontram associados a igrejas e ermidas como é o caso dos cruzeiros, colocados por norma nos adros das igrejas/ermidas; e também das Vias-Sacras incrustadas nas paredes exteriores.

Apesar de estar presente em todas as religiões, o conceito de lugar sagrado apresenta-se de modo diferente em cada uma.²⁷ O importante papel que desempenham na vida dos indivíduos e das comunidades religiosas, reconhece, ao mesmo tempo, que os lugares sagrados não se limitam ao espaço arquitectónico. Deste modo, também são abordadas questões como a de indagar que crenças se expressam através da arte e da arquitectura dos lugares sagrados.²⁸ Ou seja, tudo o que é mais propriamente reconhecível como «património imaterial». Ao nível de outras manifestações como o «património integrado» - talha e pintura, que se associam a estruturas edificadas.

As Ordens religiosas, tanto masculinas como femininas, desenvolveram uma notável acção no Algarve, sobretudo ao longo dos séculos XVI a XVIII, tendo possibilitado a participação de muitos missionários algarvios na evangelização dos territórios descobertos pelos portugueses. A sua extinção no séc. XIX com o Liberalismo, porém, veio interromper esta acção, tanto dentro como fora da Diocese, contribuindo para o vazio que ainda hoje se faz sentir.²⁹

Esta segunda parte da dissertação centraliza-se acima de tudo no estudo das ermidas algarvias; no entanto, considera-se necessário fazer uma abordagem introdutória a todo o património arquitectónico religioso algarvio, que em virtude do seu interesse arquitectónico e decorativo, constitui a maior percentagem do património cultural algarvio.



Fig. 12 - Cruzeiro e Igreja Matriz de Querença.

27 - HOLM, Jean; (1999); *Lugares sagrados*; pg.15.

28 - Idem, *Ibidem*; pg.15.

29 - <http://diocese-algarve.pt/nota-historica/>; (12 de Janeiro de 2016).



Fig. 13 - Fachada da Sé de Silves.

Fig. 14 - Interior da Igreja de São Lourenço, Almoncil.



Fig. 15 - Interior da Igreja de Santo António, Lagos.



Esta segunda parte da dissertação centraliza-se acima de tudo no estudo das ermidas algarvias; no entanto, considera-se necessário fazer uma abordagem introdutória a todo o património arquitectónico religioso algarvio, que em virtude do seu interesse arquitectónico e decorativo, constitui a maior percentagem do património cultural algarvio.

Património este que se pode encontrar um pouco sobre todo o território algarvio e que muitas vezes é desconhecido pelos próprios habitantes da região. Um dos principais motivos desse desconhecimento relaciona-se com o difícil acesso a estes monumentos, por na maioria das vezes se encontrarem fechados ao público.

Do diversificado património religioso algarvio inventariado é reconhecido o seu interesse, não só pela sua abundância mas como pela sua qualidade e relativa variedade tipológica.

O conjunto de portais de Igrejas que pontuam o Algarve de Barlavento a Sotavento denunciam uma regular cobertura do território, enquanto alguns núcleos homogêneos parecem evidenciar a existência de escolas locais ou sub-regionais de canteiros. Por exemplo, a similitude de várias igrejas de colunas espiraladas ou de secção poligonal, ou a uniformidade de certas abóbadas absidais, ou a persistência dos mesmos motivos decorativos, ou a singularidade e originalidade da sua iconografia, ou a similitude da técnica de trabalho da pedra, denunciam idêntica origem um pouco por todo o Algarve.³⁰

É indiscutível que o “manuelino” marcou o território algarvio. Mas são várias as manifestações artísticas presentes na arquitectura religiosa desta região.

Se por um lado as fachadas das igrejas apresentam na maioria das vezes a simplicidade das alvenarias caiadas, no seu interior já não se pode dizer o mesmo. Muitas são as de interiores revestidos de talha dourada, azulejos e pinturas murais, assim como variadíssimas obras de arte sacra.

Todas as características presentes nos vários exemplos são o testemunho das diferentes sensibilidades artísticas da nossa história, marcando a cultura da região do Algarve com traços regionais de muita relevância.

30 - CORREIA, Horta; (1982), *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*, pg. 28.

2 | Referências Estilísticas: Do Gótico ao Barroco

O facto de o surgimento deste tipo de construções ter acompanhado o desenvolvimento dos séculos, fez com que as inúmeras igrejas e templos fossem-se adaptando aos estilos que iam colher elementos à riqueza artística acumulada ao longo do tempo. Algumas dessas referências estilísticas fizeram-se notar mais do que outras, no entanto algumas foram mais predominantes do que outras, destacando-se:

Gótico

O estilo Gótico traduz-se na sua associação com a luz, verticalidade e amplidão. Estas características florescem na Europa entre os séculos XII e XV, e é reconhecido pela ampla utilização do arco quebrado e de nervuras nas abóbadas. Sendo o Gótico uma transição da construção maciça à estrutura: as paredes estreitam-se, tornando-se menos espessas e ascendentes, libertando-se de grandes pressões, através de arcobotantes. Assim, é possível fazer a luz entrar no espaço interior, luz essa que é comparável à luz de Deus, filtrada por vitrais coloridos.

Manuelino

Durante o reinado de D. Manuel (1495-1521), decorreu o florescimento do estilo Manuelino, acabando por ocupar a última fase do gótico em Portugal, desde meados do século XIX. Durante essa altura havia o interesse em dignificar o reino com empreendimentos à altura da glória alcançada pela expansão marítima.

A afirmação desta tendência dá-se especialmente a nível da decoração arquitectónica, onde a ornamentação é exuberante e ecléctica - desde motivos renascentistas, passando por motivos naturalistas e de origem marítima, até aos escudos, esferas armilares, peças heráldicas, etc. surge na composição de fachadas, em ombreiras, mísulas, arquivoltas, ou em colunas interiores, enquanto nas abóbadas surgem completas redes de nervuras. Os arcos quebrados são substituídos pelos arcos polilobados, de ferradura, canopiais, ou seja, em várias combinações de formas que se inscrevem no designado arco abatido, afirmando o gosto pela decoração avultada, pelo exótico e pelo fabuloso.



Fig. 16 - Interior da Sé de Silves.



Fig. 17- Pórtico Manuelino da Igreja Matriz de Monchique.



Fig. 17 - Igreja de Santo António, Lagos.

Renascimento e “estilo chão”

A elegância é um termo que define este estilo arquitectónico, que é associado ao interesse pela cultura da Antiguidade greco-romana. A arquitectura é nesta altura profundamente influenciada pelas fontes clássicas, e passa a obedecer a uma ordem que estabelece as proporções de cada um dos elementos. Apesar de tardiamente, estas formas notam-se gradualmente no reinado de D. João III (1521-1557). No entanto, o espírito austero e contra-reformista da época acaba por favorecer a rápida adaptação ao “estilo-chão”, a que corresponde então uma arquitectura mais sóbria, de linhas singelas e simplicidade funcional.

O “Renascimento” não se consumou na imitação exacta da arquitectura da antiguidade, mas muito mais através de um modo de pensar e de ver o mundo.³¹

Barroco

O Barroco é marcado pela exuberância decorativa do espaço, definido por construções cenográficas, monumentalidade das formas, arrebatamento dos sentidos. A partir dos finais do século XVI, sob o impulso cultural e religioso da Contra-Reforma e do absolutismo que visa causar a admiração do espectador e afirmar o domínio espiritual ou terreno. O algarve é rico em arquitectura realizada nesta época, nomeadamente as obras de arquitectura em Tavira realizadas na época barroca, especialmente devido às obras de Diogo Tavares de Ataíde (1711-1765), tido como o maior arquitecto do barroco algarvio.

Nesta síntese em relação aos períodos estilísticos, compreende-se que o património arquitectónico religioso seja bastante vasto no que toca a referências estilísticas. Desta forma é possível desvendar um pouco do que é provável encontrar nas ermidas a estudar adiante.



Fig. 19- Interior da Igreja São Pedro Gonçalves Telmo, Tavira.

30 - GYMPEL, Jan; (1996); *História da Arquitectura. Da antiguidade aos nossos dias*; pg. 43.

3 | A particularidade das Ermidas do Algarve

As Ermidas no Algarve, assim como as restantes *ermidas* do país, tendem a surgir em zonas remotas e isoladas. A localização geográfica da região e a sua forte ligação ao mar permitem que muitas destas ermidas apareçam em zonas próximas ao mar. As lendas e mitos destas ermidas em particular são muitas vezes relacionadas com o mar e com os pescadores. Servindo frequentemente, para proteger e instilar fé nos pescadores, uma vez que esta devoção ligada à grandeza do inexplicável, levava à criação destes lugares de culto que tinham como intuito a veneração e o apaziguamento dos deuses irados.

“Conta-se que os pescadores um dia andavam à pesca na costa junto à ilha de Tavira, ao puxarem as redes para dentro do barco repararam que vinha uma santa muito pesada com mais ou menos 60 cm de altura. Apanharam a santa nas redes, e trouxeram a santinha.

Então os marítimos chamaram à santa Nossa Senhora das Ondas. Construíram uma igreja e puseram a santa nessa igreja à qual chamaram Igreja de Nossa Senhora das Ondas.”³¹

Ainda assim, como já foi descrito anteriormente, a área territorial do Algarve vai muito além do litoral. Daí que são muitas as ermidas que se encontram implantadas em locais isolados, na serra, assim como já situadas em aglomerações urbanas.

“Em relação á ermida da Senhora do Pilar há uma lenda, que é comum a todas as ermidas, pelo menos d’esta provincia. Diz a tradição que a Senhora apareceu no cimo do outeiro, onde hoje está edificada a sua Ermida, e que os povos d’aquelle tempo conduziram para o templo da Matriz a Imagem além encontrada, mas que a Senhora continuára a aparecer no cimo do outeiro, mostrando assim que ali queria ser venerada. Teimando o povo, e teimando a Senhora, teve o povo de ceder, mandando ali construir aquella Ermida.”³²

Com a pacificação, os núcleos populacionais do Algarve (orla marítima) e do Barrocal (montes) foram-se organizando e, com o desenvolvimento e evoluções tecnológicas, a população dispersou-se também organizando e, com o desenvolvimento e mutações tecnológicas, a população dispersou-se também pela serra, aumentando a área cultivada e dando ocasião ao aparecimento de novos topónimos. A rede de expansão paroquial acompanhou esta evolução, por vezes tardiamente, e quando havia um número significativo de cristãos foi construída a ermida ou igreja. Por outro lado, houve locais em que a presença de uma ermida ou capela originou o aparecimento de uma aldeia.³³

Daí muitas serem as ermidas que são designadas pelo topónimo do lugar em que se inserem, realçando ainda mais esta vinculação, como a Ermida de Santa Margarida, em Santa Margarida, Tavira. Ou então o lugar passa a ser designado pelo nome da ermida, e os lugares passam a ser conhecidos precisamente pela existência de uma ermida naquele lugar.



Fig. 20 - Ermida de Santo António, Armação de Pêra.

31 - AA. VV., - Arquivo do CEAO (Recolhas Inéditas) Faro, n/a.

32 - OLIVEIRA, Francisco Xavier d’Ataíde; (1905); *Monografia do Algoz Faro*; Algarve em Foco; pg. 208.

33 - DUARTE, Afonso da Cunha; (2005); *Memórias – São Brás de Alportel Volume 1 – Igreja e Instituições Religiosas*; pg. 17.



Fig. 21 - Ermida de Santa Margarida. Santa Margarida, Tavira.

Fig. 22 - Ermida de Nossa Senhora do Pilar, Algoz, Silves.

Fig. 23 - Ermida Santo António de Budens, Budens, Vila do Bispo.



A maioria das ermidas possui uma designação ambígua, sendo então também conhecidas pelo santo que representam. E são vários os santos que tinham/têm uma grande devoção popular. Alguns mais populares do que outros, mas existem aqueles que são adorados em quase todas as aldeias, como é o caso de São Sebastião, advogado das pestes, e que mesmo que não exista uma capela em sua honra, existe no mínimo um altar, ou imagem dedicado ao santo. As capelas em sua honra têm a particularidade de serem construídas sobretudo à entrada das aldeias, para que a peste não entrasse nos povoados.³⁴

Ainda em relação às aldeias e lugares em que se verifica o isolamento e longas distâncias em relação à vila, «*A igreja nos dias de hoje tem de ir ao encontro dos homens e não pode esperar de braços cruzados que batam à porta apenas para pedir o Baptismo, o Casamento ou o funeral. (...)*

Não podemos exigir que estes irmãos venham de tão longe à Igreja! Desde a nossa chegada pensamos construir pequenas capelas para acolher as pessoas e iniciar uma campanha de evangelização. Os cristãos têm o direito a possuir um lugar de culto.»³⁵

³⁴ - DUARTE, Afonso da Cunha; (2005); *Memórias – São Brás de Alportel Volume 1 – Igreja e Instituições Religiosas*; Pg. 233.

³⁵ - Comunidade Paroquial, nº 28, de 11.09.1983.

Apesar de grande parte das ermidas já se encontrarem classificadas como património de interesse municipal ou monumentos de interesse público, são ainda muitas as que são desconhecidas e que por isso acabam por cair no esquecimento e degradarem de tal forma, o que leva muitas vezes à sua total ruína.

4 | Origem e evolução cartográfica diacrónica das ermidas

Reconhecer a origem de cada uma das ermidas é uma tarefa árdua, que pode nem sempre ser conclusiva. Por mais que se faça uma aproximação, esta nem sempre corresponde à verdadeira origem da fundação, daí que seja comum existir mais do que uma data de origem de cada ermida.

Ainda assim interessa saber que a existência de templos religiosos no Algarve aparece já antes da Cristianização, sendo que muitos dos casos que correspondiam a templos sagrados de outras religiões acabaram muitas vezes por ser destruídos e alguns até reaproveitados.

«Dos séculos seguintes (IV-VIII) chegaram-nos algumas inscrições que testemunham a vivência cristã das comunidades lusitanas da época visigótica. Muito provavelmente, sem interrupção, estas terão continuado a praticar as formas de culto cristão herdadas do período romano. Não será, portanto, difícil de conceber que a nova religião tenha chegado relativamente cedo às diversas regiões do sul da Lusitânia hispano-romana (mais tarde designada Algarve), tendo-se desenvolvido preferencialmente nas cidades. Nos campos o culto dos ídolos deverá ter persistido por muito tempo. Admite-se, contudo, que com o decorrer do tempo os cultos e crenças sobreviventes nos pequenos povoados mais distantes das cidades se tenham folclorizado ou mascarado sob novas formas, face à imposição e prestígio crescente da religião oficial. Assim poderá ter acontecido nas regiões mais remotas do sudoeste hispânico.»³⁶

Como já foi abordado anteriormente, existem épocas em que as influências estilísticas se fazem mais notar do que outras. Nota-se que a maioria das actuais igrejas paroquiais do Algarve é de construção total ou parcialmente quinhentista.³⁷ No entanto, o século XVIII, destaca-se em soluções arquitectónicas, desde o barroco joanino à simplicidade geométrica do pombalino e ao neoclassicismo.³⁸

Muitas são as ermidas que se vêm a ser construídas em outros lugares que não aqueles em que o seu embasamento é original. Maioritariamente por acabarem por ruir, ou até por existir a necessidade de ampliar as ermidas para acolher mais crentes. No caso da reconstrução de uma ermida arruinada, mesmo sendo reconstruídas maioritariamente no mesmo lugar, acabam por nada terem em comum com a sua traça original. Tomando muitas vezes proporções que já em nada corresponde à modesta escala de uma ermida e acabando muitas vezes por acolher outro tipo de determinação. Daí que certos casos já são chamadas de igrejas, mas originalmente eram ermidas. Ex. Uma das causas da construção de muitas ermidas é o progressivo culto aos santos, e apesar da sua origem existir ao longo dos séculos, foi especialmente a partir dos acontecimentos do séc. XV, que a população sentiu uma grande necessidade de ter protectores contra os males que acorriam como era o caso da peste, das pragas, e de outras enfermidades que persistiam na época, surgindo com elas as inseguranças e com elas os remédios de índole religiosa.

O Algarve no século XVI era uma região de grande desenvolvimento económico e de vital importância, pela sua posição geoestratégica, para os desígnios políticos da Coroa portuguesa.³⁹ Daí que grande parte dos edifícios tenham sido construídos ou reconstruídos nessa época, assim como no séc. XVIII, em que houve igualmente uma forte dinâmica de construção-reconstrução.

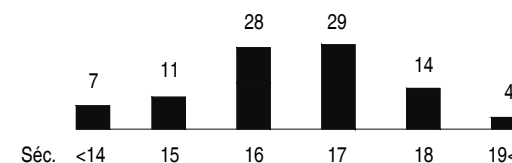


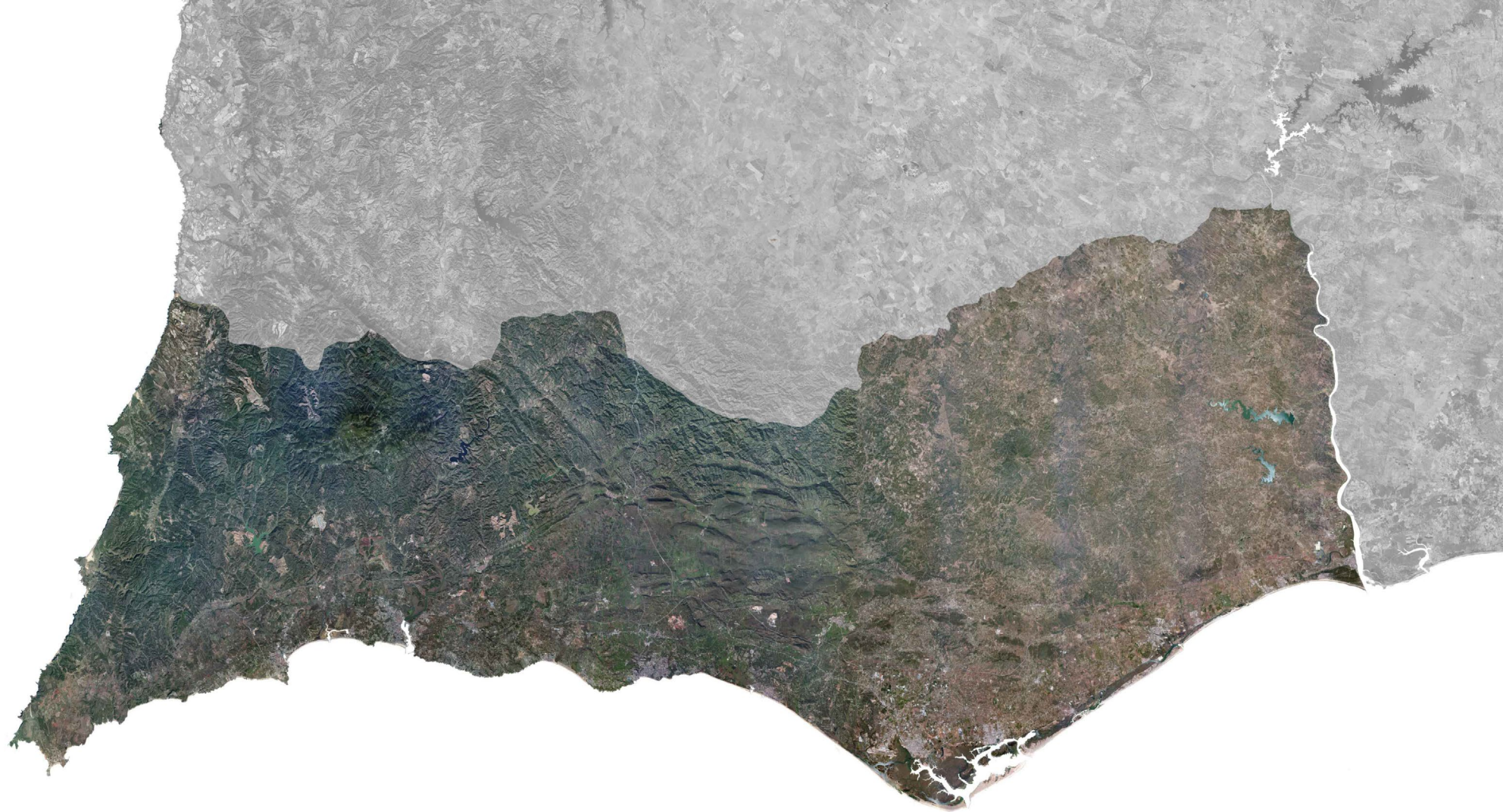
Fig. 24 - Gráfico da origem das Ermidas no decorrer dos séculos.

³⁶ - [https://sapiencia.ualg.pt/bitream/10400.1/1701/1/Culto%20e%20Mem%C3%B3ria%20Textual%20de%20S.%20Vicente%20\(texto%20revisito\).pdf](https://sapiencia.ualg.pt/bitream/10400.1/1701/1/Culto%20e%20Mem%C3%B3ria%20Textual%20de%20S.%20Vicente%20(texto%20revisito).pdf) (4 de Dezembro de 2016).

³⁷ - DUARTE, Afonso da Cunha; (2005); *Memórias – São Brás de Alportel Volume 1 – Igreja e Instituições Religiosas*; Pg. 39.


³⁸ - Idem, *Ibidem*, pg. 31.

³⁹ - Idem, *Ibidem*, pg. 39.



Legenda:


Fotografia Aérea

Escala 1 : 600 000 



Legenda:


século VIII - XIV

Escala 1 : 600 000 



Legenda:

século XVIII - XX


Escala 1 : 600 000 



Legenda:

século XV - XVII

Fotografia Aérea

Escala 1 : 600 000 

5 | Rotas

Quando se aborda o tema de rotas e o seu estudo viário de uma determinada região acaba-se por estudar também a sua rede de povoamento, tendo em conta que à partida, estas vias são elementos de comunicação de pessoas e lugares. Esta comunicação permite que se criem também meios de circulação de mercadorias, sendo assim as povoações unificadas acima de tudo geograficamente, além de serem excelentes indicadores do desenvolvimento de cidades ou povoados rurais que se desenvolvem nas suas periferias.

Este crescimento das povoações e conseqüente crescimento viário tem condicionantes relativos às características de cada região; por um lado, dependem de condições geomorfológicas, por outro lado, estes também dependem da riqueza de cada região.

Assim, para se compreender a rede viária do Algarve é necessário ter em conta a geografia do local, de forma a que factores como a articulação e a orientação do relevo ou mesmo cursos de água são determinantes na passagem dos eixos de comunicação terrestres.

A configuração geográfica do Algarve terá contribuído, em grande escala, para o isolamento determinante a que a região ficou votada durante séculos. Sendo graças às comunicações marítimas e fluviais que esta zona terá sobrevivido económica, social e politicamente, uma vez que os eixos terrestres inter-regionais não terão passado de meras ligações alternativas cujo alcance provavelmente não ultrapassou a das necessidades básicas, condicionando seguramente a fixação das populações e as actividades económicas que proporcionavam a sua sobrevivência.⁴¹

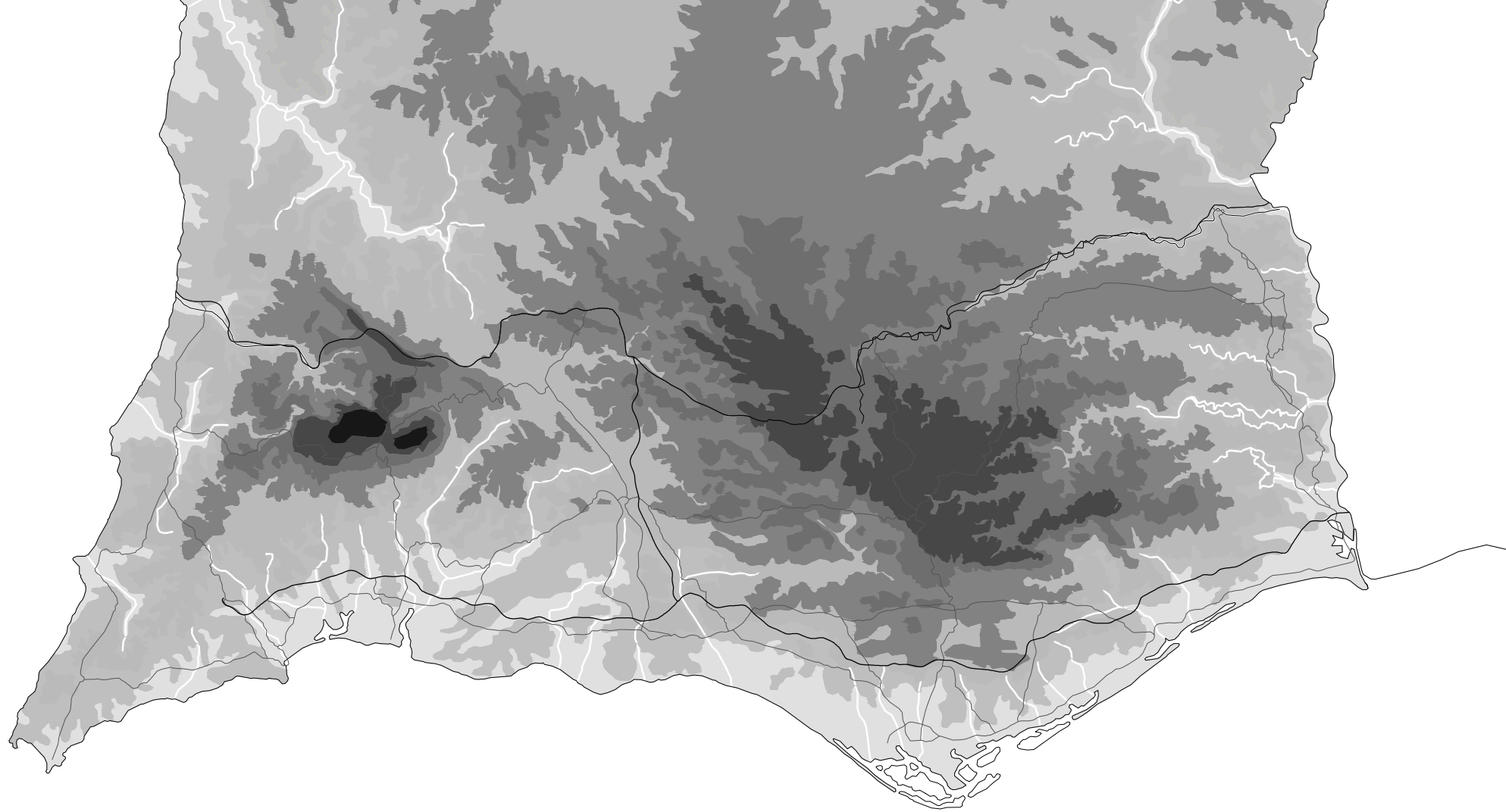
Inicialmente a construção destes eixos numa fase incipiente assentava em fins estratégico-militares, sendo um factor determinante para a romanização e desenvolvimento de redes comerciais no território.

No caso das ermidas, o percurso realizado entre a povoação e a Ermida é algo tido em bastante consideração por parte dos crentes. Este percurso, seria muitas vezes efectuado por caminhos pedonais e esses caminhos foram ao longo do tempo muitas vezes reaproveitados para a construção de outras vias principais. Noutros casos, são as ermidas fundadas precisamente onde já existiriam vias, de forma a ligar as povoações e conseqüentemente as povoações com estes lugares sagrados.



Fig. 25 - Pormenor de calçada Romana.

41 - RODRIGUES, Sandra; (2004); *As Vias Romanas do Algarve*; pg. 6.



Planta Altimetrica com marcação das vias terrestres principais actuais



- Troço confirmado
- - - Troço provável
- Via Secundária

Planta Altimetrica com marcação das vias Romanas

6 | Enquadramento na Paisagem

Um lugar, mais do que uma localização abstracta, deve ser entendido como uma composição de elementos concretos, com substância natural, forma, textura e cor, que juntos determinam o carácter do meio envolvente que é a essência do lugar.

O carácter é determinado pela identidade própria dos objectos que constituem o lugar, pelos fenómenos concretos que condicionam o habitar e a identificação do Homem com um ambiente espacial determinado. A compreensão do *Genius Loci*⁴² ou espírito do Lugar, conceito herdado da Antiguidade, permite-nos reconhecer a realidade concreta a enfrentar e, através da Arquitectura, cumprir a sua principal tarefa de criar as condições ideais para habitar através da fundação de lugares significativos.⁴⁴

Segundo Norberg Schulz o lugar estrutura-se a partir do meio envolvente, duma paisagem e duma ocupação humanizada e pode subdividir-se em duas categorias – espaço e carácter.

O espaço revela a estrutura tridimensional dos elementos que constituem o Lugar e o carácter denota as suas propriedades mais compreensíveis.⁴⁵

A sua perfeita relação com o sítio, e o programa é de tal forma indiscutível, que se torna impossível imaginar esse edifício num lugar diferente. Por vezes, não é só a ermida que importa, mas sim o lugar visto como um todo.

Os lugares em que as ermidas surgem, atendendo à definição, são lugares despovoados, fora do núcleo populacional, muitas vezes caracterizadas pela altitude. No entanto, mesmo numa primeira abordagem a este conjunto de ermidas verifica-se que não é sempre isso que acontece, pois muitas ermidas já não se encontram tão isoladas como deveriam estar quando foram erguidas.

O crescimento urbano contribuiu para que muitas das ermidas fossem absorvidas pela malha urbana, como acontece com a Ermida de São Lourenço, em Algoz. Mas o facto de se conhecerem várias dentro dos núcleos habitacionais não quer apenas dizer que os lugares cresceram em termos de construção. São vários os casos em que as ermidas são construídas dentro das cidades, chegando mesmo a estar associadas a outras construções, como o caso da Ermida de Nossa Senhora da Consolação (Século XVII), no centro histórico de Tavira, que conserva a sua função religiosa e que era movida por um objectivo específico: dar o apoio moral e espiritual aos reclusos da antiga cadeia de Tavira, ao qual estava associada e que segundo a tradição, era a ermida onde os condenados passavam as últimas horas.⁴⁶ Também em Tavira, a Ermida de São Lázaro (Século XV), aparece associada a um antigo hospital de leprosos.

Esta necessidade de espaço periférico, determinou excepções como no caso da Ermida de São José, em Portimão, em que nem o adro de entrada foi poupado, permitindo que a ermida fosse totalmente absorvida por uma construção religiosa posterior, assim como a restante evolução da cidade.

Muitas vezes a envolvente, e as suas vistas privilegiadas são tão importantes de preservar como a própria ermida. Uma complementa a outra. O facto destas ermidas serem absorvidas pela cidade, vai contribuir para a desvalorização da leitura da ermida como um todo. Qualquer paisagem também possui o seu carácter, de tipo particularmente original, o que é relevante na afirmação do carácter de qualquer Lugar.⁴⁷



Fig. 26 - Ermida da Senhora da Orada, antes da evolução urbana, Albufeira.

42 - "Genius Loci é um conceito romano. De acordo com as crenças romanas qualquer ser independente tem o seu 'genius', o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até à morte, e determina o seu carácter ou essência."⁴³

43 - PIRES, Amílcar de Gil e; (2008); *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, P. 117.

44 - Idem, *Ibidem*, pg. 117.

45 - SANTANA, Daniel; (2000); *Memória descritiva da proposta de classificação da Ermida de Nossa Senhora da Consolação*; Câmara Municipal de Tavira.

46 - PIRES, Amílcar de Gil e; (2008); *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, pg. 118.

47 - Idem, *Ibidem*, pg. 117.



Planta Altimétrica

Escala 1 : 600 000 



- Ermidas isoladas
- Ermidas adossadas

Planta de Enquadramento Esquemática

7 | Tipologia de uma Ermida

Desde tempos remotos, que se reconhece que diferentes lugares têm diferente carácter. No entanto este carácter é definido por vários elementos. Um dos quais, como já foi referido, é a sua envolvente. Ainda assim consoante a sua função, é possível hoje, reconhecer um conjunto de informações comuns a determinados tipos de edifícios. Os conventos são construídos de acordo com várias regras, que determinam as diferentes tipologias dos mesmos. Para as ermidas aplica-se um critério semelhante.

Segundo Werner, todas as diferentes espécies de produções de que dependem a Arquitectura devem ter impregnados os objectivos particulares a cumprir por cada edifício, todas devem ter um caracter que determine a sua forma geral e que anuncie “o tipo que o edifício quer ser”.⁴⁸

Tendo em conta que cada edifício deve ter o seu próprio carácter, também as ermidas e qualquer outro edifício religioso tem a sua própria identidade que está no entanto determinada por uma forma geral.

Ou seja, as ermidas do Algarve, à semelhança das ermidas do resto do país apresentam esquemas tipológicos semelhantes: São estruturas rectangulares bastante compactas e pouco iluminadas. A planta destas ermidas é composta na generalidade por duas partes diferentes: a nave, que é o corpo da ermida; e a cabeceira.

Acontecem situações diferentes para a conjugação destas componentes: o corpo e a nave pertencem ao mesmo conjunto, ou o corpo e a nave têm dimensões diferentes.

Ainda assim, apesar da maioria das ermidas algarvias pertencerem a estes dois grupos, existe outra minoria que são as ermidas com planta centralizada.

A grande maioria das ermidas tem uma única nave, sendo uma grande minoria, as que possuem três naves. Sendo que as que apresentam três naves, costumam ser sempre as que já foram ampliadas, e transformadas em templos com outras conotações, usualmente pela necessidade de um maior espaço interior e o desejo de atribuir uma nova fisionomia. As ermidas de duas naves aparecem quando dois edifícios se unem. Estando estas mais ligadas ao carácter paroquial do que eremítico.

Habitualmente, estas capelas são de pequenas dimensões e servem apenas para albergar quase exclusivamente o altar e retábulo maior da ermida.

Assim sendo, considerámos como tipologias das ermidas algarvias três grupos:

TE1 - Planta longitudinal de nave única sem capela-mor diferenciada

TE2 - Planta longitudinal de nave única com capela-mor diferenciada

TE3 - Planta Centralizada



Fig. 27 - Esquema TE1

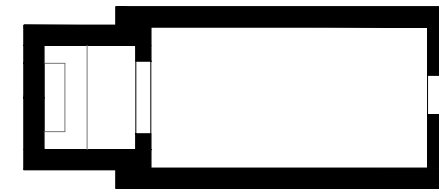


Fig. 28 - Esquema TE2

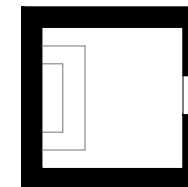


Fig. 29 - Esquema TE3

48 - PIRES, Amílcar de Gil e; (2008); *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, pg. 108.



Fig. 30 - Ermida São Domingos



Fig. 31 - Ermida Nossa Senhora do Pé da Cruz



Fig. 32 - Ermida Nossa Senhora do Amparo, Portimão

49 - Galilé ou Nartéx- Galeria coberta e delimitada por colunas ou arcadas, adossada ao portal de uma igreja e servia de abrigo, passeio, local de reuniões de irmandades ou de sepulcro. Alpendre ou galeria encostada a uma igreja.

Assim como as plantas, também as coberturas destas ermidas também apresentam uma tipologia semelhante. As ermidas TE1 são cobertas por telhado de duas águas. No entanto as ermidas TE2 já compõem mais variedade na cobertura, apesar da maioria ser também de telhado de duas águas, são várias as que contêm outros tipos de estruturas como cúpulas. Já as ermidas TE3, são todas com cobertura de cúpula.

A simplicidade arquitectónica destas construções, e o seu emprego devocional esporádico explica a preferência pela entrada única, e a escassa presença de sacristias e coros.

As ermidas têm por norma uma única entrada na fachada principal, do lado oposto ao altar. São vários os casos em que a entrada é antecedida por um nartéx⁴⁹, que nem sempre faz parte da fisionomia inicial da ermida, sendo feito posteriormente o seu acrescento.

Além do Nartéx que antecede a entrada no espaço sagrado da ermida, são diversas as dependências que vão sendo acrescentadas ao longo do tempo. Estas ermidas com fisionomia mais complexa correspondem a adaptações às necessidades da população. Torna-se necessário para além do corpo central, que uma ou várias capelas anexas, de sacristia, e outras divisões anexas.

Ainda assim, a similitude tipológica justifica-se com a experiência prática dos artesãos que, invariavelmente edificavam com as mesmas técnicas construtivas e o mesmo valor plástico e distributivo. Existe então uma grande relação das ermidas com os edifícios civis de raiz popular que pode ser mesmo observada na sua escala bastante semelhante.

A modéstia na construção destas ermidas correlaciona-se com as possibilidades precárias económicas para satisfazer o culto local, podendo ser vistas como uma representação da arquitectura popular algarvia, pela simplicidade construtiva, a sobriedade dos volumes, o sentido útil do espaço e a escassa presença de elementos decorativos, são características destes edifícios que, mais do que pertencerem a um estilo próprio, correspondem a uma arquitectura vincadamente popular.

Existe então um modelo tipológico destacado neste tipo de construções, notando-se a preferência por ermidas com uma só nave e com escassos elementos acessórios e decorativos, obedecendo à funcionalidade do edifício intimamente ligado à religiosidade popular. É uma obra colectiva, concebida como parte integrante do património cultural, que reflecte como necessidades similares geram uma mesma linguagem formal em âmbitos e lugares geográficos díspares.

8 | O interior da Ermida

O espaço envolvente de uma ermida é determinante para definir o seu carácter, no entanto é também importante reconhecer a atmosfera criada para o interior de um espaço sagrado como o de uma ermida.

Cada elemento independente e participante na organização do espaço interior revela, também, o seu próprio carácter e faz associar a percepção e a vivência do espaço ao prazer do seu domínio sensorial e intelectual.¹⁴

Determinante na definição de carácter interior é a luz, sendo o seu papel essencial para evidenciar as massas e a volumetria da arquitectura e do espaço.

O carácter do Lugar está também, directamente relacionado com o tempo e expressa-se de forma diferente com a mudança das estações, com o passar do dia, com o clima e, associada a estes factores, com as diferentes condições da Luz.

O facto de as ermidas terem muito poucas aberturas para o exterior, contribui para que um dos principais objectivos seja a concentração na imagem/ relíquia existente no altar da ermida.

A existência dessa imagem é uma das características essenciais numa ermida, uma vez que simboliza a sacralização daquele espaço, que está associada à santificação do santo que deu origem à ermida e da qual se cria então um forte vínculo.

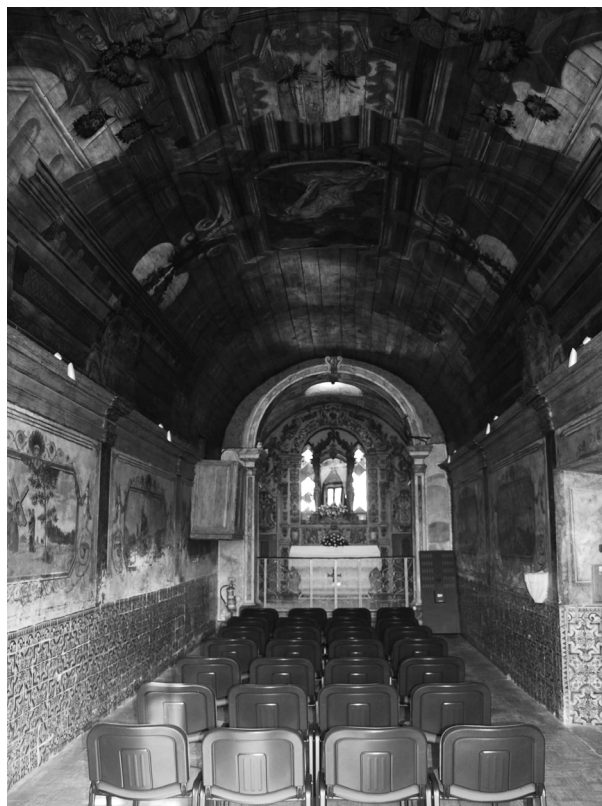
A implantação de uma imagem correspondente à origem de determinada ermida é muito importante uma vez que expressa a vontade divina naquele lugar específico, daí fazer mais sentido, venerá-la numa ermida em específico. Infelizmente a imagem representante é muitas vezes levada para uma igreja paroquial, ou até para uma ermida, num lugar distinto do que aquele para o qual estava destinado originalmente.

Estas imagens, assim como os retábulos, são autênticas obras de arte que merecem ser também estudadas e preservadas. O interior das ermidas algarvias tem tanto de tão simples como de tão complexo. Se por um lado não ostentam praticamente qualquer decoração, apenas o altar e a imagem, por outro lado conseguem revelar uma forte riqueza no seu interior.

Fig. 33 - Ermida , São Bartolomeu de Messines, Silves.

Fig. 34 - Ermida Nossa Senhora do Pilar, Loulé.

Fig. 35 - Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Loulé.



9 | Materiais e processos construtivos

Também os materiais e os seus processos construtivos são determinantes para a afirmação do carácter do lugar. O homem, com o seu engenho, cria os meios de adaptação ao ambiente que o rodeia, procurando o mais produtivo aproveitamento da terra e a técnica mais adequada à construção do seu abrigo, de acordo com as condições geoclimáticas.

A forma como um edifício toca no terreno, e a sua relação com o céu, os seus limites físicos, as suas fachadas, determinam também a sua relação com a paisagem, e contribuem para a definir.

É importante então reconhecer que tudo do que é constituído um edifício é essencial para determinar o seu carácter.

Se ao aparecimento de diferenciados materiais correspondem características especiais nas edificações, também a condições climáticas específicas, correspondem as formas construtivas mais próprias a essas condições.⁵¹

A cobertura destas ermidas é construída em geral de caniço ou madeira, formando três esteiras. Muito frequente é também a abóbada de canhão, assim como as cúpulas que aparecem na capela-mor.

A construção das ermidas, apresenta tal como a arquitectura popular algarvia, uma construção de técnicas simples e intuitivas com preocupações de ordem prática.

Em qualquer região é dado notar o aparecimento de elementos comuns às construções, constituindo como que elos de íntimo parentesco, atribuindo-se as suas origens a diferentes fenómenos, entre os quais se podem incluir os gostos, as tendências ou os hábitos.⁵²

Uma das principais características da arquitectura popular algarvia é a sua simplicidade, que se manifesta não só no aspecto exterior, pela pureza de formas e superfícies, como também pelo seu carácter interior. Ainda assim, apesar da maioria das ermidas algarvias demonstrar esta característica, também existem as que contrariam a regra, atingindo níveis plásticos bastante elevados.

A utilização da cal estende-se a diversos tipos de edifícios, não ficando as construções de carácter religioso como as ermidas de parte. Ora seja aplicada sobre taipa, tijolo ou pedra, esta forma de modelação das superfícies, demonstra uma certa preocupação pelo adorno e ornamentação exterior dos edifícios.

São muitos os exemplos, em que são sabiamente modeladas as superfícies de massa, e em que se nota o valor plástico que a cal emprega sistematicamente nessas superfícies. Este uso quase sistemático acontece devido à extensa existência de calcário na zona. A utilização da taipa e de outros materiais predominantes na região são utilizados porque o seu emprego é o mais sensato, já que não acarreta custos de transporte. Daí as ermidas do Algarve de distinguirem de outras construções religiosas como as no Norte do país em que a Pedra é abundante, e então as suas fachadas são muitas vezes revestidas e construídas com pedra.

A estreita conexão entre as ermidas e a arquitectura popular é produto de uma série de factores, tais como uma economia precária, a intervenção dos mestres locais, o emprego dos materiais existentes nas redondezas e uma valorização global da ermida mais pelo seu significado do que por outra consideração estética.

51 - SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS; (1961); *Arquitectura Popular em Portugal*; Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos; pg. 173.

52 - Idem, *Ibidem*, pg. 229.



Fig. 36 - Ermita de Nossa Senhora da Assunção, Paderne.



Fig. 37 - Ermita de Santo Amaro, Lagos.

10 | Ermidas em Ruínas

Muitas são as ermidas que ao longo do tempo se degradaram de tal forma que chegaram ao ponto de ruir por completo. São vários os motivos que conduzem ao desaparecimento do património arquitectónico religioso. Como já foi dito anteriormente, a região foi perturbada não apenas com ataques de pirataria, como também por sucessivos sismos, com os quais foi testada a fraca qualidade dos materiais de construção utilizados nos vários edifícios. Acabando então muitos deles por ceder, tanto total como parcialmente.

Ainda assim, existem várias ermidas que foram reconstruídas de novo, e outras que foram recuperadas. Algumas durante todo esse processo deixaram de ser pequenas ermidas e passaram a ser igrejas com dimensões consideráveis. Essas, não por serem menos importantes, mas não serão consideradas nesta análise.

As ermidas em questão, encontram-se disseminadas por todo o Algarve; ainda assim, existem concelhos em que se nota haver um maior investimento na conservação do seu Património arquitectónico, fazendo com as ermidas não cheguem ao ponto de ruir.

Monchique aparece integrada neste tema, pela profusão de ermidas que desapareceram ao longo do tempo, na grande maioria devido ao terramoto de 1755, mas que, no entanto, ainda permite o estudo das mesmas por haverem dados relevantes que nos informam da sua existência. É o caso da Ermita de Santo André, desaparecida desde princípio do século XX, da qual não restam vestígios a não ser o topónimo da rua, e a imagem do santo que está instalada na Igreja Matriz. O mesmo ocorreu com a Ermita de Santa Brígida.

A actual Galeria Municipal de Monchique preenche o espaço da antiga Ermita de Santo António, tendo já funcionado como casa de habitação e vacaria. Na Ermita de São Pedro, funciona actualmente uma oficina de automóveis. A Ermita de São José, apesar de não ter sido afectada, passou a ser usada como quartel da Guarda Nacional de Monchique e mais tarde como Teatro.

No Castelo de Paderne também aparece uma ruína da Ermita de Nossa Senhora da Assunção em que ainda existem as paredes exteriores praticamente inteiras, dando conta da sua tipologia de nave única e cobertura de duas águas. Ainda assim, é um caso que apesar de ser considerado património e ser conhecido por estar inserido no conjunto do castelo, se teme pelo seu futuro.

A ermida de Santo Amaro, em Lagos, é outro exemplo que passa despercebido como ermida no meio dos escombros. Em breve, da ermida de Santa Amaro só restará mesmo o topónimo da rua em que se insere, porque da ruína, não restará nada. Em algumas das inúmeras ermidas que se encontram intactas é muitas vezes difícil encontrar informação, ou até encontrar a sua localização exacta. Em relação às ermidas em ruínas esta tarefa, torna-se ainda mais impraticável. Ainda assim, parece importante preservar a memória de algumas de que se foi tendo conhecimento, de forma a ser um testemunho para lembrar que a falta de salvaguarda e de interesse nas restantes ermidas pode vir a transformá-las nisto mesmo – Ruínas.

11 | Lista das Ermidas por Concelho

ALJEZUR

1 SANTO ANTÓNIO DE ALJEZUR

VILA DO BISPO

- 2 SANTO ANTÓNIO DE BELICHE
- 3 NOSSA SENHORA DA GRAÇA
- 4 NOSSA SENHORA DA GUADALUPE
- 5 SANTO ANTÓNIO DE BUDENS
- 6 SÃO LOURENÇO DE VALE DE BOI
- 7 SANTO ANTÓNIO
- 8 SENHORA DA GRAÇA

LAGOS

- 9 SÃO JOÃO
- 10 NOSSA SENHORA DOS AFLITOS
- 11 NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

PORTIMÃO

- 12 SÃO JOÃO
- 13 SÃO PEDRO
- 14 SANTA CATARINA
- 15 SÃO JOSÉ
- 16 NOSSA SENHORA DO AMPARO

LAGOA

- 17 SANTO ANTÓNIO
- 18 NOSSA SENHORA DA ROCHA

SILVES

- 19 SANTO ANTÓNIO | XVII
- 20 NOSSA SENHORA DO PILAR
- 21 NOSSA SENHORA DOS MARTIRES
- 22 SENHORA DA SAÚDE
- 23 SÃO SEBASTIÃO
- 24 SÃO PEDRO
- 25 SANT'ANA
- 26 SANTO ANTÓNIO
- 27 SÃO SEBASTIÃO

ALBUFEIRA

- 28 SÃO SEBASTIÃO
- 29 NOSSA SENHORA DA ORADA

- 30 NOSSA SENHORA DA GUIA
- 31 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ
- 32 SÃO SEBASTIÃO

LOULÉ

- 33 SENHORA DO PILAR
- 34 NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CÉU
- 35 SANTA CATARINA
- 36 NOSSA SENHORA DA BOA HORA
- 37 SÃO LUÍS
- 38 SÃO SEBASTIÃO
- 39 SÃO FAUSTINO
- 40 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ
- 41 SANTA LUZIA
- 42 NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
- 43 NOSSA SENHORA DA PIEDADE
- 44 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ
- 45 SANTA RITA

FARO

- 46 SÃO LUIS
- 47 NOSSA SENHORA DOPÉ DA CRUZ
- 48 NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA
- 49 SÃO SEBASTIÃO
- 50 MARIA MADALENA
- 51 NOSSA SENHORA DO Ó
- 52 NOSSA SENHORA DO REPOUSO
- 53 SANTO ANTÓNIO DO ALTO
- 54 SÃO CRISTOVÃO
- 55 SÃO MIGUEL
- 56 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ
- 57 SANTA CATARINA
- 58 SÃO JOÃO DA VENDA

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

- 59 SÃO SEBASTIÃO

OLHÃO

- 60 SÃO MIGUEL
- 61 ESPIRITO SANTO
- 62 SÃO SEBASTIÃO DOS MATINHOS
- 63 NOSSA SENHORA DA SOLEDADE
- 64 SENHOR DOS AFLITOS

- 65 NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

TAVIRA

- 66 SANTA MARGARIDA
- 67 SENHORA DA SAÚDE
- 68 SÃO PEDRO
- 69 NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS
- 70 SÃO ROQUE
- 71 SENHORA DA PIEDADE
- 72 NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO
- 73 SÃO SEBASTIÃO
- 74 SÃO LÁZARO
- 75 SÃO BRÁS
- 76 SANTA ANA
- 77 SÃO JOÃO DA BARRA
- 78 SENHORA DO LIVRAMENTO
- 79 ARRAIAL FERREIRA NETO

CASTRO MARIM

- 80 SÃO SEBASTIÃO
- 81 SÃO BARTOLOMEU
- 82 SANTO ANTÓNIO

ALCOUTIM

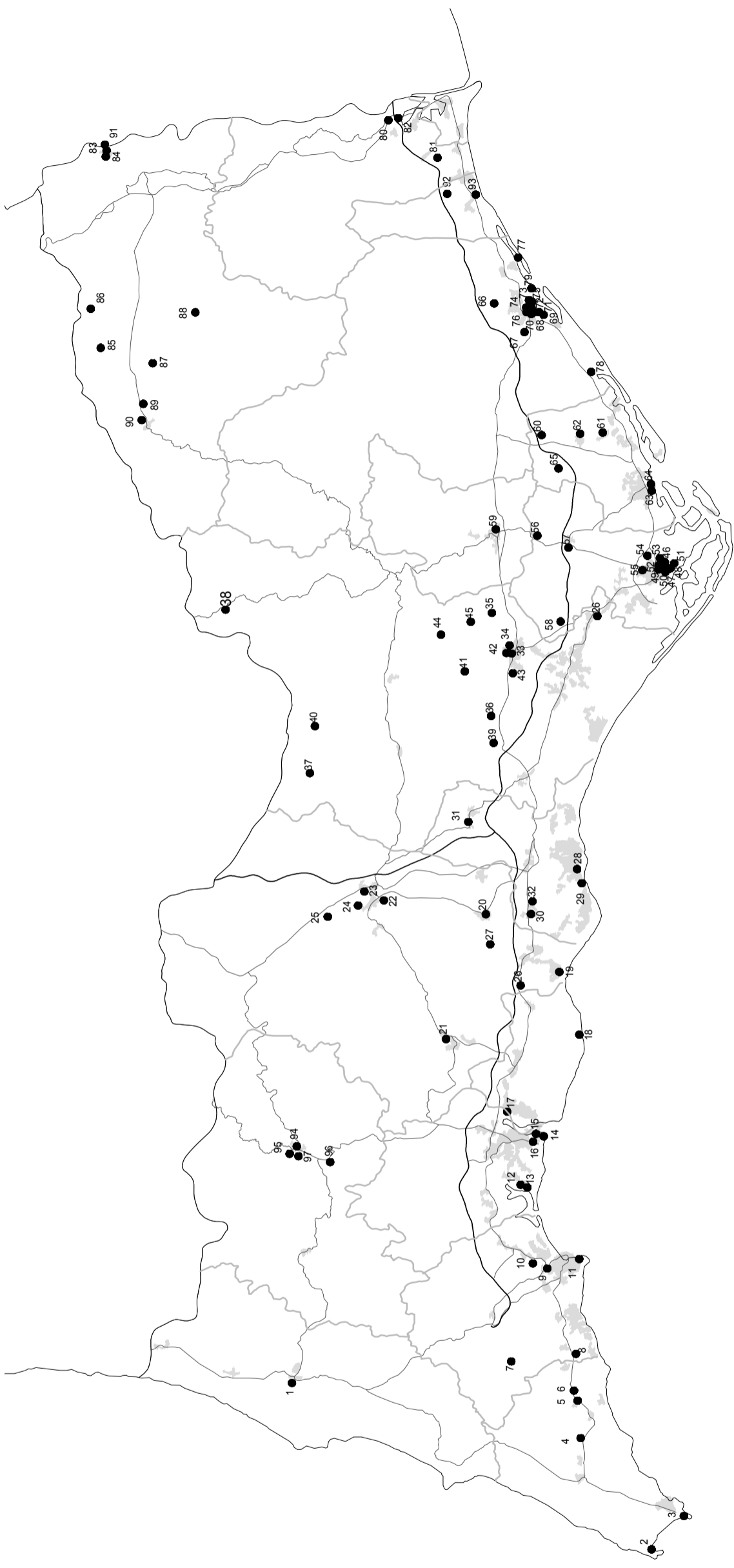
- 83 SANTO ANTÓNIO
- 84 NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
- 85 SÃO BENTO
- 86 NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA
- 87 SÃO DOMINGOS
- 88 SANTA JUSTA
- 89 SÃO SEBASTIÃO
- 90 ESPIRITO SANTO
- 91 MISERICÓRDIA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

- 92 SANTA RITA
- 93 NOSSA SENHORA DOS MARTIRES

MONCHIQUE

- 94 SENHOR DOS PASSOS
- 95 SÃO SEBASTIÃO
- 96 SANTA TERESA
- 97 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ



Planta com identificação das Ermidas inventariadas

12 | Inventariação das Ermidas do Algarve

As páginas que se seguem, correspondem a uma inventariação em que se pretende identificar de forma sintese cada ermida. Assim de uma forma metódica é possível perceber, através do esquema o seu enquadramento, como também o tipo de tipologia a que corresponde. Existe também alguma informação básica sobre cada uma das ermidas. E encontra-se também uma fotografia de fachada em que se percebe em muitos casos semelhanças na sua forma.

Os séculos referentes à origem de cada Ermida estão sujeitos a erro, uma vez que na maior parte dos casos é desconhecida a sua origem exacta. As ermidas que se encontram em ruína não foram tidas em conta para esta inventariação. Existe também a possibilidade de até à data existirem ermidas que não foram contabilizadas.

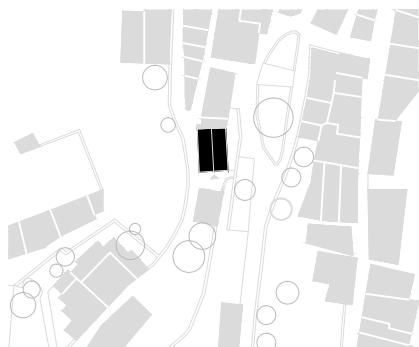
As fotografias são do autor da dissertação, assim como todos os esquemas das Ermidas

Todos os desenhos estão orientados a Norte e à escala 1:1500

ALJEZUR



1 SANTO ANTÓNIO



Aljezur | Século XVII

Cultural e recreativa: museu

Pública: Municipal

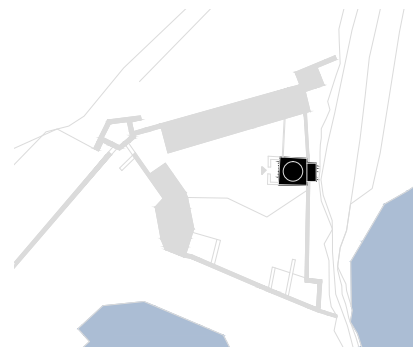
37°19'06.2"N 8°48'13.4"W



VILA DO BISPO



2 SANTO ANTÓNIO DE BELICHE



Sagres | Século XVI?

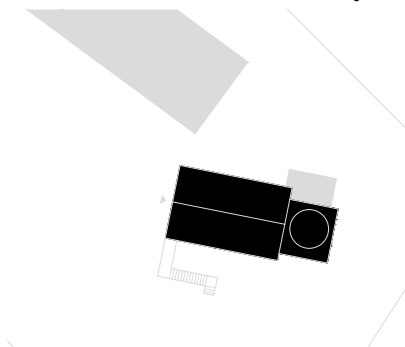
Religiosa: capela

Pública: Municipal

37°01'38.1"N 8°58'55.6"W



3 NOSSA SENHORA DA GRAÇA



Sagres | Século XVI

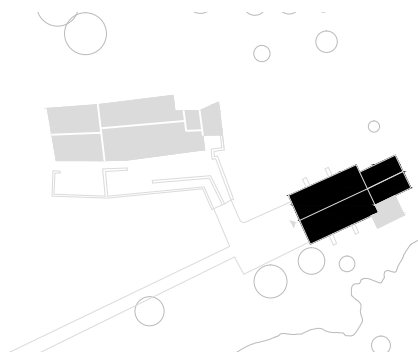
Religiosa: igreja

Pública: Estatal

37°01'38.1"N 8°58'55.7"W



4 NOSSA SENHORA DA GUADALUPE



Budens/Raposeira | Século XIV

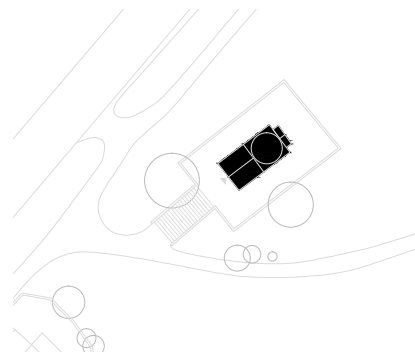
Religiosa: igreja/Cultural e recreativa: museu

Pública: Estatal

37°00'01.7"N 8°56'58.0"W



5 SANTO ANTÓNIO DE BUDENS



Budens | Século XVI/ XVII

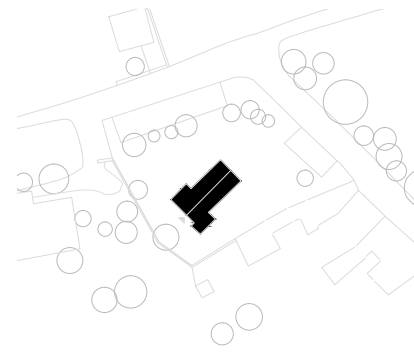
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°05'01.2"N 8°51'53.3"W



6 SÃO LOURENÇO DE VALE DE BOI



Vale de Boi | Século XVII/XVIII

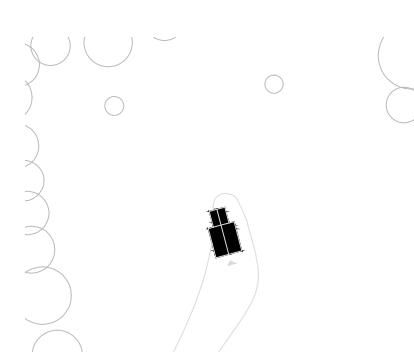
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°05'25.6"N 8°48'48.9"W



7 SANTO ANTÓNIO



Vila do Bispo | Século XIX

Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

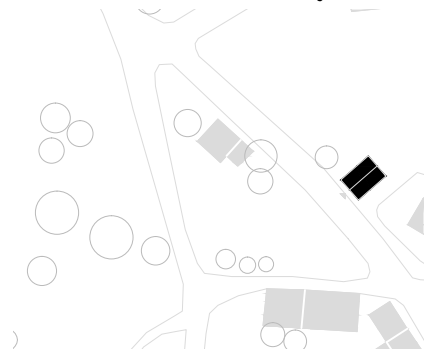
37°03'35.4"N 8°56'16.6"W



LAGOS



8 SENHORA DA GRAÇA



Hortas do Tabual, Vila do Bispo | Século XX

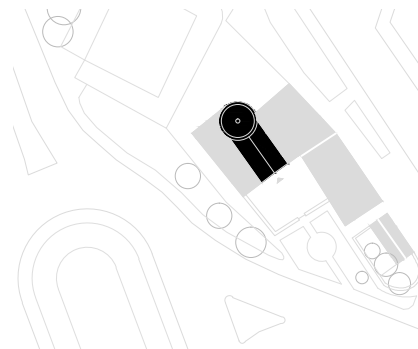
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°03'35.4"N 8°56'16.6"W



9 SÃO JOÃO



Lagos | Século XII

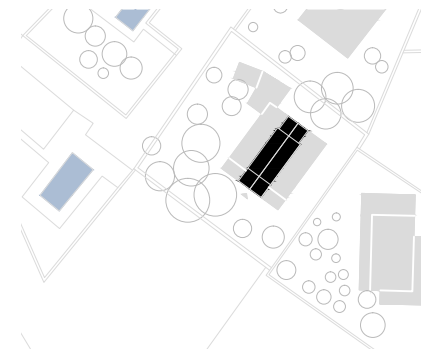
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°06'41.9"N 8°40'50.9"W



10 NOSSA SENHORA DOS AFLITOS



Lagos | Século XV

Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°07'22.9"N 8°40'29.7"W



PORTIMÃO



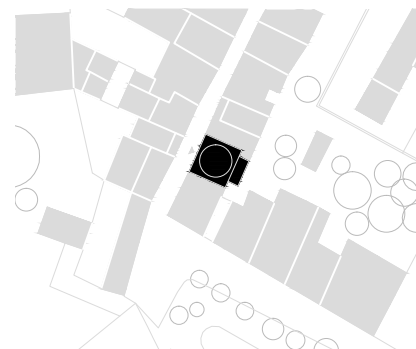
11 NOSSA SRA. DA PENA DE FRANÇA



Lagos | Século XI
Religiosa: capela
Pública: Municipal
37°05'56.3"N 8°40'05.7"W



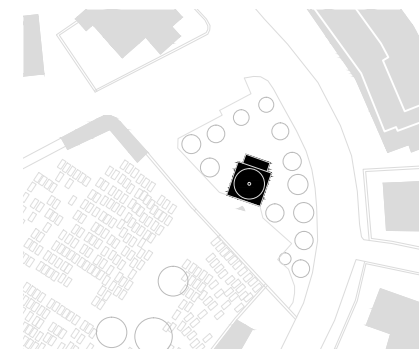
12 SÃO JOÃO



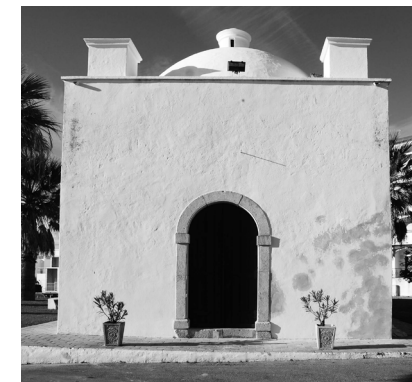
Alvor | Século XI
Religiosa: igreja
Pública: Municipal
37°07'45.9"N 8°35'44.2"W



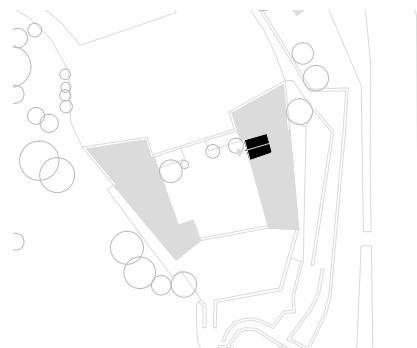
13 SÃO PEDRO



Alvor | Século XI
Religiosa: igreja
Pública: Municipal
37°07'53.6"N 8°35'29.1"W



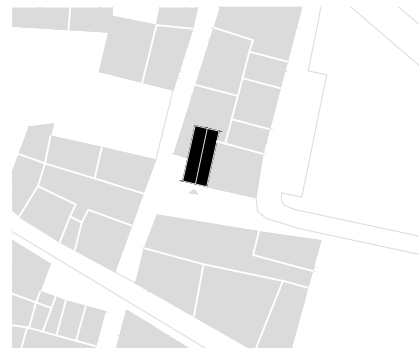
14 SANTA CATARINA



Portimão | Século XVI/ XVII
Religiosa: igreja
Pública: Estatal
37°06'59.9"N 8°31'46.4"W



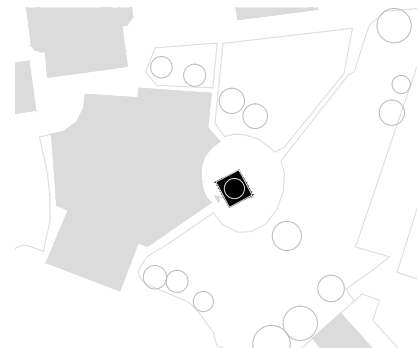
15 SÃO JOSÉ



Portimão | Século XVII/XVIII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°08'26.4"N 8°31'57.6"W



16 NOSSA SENHORA DO AMPARO



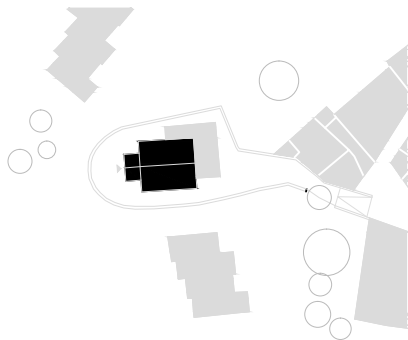
Portimão | Século XVII
Religiosa: capela
Privada: Igreja Católica
37°07'50.6"N 8°32'29.1"W



LAGOA



17 SANTO ANTÓNIO



Mexilhoeira | Século XVII

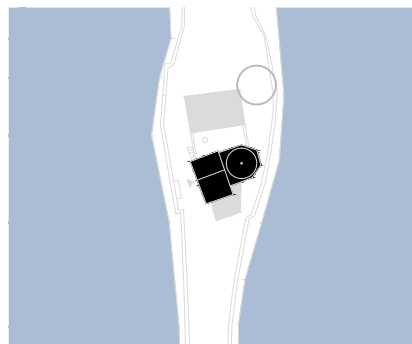
Religiosa: Igreja

Pública: Municipal

37°08'48.2"N 8°30'31.6"W



18 SENHORA DA ROCHA



Porches | Século VIII

Religiosa: ermida

Pública: Estatal

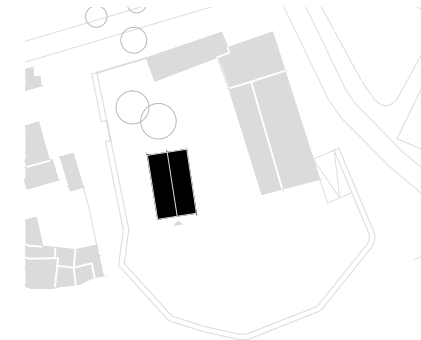
37°05'45.2"N 8°23'11.3"W



SILVES



19 SANTO ANTÓNIO



Armação de Pêra | Século XVIII

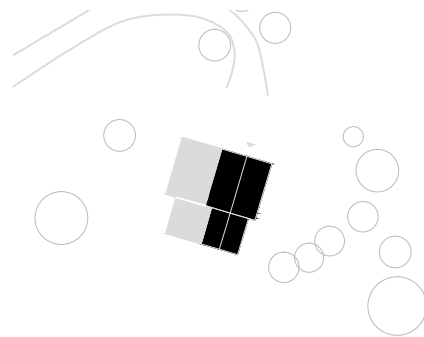
Religiosa: igreja/Cultural e recreativa: museu

Pública: Estatal

37°06'03.0"N 8°21'32.9"W



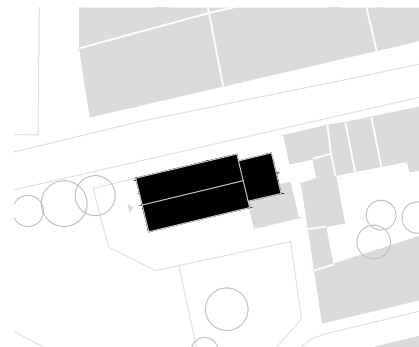
20 SENHORA DO PILAR



Algoz | Século XVIII
Devoluta
Privada: Igreja Católica
37°09'33.4"N 8°17'58.1"W



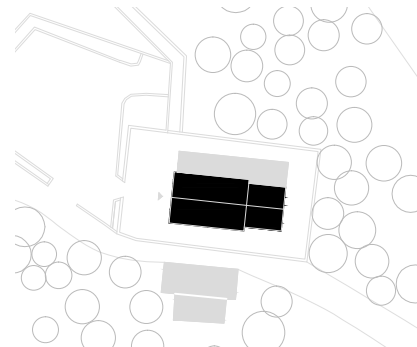
21 SENHORA DOS MÁRTIRES



Silves | Século XII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°11'22.0"N 8°26'37.6"W



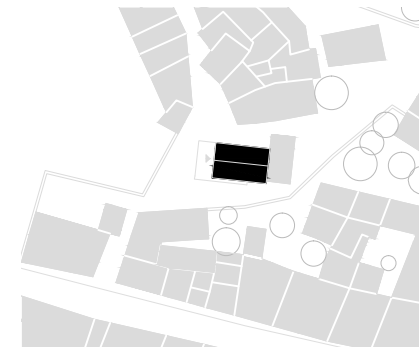
22 SENHORA DA SAÚDE



São Bartolomeu de Messines | Século XVIII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°15'02.4"N 8°17'15.0"W



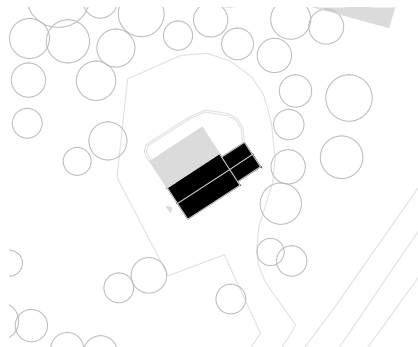
23 SÃO SEBASTIÃO



São Bartolomeu de Messines | Século XVI
Religiosa: capela | Fúnebre
Privada: Igreja Católica
37°15'23.2"N 8°17'04.1"W



24 SÃO PEDRO



São Bartolomeu de Messines | Século XVIII

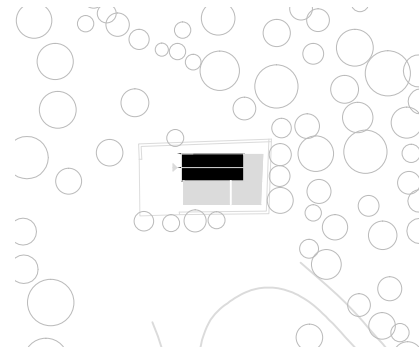
Religiosa: ermida

Privada: Igreja Católica

37°15'47.9"N 8°17'38.0"W



25 SANT'ANA



São Bartolomeu de Messines | Século XVI/XVII

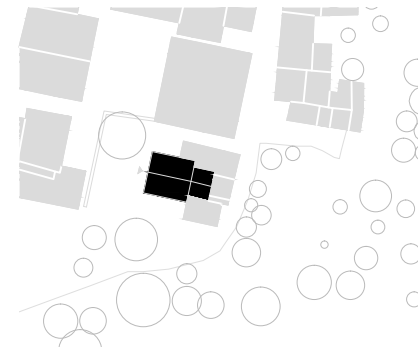
Religiosa: ermida

Privada: Igreja Católica

37°16'49.2"N 8°17'49.7"W



26 SANTO ANTÓNIO



Alcantarilha | Século XVIII

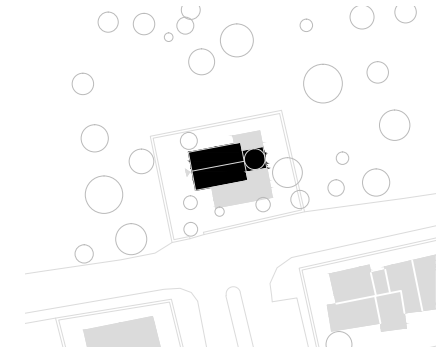
Religiosa: capela

Privada: Igreja Católica

37°07'46.7"N 8°21'00.4"W



27 SÃO SEBASTIÃO



Algoz | Século XVII/XVIII

Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

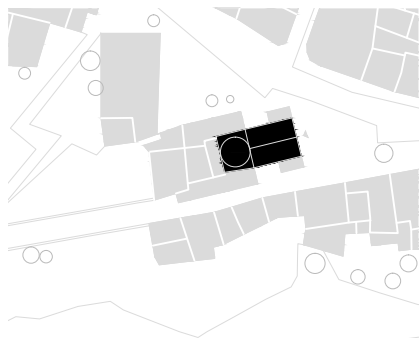
37°09'24.4"N 8°20'11.5"W



ALBUFEIRA



28 SÃO SEBASTIÃO



Albufeira | Século XVI

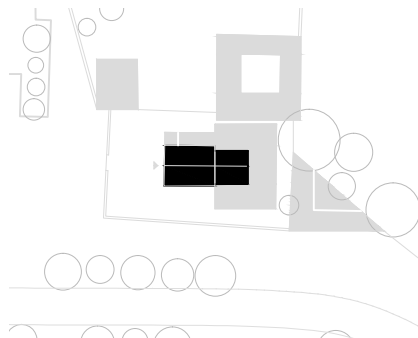
Cultural e recreativa: museu

Publica: Municipal

37°05'13.2"N 8°15'14.1"W



29 NOSSA SENHORA DA ORADA



Albufeira | Século XVI

Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°05'07.7"N 8°15'51.9"W



30 NOSSA SENHORA DA GUIA



Guia | Século XV/XVII

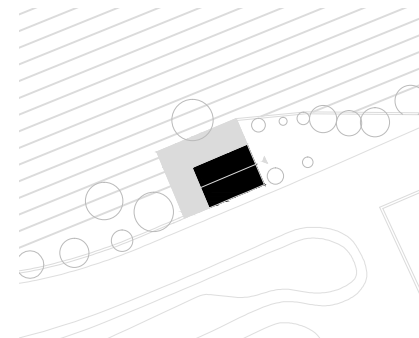
Religiosa: igreja | Fúnebre

Privada: Igreja Católica

37°07'36.6"N 8°18'04.7"W



31 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ



Paderne | Século XVII/XVIII

Religiosa: igreja | Fúnebre

Privada: Igreja Católica

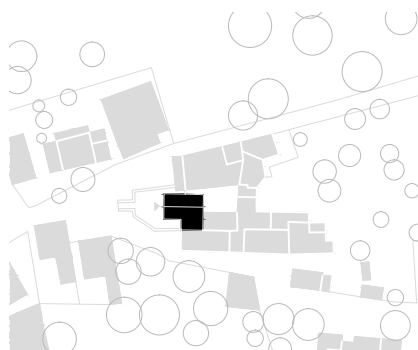
37°10'32.7"N 8°12'20.2"W



LOULÉ



32 SÃO SEBASTIÃO



Guia | Século XVI

Religiosa: igreja | Fúnebre

Privada: Igreja Católica

37°07'36.4"N 8°17'50.5"W



33 NOSSA SENHORA DO PILAR



Loulé | Século XVII

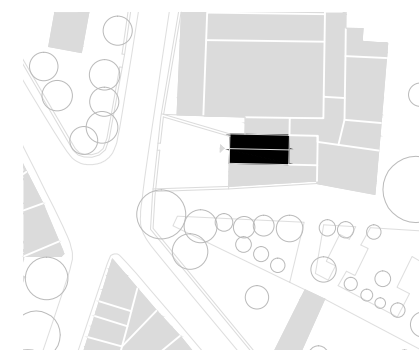
Educativa

Privada: Igreja Católica

37°08'13.0"N 8°01'25.2"W



34 NOSSA SRA. DAS PORTAS DO CÉU



Loulé | Século XVII

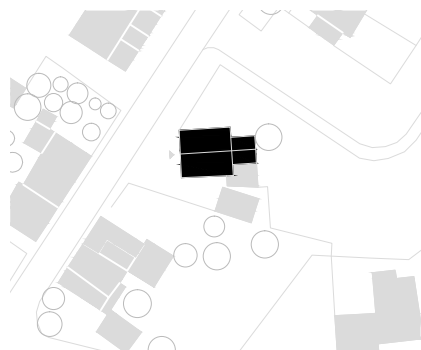
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°08'07.8"N 8°01'04.5"W



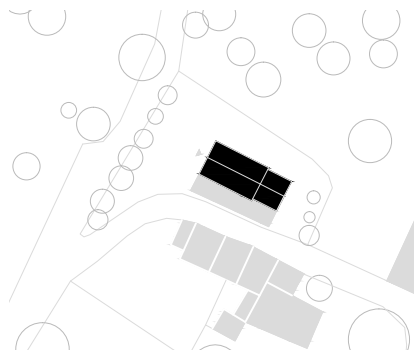
35 SANTA CATARINA



Goncinha | Século XV
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°07'17.8"N 8°00'58.8"W



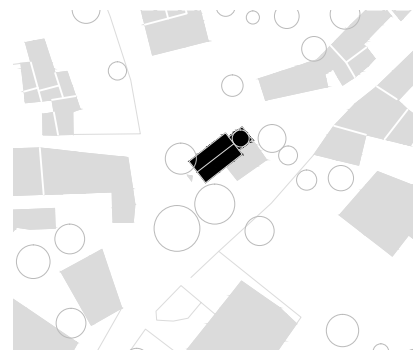
36 NOSSA SENHORA DA BOA HORA



Parragil | Século XVIII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°09'51.4"N 8°05'46.7"W



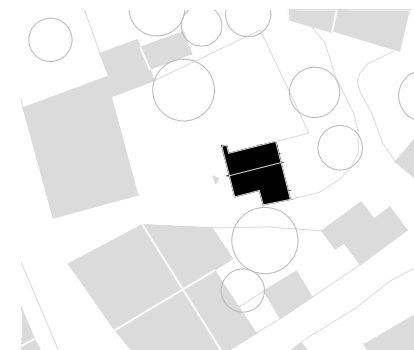
37 SÃO LUÍS



Alte | Século XV
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°14'12.8"N 8°10'27.9"W



38 SÃO SEBASTIÃO



Ameixal | Século XVII/XVIII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°21'49.5"N 7°57'42.9"W



39 SÃO FAUSTINO



São Faustino, Boliquireme | Século XVII

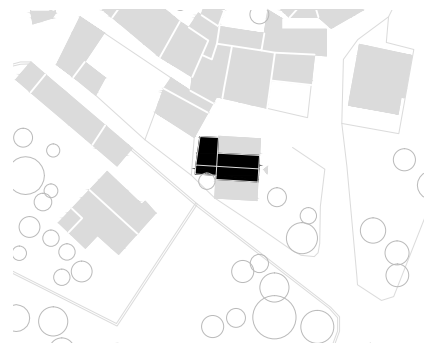
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°09'34.2"N 8°07'03.5"W



40 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ



Salir , Loulé | Século XVI

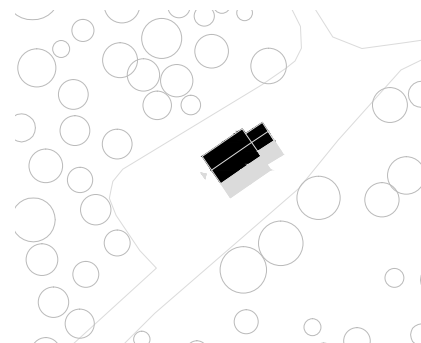
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°14'31.8"N 8°02'47.1"W



41 SANTA LUZIA



Santa Luzia, Loulé | Século XVI

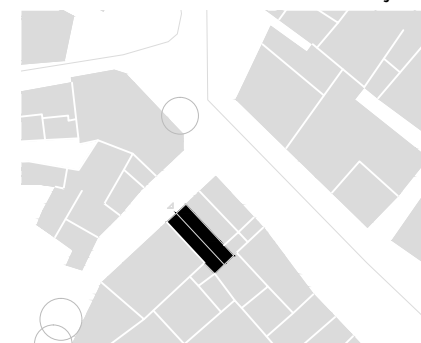
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°08'51.5"N 8°00'59.1"W



42 NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO



Loulé | Século XVII

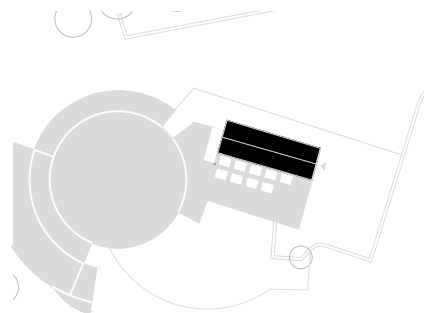
Religiosa: igreja

Pública: Municipal

37°08'13.0"N 8°01'25.2"W



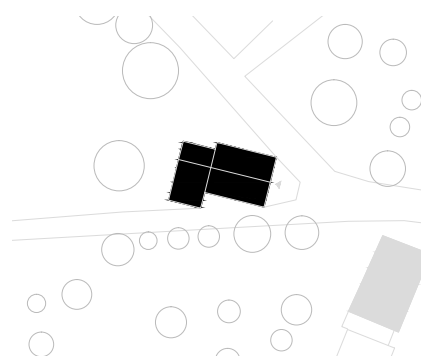
43 NOSSA SENHORA DO PIEDADE



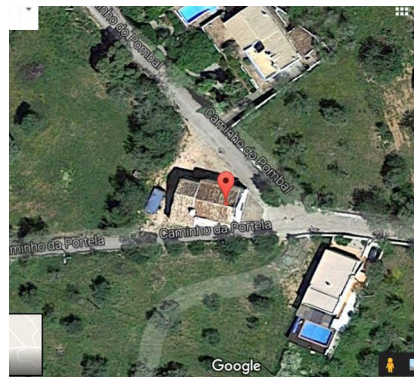
Loulé | Século XVI
Religiosa: igreja
Pública: Municipal
37°08'13.0"N 8°01'25.2"W



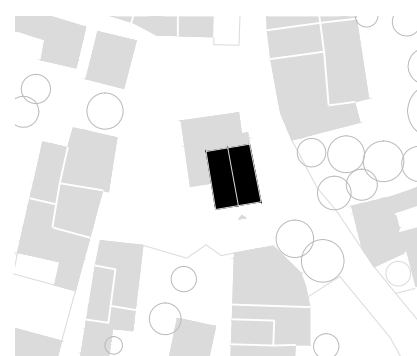
44 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ



Querença | Século XVIII
Museológica
Pública: Municipal
37°11'56.4"N 7°59'23.9"W



45 SANTA RITA



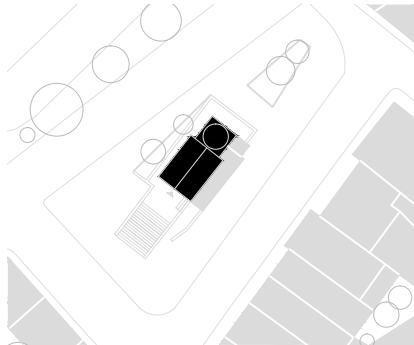
Tôr | Século XVI?
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°11'47.7"N 8°02'09.8"W



FARO



46 SÃO LUÍS



Faro | Século XVII

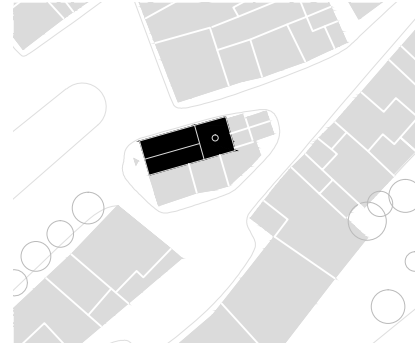
Religiosa: igreja | Cultural e Recreativa

Privada: Igreja Católica

37°01'18.9"N 7°55'39.8"W



47 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ



Faro | Século XVII

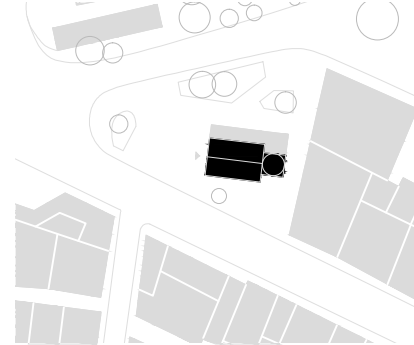
Religiosa: igreja | Funerária

Privada: Igreja Católica

37°00'56.3"N 7°55'45.8"W



48 NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA



Faro | Século XV/XVI

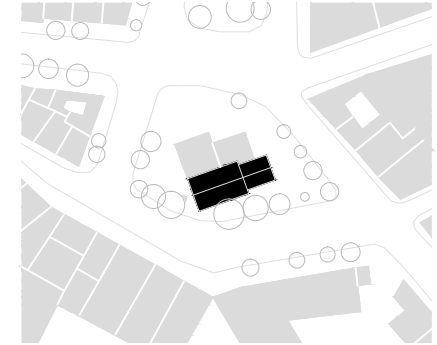
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Ortodoxa

37°01'15.3"N 7°55'57.6"W



49 SÃO SEBASTIÃO



Faro | Século XVI

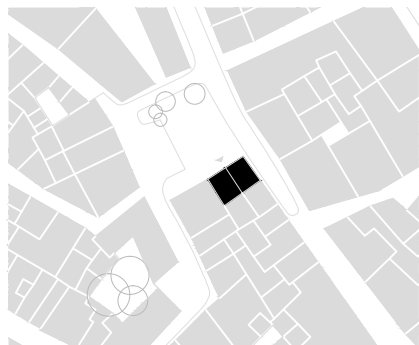
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Ortodoxa

37°01'13.8"N 7°56'15.4"W



50 SANTA MARIA MADALENA



Faro | Século XV

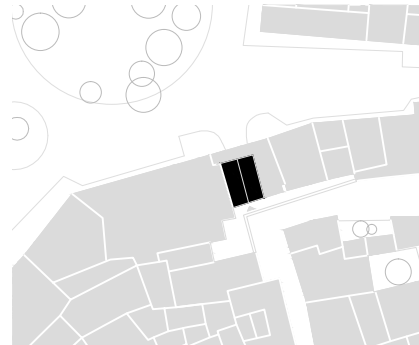
Residencial: habitação | Comercial: loja

Privada: Pessoa singular

37°01'04.5"N 7°56'12.0"W



51 NOSSA SENHORA DO Ó



Faro | Século XV/ XVIII

Político-Administrativa: Governo Civil

Pública: Estatal

37°00'52.7"N 7°56'05.2"W



52 SENHORA DO REPOUSO



Faro | Século XVIII

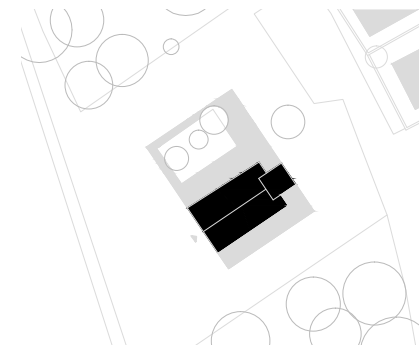
Religiosa: capela

Pública: Municipal

37°00'48.4"N 7°55'58.8"W



53 SANTO ANTÓNIO DO ALTO



Faro | Século XV

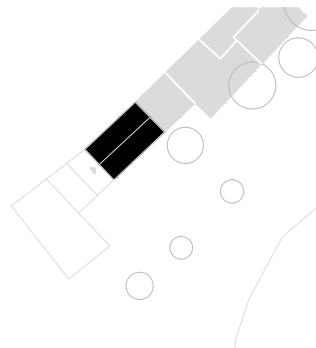
Religiosa: igreja/Cultural e recreativa: museu

Pública: Municipal

37°01'09.8"N 7°55'13.1"W



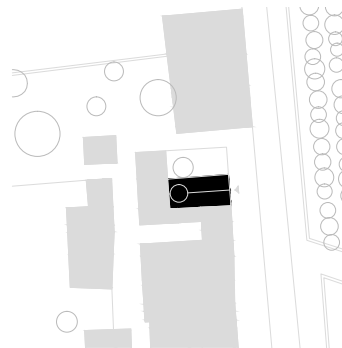
54 SÃO CRISTÓVÃO



Faro | Século XVI
Armazém agrícola
Privada: Pessoa Singular
37°01'44.0"N 7°55'04.4"W



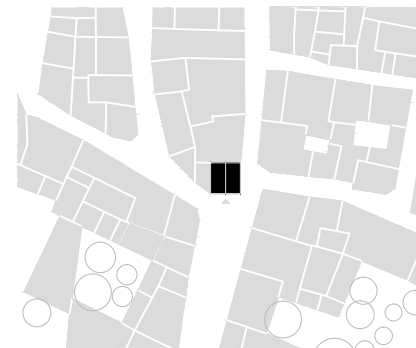
55 SÃO MIGUEL



Faro | Século XVIII
Devoluta
Privada: Pessoa singular
37°06'16.1"N 7°49'47.7"W



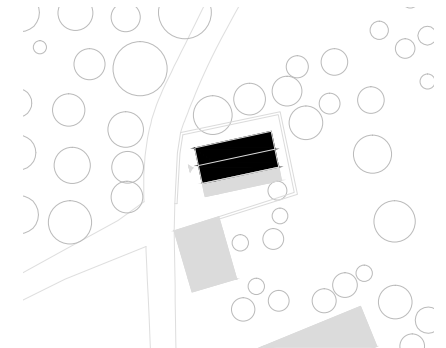
56 NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ



Estoi | Século XVII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°05'41.2"N 7°53'40.3"W



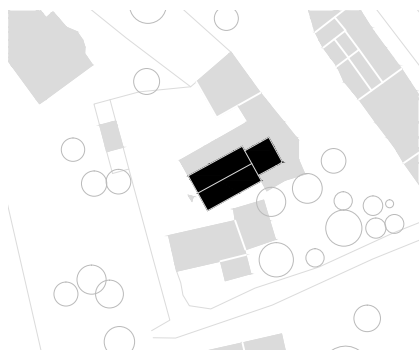
57 SANTA CATARINA



Gorjões de Baixo | Século XVII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°08'22.2"N 7°57'12.3"W



58 SÃO JOÃO DA VENDA



São João da Venda | Século XVI

Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°04'28.8"N 7°58'48.2"W



SÃO BRÁS DE ALPORTEL



59 SÃO SEBASTIÃO



São Brás de Alportel | Século XVII

Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

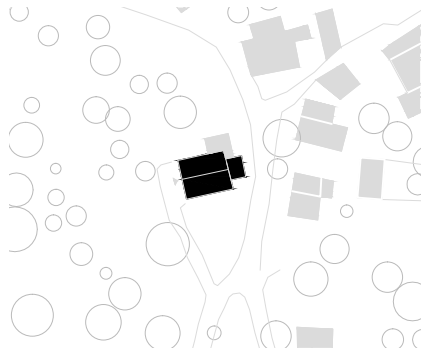
37°09'09.6"N 7°53'25.6"W



OLHÃO



60 SÃO MIGUEL



Cerro de São Miguel | Século XVI

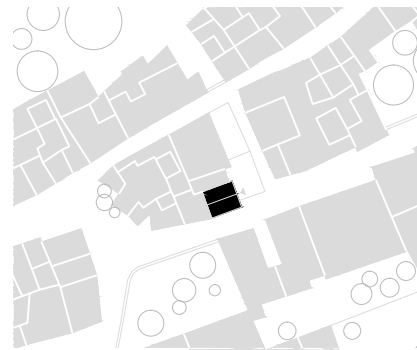
Religiosa: ermida

Privada: Igreja Católica

37°06'16.1"N 7°49'47.7"W



61 ESPÍRITO SANTO



Moncarapacho | Século XVII

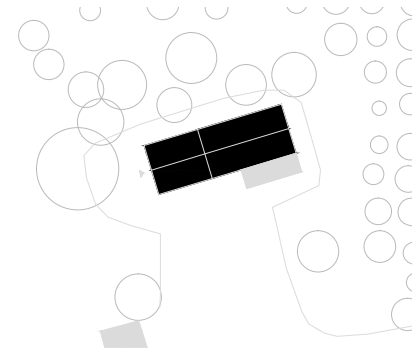
Religiosa: igreja | Funebre

Privada: Igreja Católica

37°05'03.5"N 7°47'20.2"W



62 SÃO SEBASTIÃO DOS MATINHOS



Laranjeiro, Moncarapacho | Século XVI/XVII

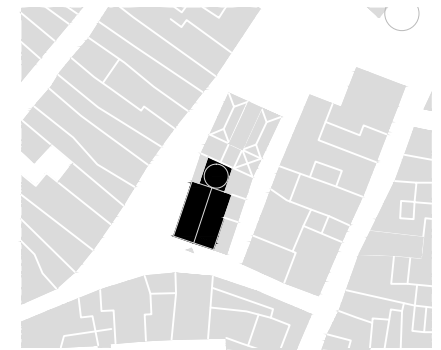
Religiosa: ermida

Privada: Igreja Católica

37°03'39.5"N 7°47'07.4"W



63 NOSSA SENHORA DA SOLEDADE



Olhão | Século XVII

Religiosa: Igreja, capela mortuária

Privada: Igreja Católica

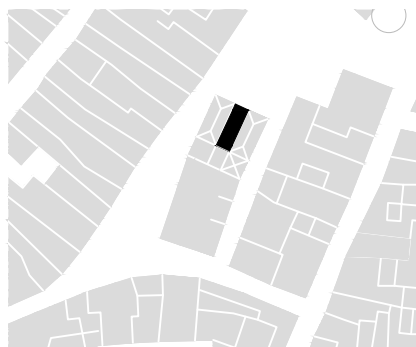
37°01'34.6"N 7°50'26.6"W



TAVIRA



64 SENHOR DOS AFLITOS



Olhão | Século XVI ?

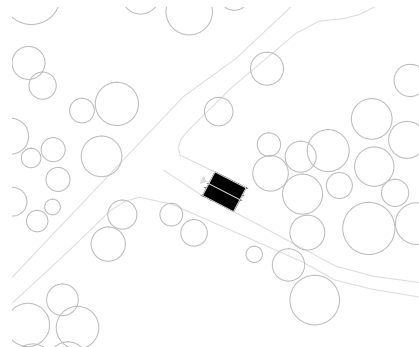
Religiosa: capela

Privada: Igreja Católica

37°01'35.5"N 7°50'25.6"W



65 NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

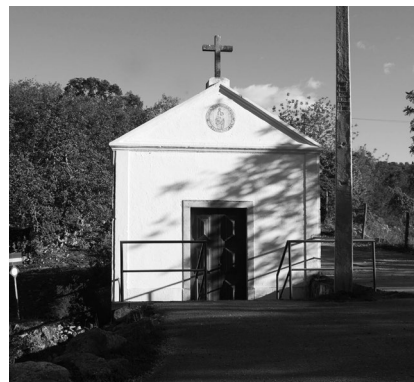


Olhão | Século

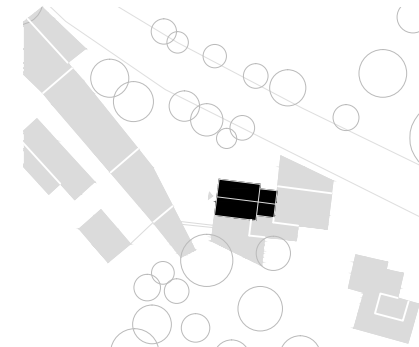
Religiosa: ermida

Privada: Igreja Católica

37°06'16.1"N 7°49'47.7"W



66 SANTA MARGARIDA



Santa Margarida | Século XVI

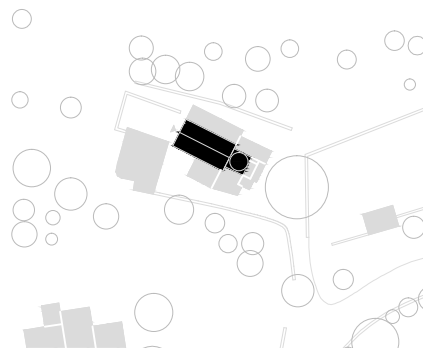
Religiosa: igreja

Pública: Estatal

37°07'50.2"N 7°40'25.7"W



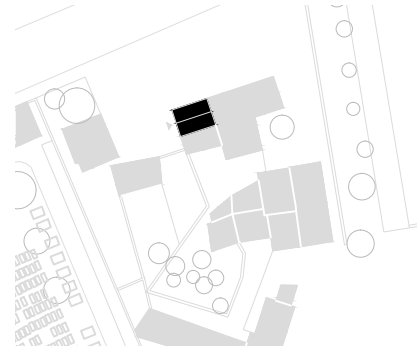
67 NOSSA SENHORA DA SAÚDE



São Marcos | Século XV
Religiosa: ermida
Pública: Municipal
37°09'27.8"N 7°39'04.2"W



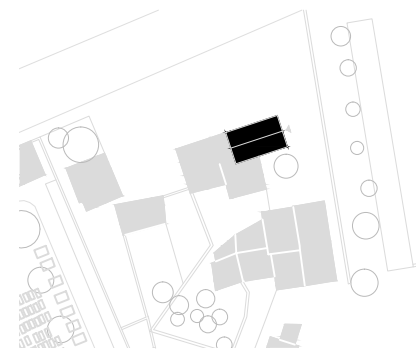
68 SÃO PEDRO



Tavira | Século XVII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°07'07.2"N 7°39'38.2"W



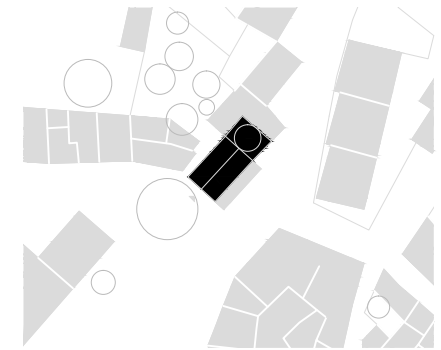
69 NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS



Tavira | Século XVII
Cultural e recreativa: museu
Pública: Municipal
37°07'07.3"N 7°39'37.5"W



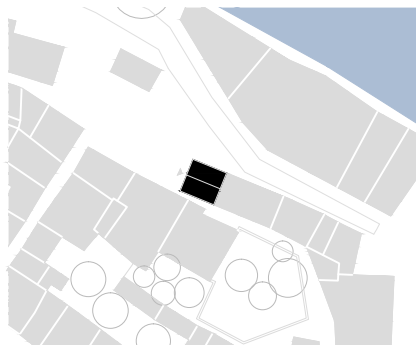
70 SÃO ROQUE



Sagres | Século XVI
Religiosa: igreja
Pública: Estatal
37°00'01.7"N 8°56'58.0"W



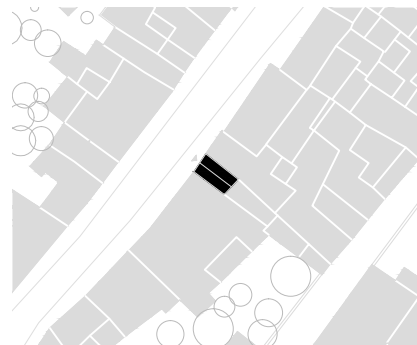
71 NOSSA SENHORA DA PIEDADE



Tavira | Século XVIII
Religiosa: capela
Privada: Igreja Católica
37°07'35.4"N 7°39'02.3"W



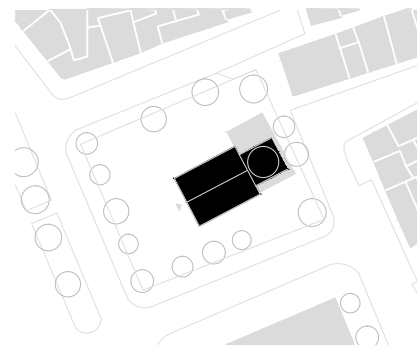
72 SENHORA DA CONSOLAÇÃO



Tavira | Século XVII
Religiosa: capela
Privada: Igreja Católica
37°07'28.8"N 7°39'03.1"W



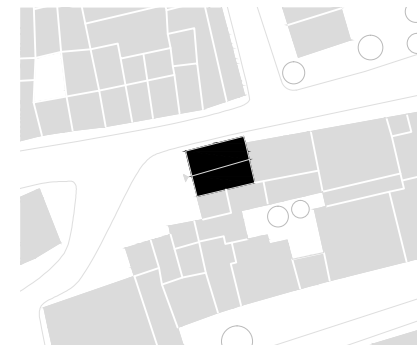
73 SÃO SEBASTIÃO



Tavira | Anterior ao século XVII
Religiosa: igreja
Pública: Municipal
37°07'20.3"N 7°38'49.6"W



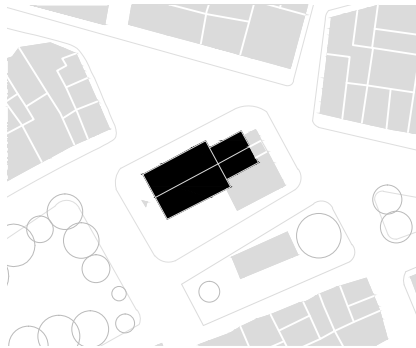
74 SÃO LÁZARO



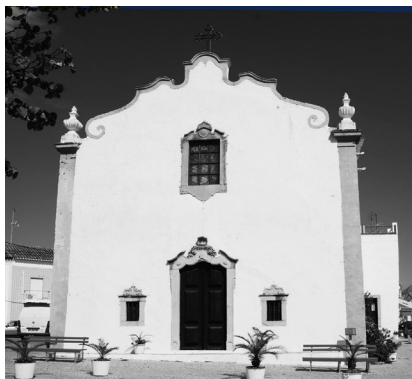
Tavira | Século XV
Religiosa: ermida
Privada: Igreja Católica
37°07'42.0"N 7°38'39.6"W



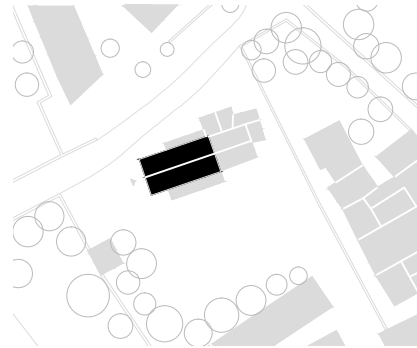
75 SÃO BRÁS



Tavira | Século XV
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°07'44.6"N 7°38'51.7"W



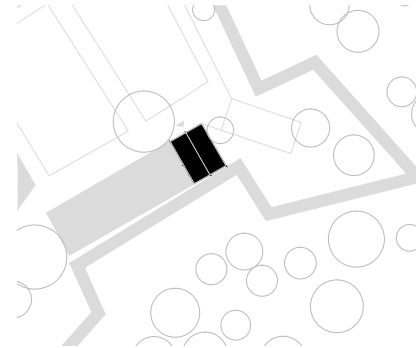
76 SANTA ANA



Tavira || Século XVI/ XVI
Religiosa: ermida
Pública: Municipal
37°07'43.2"N 7°39'05.3"W



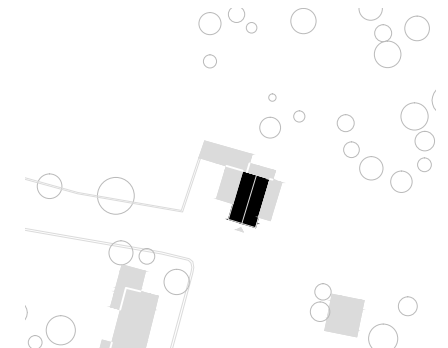
77 SÃO JOÃO DA BARRA



Cabanas de Tavira, Tavira | Século XVII
Cozinha de Unidade Hoteleira
Privada: Particular
37°19'06.2"N 8°48'13.4"W



78 NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO



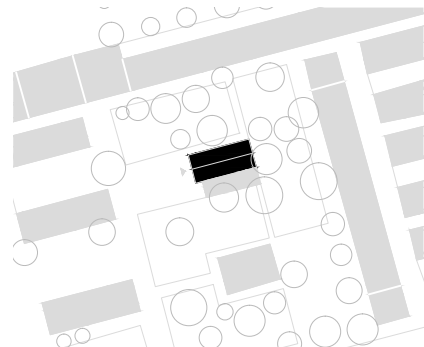
Livramento | Século XVIII
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°04'21.3"N 7°43'42.0"W



CASTRO MARIM



79 ARRAIAL FERREIRA NETO



Tavira | Século XX

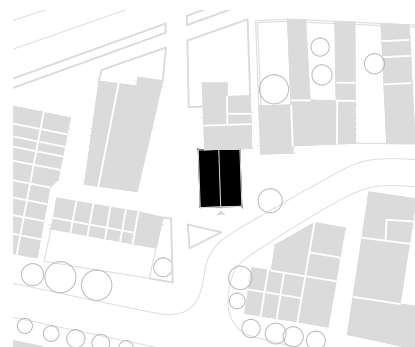
Religiosa: igreja

Privada : Particular

37°07'08.6"N 7°37'36.0"W



80 SÃO SEBASTIÃO



Castro Marim | Século XVII

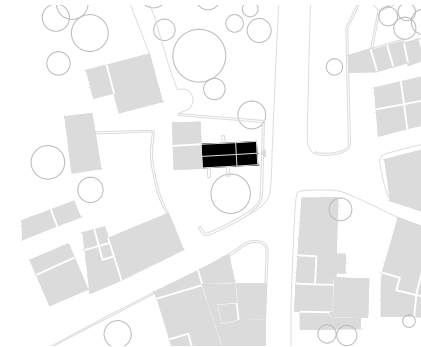
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°13'04.4"N 7°26'47.3"W



81 SÃO BARTOLOMEU



São Bartolomeu | Século XVIII

Religiosa: capela

Privada: Igreja Católica

37°11'38.9"N 7°29'04.9"W



ALCOUTIM



Castro Marim | Século XVII
Religiosa: ermida
Pública: Municipal
37°12'57.9"N 7°26'21.0"W



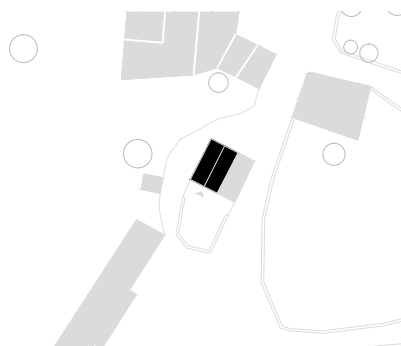
Alcoutim | Século XVII
Cultural e recreativa: museu
Pública: Municipal
37°28'17.3"N 7°28'16.9"W



Alcoutim | Século XVI ?
Religiosa: capela
Pública: Municipal
37°28'12.2"N 7°28'25.8"W



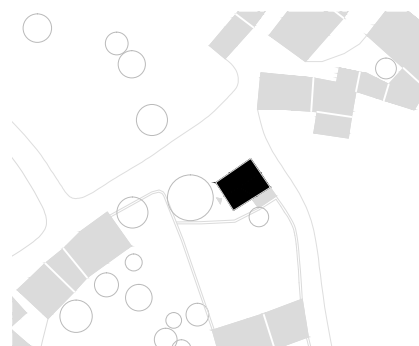
85 SÃO BENTO



Alcaria Queimada | Século XVII
Religiosa: capela
Privada: Igreja Católica
37°23'44.4"N 7°39'27.9"W



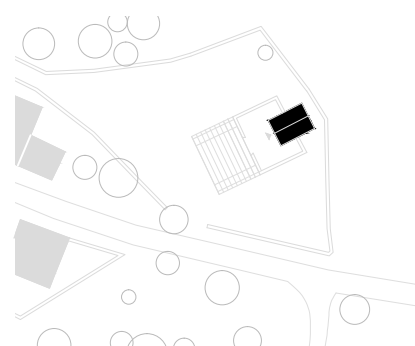
86 NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA



Clarines | Século XVI ?
Religiosa: Capela
Privada: Igreja Católica
37°28'56.6"N 7°39'13.6"W



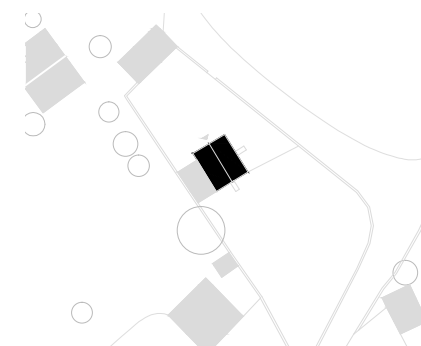
87 SÃO DOMINGOS



Giões | Século XVI
Religiosa: Ermida
Privada: Igreja Católica
37°05'16.5"N 8°49'30.6"W



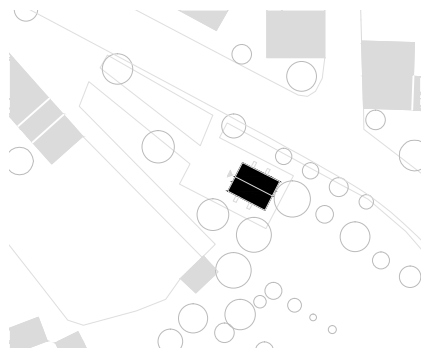
88 SANTA JUSTA



Santa Justa, Martim Longo | Século XVI
Religiosa: ermida
Pública: Estatal
37°25'27.1"N 7°43'07.6"W



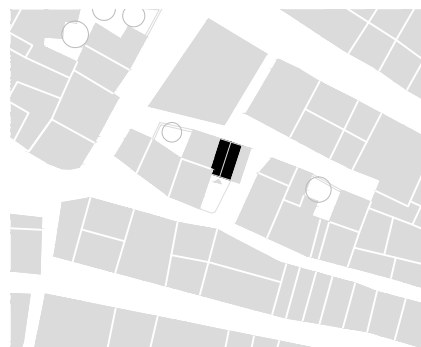
89 SÃO SEBASTIÃO



Martim Longo | Século XVI ?
Religiosa: Capela
Privada: Igreja Católica
37°26'19.3"N 7°45'57.7"W



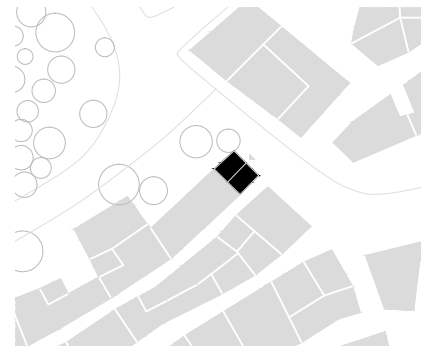
90 ESPÍRITO SANTO



Martim Longo | Século XVI
Religiosa: Capela Mortuária
Privada: Igreja Católica
37°26'26.9"N 7°46'14.4"W



91 MISERICÓRDIA



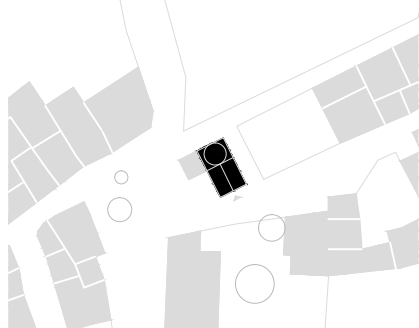
Alcoutim | Século XVI
Religiosa: igreja
Privada: Igreja Católica
37°28'16.9"N 7°28'20.1"W



V. REAL DE ST. ANTÓNIO



92 SANTA RITA



Santa Rita, V. R. Santo António | Século XVIII

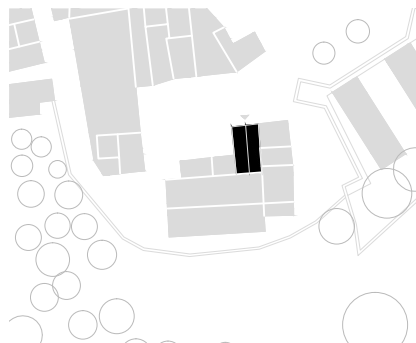
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°10'47.6"N 7°34'17.4"W



93 NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES



Vila de Cacela | Século XVI?

Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

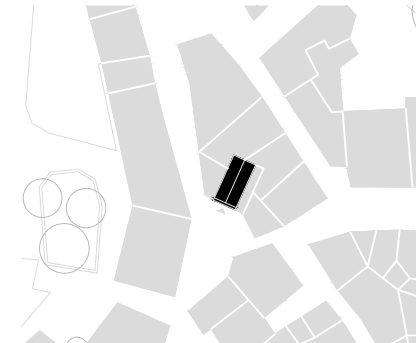
37°09'25.7"N 7°32'45.6"W



MONCHIQUE



95 SENHOR DOS PASSOS



Monchique | Século XVIII

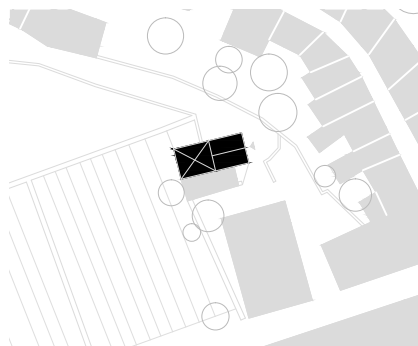
Religiosa: igreja

Privada: Igreja Católica

37°19'14.1"N 8°33'20.7"W



96 SÃO SEBASTIÃO



Monchique | Século XVI

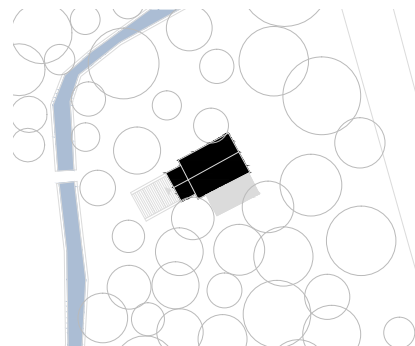
Religiosa: igreja

Pública: Municipal

37°19'01.5"N 8°33'24.0"W



97 SANTA TERESA

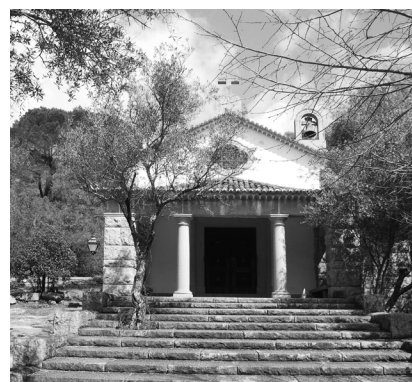


Monchique | Século XX

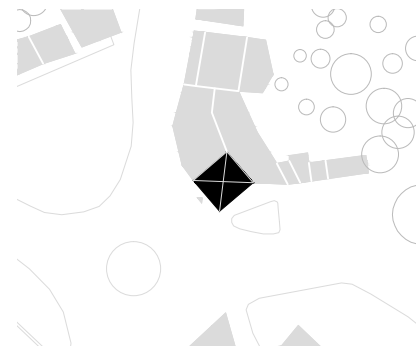
Religiosa: capela

Privada: Igreja Católica

37°17'10.8"N 8°33'09.2"W



98 PÉ DA CRUZ



Monchique | Século XVII

Religiosa: igreja

Pública: Municipal

37°18'44.3"N 8°33'19.0"W



PARTE III

Fig. 38 - Configuração geográfica do Reyno do Algarve, dividido em comarcas e subdividido por termos (cota CPAR-37).

José de Sande Vasconcelos; 1730?-1808; (cota CPAR-37).

<http://purl.pt/24777/2/> (20.04.2015)



1 | O sistema defensivo do litoral algarvio

A área em estudo é hoje um destino turístico de excelência, especialmente pelas suas belezas naturais tanto no litoral como no interior.

Mas se por um lado o mar é hoje o principal chamariz dos turistas, também desde há muitos séculos atrás era o principal meio de subsistência das inúmeras vilas piscatórias distribuídas ao longo da costa, e era também através dele que era permitido uma fácil comunicação com o exterior.

No entanto esse contacto com o exterior nem sempre foi favorável, o que fez com que os cerca de 200km de costa necessitassem de defesa contra as insistentes invasões do inimigo que planeava a conquista do território.

Uma particularidade desta região é que qualquer dos seus pontos, raramente dista mais de 50 km do mar. Esta proximidade fez com que fosse urgente criar uma forte linha defensiva em toda a costa (fortificação marítima), mas também estruturas de defesa no interior (fortificação terrestre).

Estas estruturas habitáveis ou não, permitiam não só proteger a população, como também os seus bens.

Como qualquer tipo de construção, também estas evoluíram ao longo dos séculos. Foram-se corrigindo erros, aperfeiçoando técnicas, e adaptando as estruturas iniciais às necessidades de cada época.

Os lugares em que aparecem estas estruturas são lugares estrategicamente pensados e desenhados. Muitos desses desenhos ainda perduram no tempo, e é através deles que é possível compreender o pensamento defensivo da altura, um pensamento fundamentalmente funcional e estratégico.

As fortalezas, que nessa altura preencheram a linha de defesa costeira do Algarve, aproveitaram, na sua grande maioria, os castros (campo ou fortificação que na Península Ibérica são de origem romana ou pré-romana), construções que vinham já de um passado remoto e que sempre estiveram relacionados em missões de defesa, havendo neles também a distinta característica de ocuparem, regra geral, posições estratégicas na linha de costa, daí a razão de nunca deixarem de ser aproveitados e reactivados, adaptando-os sempre aos condicionalismos do tempo em que eram usados.⁵³

A Arquitectura militar, resultante destas estruturas é uma importante marca no património arquitectónico algarvio constituído por castelos, fortalezas e torres, dispersos pela costa. Os dois primeiros tipos de fortificação destinavam-se a acolher populações ameaçadas ou a afastar inimigos, enquanto as torres e atalaias, eram utilizadas para avisar os habitantes da aproximação de corsários, facilitando assim a defesa, e permitindo colocar, a tempo, os bens em lugar seguro. As estruturas de maior dimensão são por norma situadas no interior, marcando uma imponência no território.

Os momentos de maior incidência na consolidação do sistema defensivo foram a ocupação islâmica; reconquista cristã, em



Fig. 39 - Forte da Ponta da Bandeira, Lagos.

53 - SANTOS, Rossel M.; (2001); História do Concelho de Lagoa; pg. 276.

meados do século XVI, quando enfraqueceu a presença portuguesa no Norte de África e os Berberes e Turcos atacavam com frequência a costa do Algarve; domínio filipino pós Restauração de 1640.⁵⁴

Apesar da maioria das obras serem de fortificação marítima, estas divergem no seu traçado e na concepção das estruturas fortificadas. Na Era Filipina construía-se em Portugal segundo os métodos designados por “tradição italiana” onde Alexandre de Massai⁵⁵ estudou e adoptou vários locais estratégicos da costa alentejana e algarvia. Na Guerra da Restauração fortificou-se essencialmente segundo a “tradição holandesa”.⁵⁶

A arquitectura militar é uma área do património extremamente atractiva devido à linguagem minimalista das estruturas fortificadas. Tudo é racional, tudo faz sentido, tudo é construído de forma a conseguir que a fortificação seja um campo de batalha em que o defensor esteja em vantagem clara.⁵⁷

As muralhas não só serviam para proteger como também para identificar o seu povo frente aos possíveis inimigos. Mais do que significar a identidade e a segurança de uma população, sempre serviram para dividir um espaço em duas referências: dentro/fora, perto/longe, nós/eles (os outros). Se houve tempos em que não se concebia uma povoação sem a dependência das muralhas, hoje converteram-se exclusivamente no símbolo da cultura do seu povo.

Actualmente, muitas destas estruturas só são visíveis em documentos cartográficos, pois acabaram por ser destruídas ao longo do tempo por variados motivos, acabando por ser substituídas por novos edifícios, ou simplesmente dando lugar a vegetação, embora em muitos casos, seja o terreno em que se inserem que simplesmente acaba por desabar. Ainda assim, algumas estruturas mantem-se preservadas e mesmo que muitas vezes estejam adaptadas a novos usos, estes conservam parte ou a totalidade dos seus edifícios originais.

Como Património Arquitectónico que é, deve-lhe ser dado o seu devido valor histórico e monumental. É necessário entender o seu significado ligado a um passado repleto de vivências e memórias, que deve então ser estudado para uma possível intervenção e salvaguarda dos elementos existentes.

2 | Arquitectura militar e Arquitectura Religiosa

A Arquitectura Militar e a Arquitectura Religiosa há muito que têm vindo a ser associadas uma à outra pela frequente existência de templos religiosos no interior de fortalezas e castelos. Essa estreita ligação tem várias razões de ser.

Basta lembrar que se tornou hábito e costume – atendendo à religiosidade do povo, que sempre lutou contra o mouro – colocar as fortalezas em locais onde já existiam capelas / ermidas (são bastantes os casos em que, como sistema, prevaleceu esta regra, por razões já enumeradas a fim de satisfazer as necessidades de ordem espiritual dos militares que ao serviço da pátria, estavam sempre prontos a

54 - COUTINHO, Valdemar; (2002); Dinâmica defensiva da costa do Algarve. Do período islâmico ao século XVIII; Universidade do Algarve; pg.64.

55 - Importante arquitecto e engenheiro napolitano do século XVI.

56 - Estudo militar em que a matemática ganha preponderância ao estudo dos traçados baseados na geometria desenhada.

57 - MAGALHÃES, Natércia; (2008); Algarve-Castelos, Cercas e Fortalezas; Letras Várias; Faro;pg.13.

intervir em sua defesa, enfrentando o inimigo.⁵⁸

Assim sendo, por um lado a população e principalmente os militares que defendiam aquele lugar tinham a necessidade de ter mais do que uma imagem, um lugar representativo da fé. Um lugar que transmitisse a coragem para enfrentar os inimigos. Por outro lado, era nestes lugares que também se transmitia uma palavra de conforto e de segurança aos que ali se encontravam.

Esta estreita relação da arquitetura militar com a arquitetura religiosa aparece então desde há muitos séculos, não só no Algarve mas como em todos os lugares onde predomina também a fé. No Algarve, somam os exemplos de várias escalas em que estas duas tipologias se encontram. Algumas destacam-se da estrutura da fortificação, como é o caso da Ermida de Santo António, no Revelim de Santo António, enquanto que outras encontram-se integradas na fortificação, o melhor exemplo é a Ermida de Santa Bárbara, no Forte da Ponta da Bandeira ou também conhecido como Forte de Nossa Senhora da Penha de França em Lagos.

Apesar das características serem totalmente diferentes, tanto num caso como noutra é representada a cultura e a memória de uma população, e por terem características tão diferentes, torna ainda mais interessante quando são encontrados exemplos em conjunto.

3 | Escolha dos casos de estudo

Os casos de estudo foram escolhidos por pertencerem a este resumido grupo de ermidas que estão inseridas em fortificações. No entanto foram escolhidos apenas duas ermidas por um motivo em particular. Ambas se encontram localizadas em áreas que correm o risco de ruir. São os casos das:

- Ermida de Nossa Senhora da Rocha, no Forte de Nossa Senhora da Rocha, em Porches, Lagoa;
- Ermida de Santo António de/do Beliche/ Ermida de Santa Catarina; Forte de Santo António de/do Beliche, Sagres, Vila do Bispo.

Em ambos os casos, apesar de arquitectónicamente se encontrarem estáveis, a instabilidade das arribas em que estão implantados, já fez com que fosse necessário proibir o acesso ao interior do forte. No caso do Forte de Beliche, ainda hoje se encontra encerrado ao público por se considerar haver perigo de derrocada.

A paisagem costeira do Algarve é em muitas zonas caracterizada pelo recorte irregular da erosão das arribas.

Estas derrocadas têm vindo a agravar-se ao longo dos anos, por estas arribas estarem permanentemente expostas à acção do mar. Esta evolução (erosão) natural das arribas processa-se numa sequência intermitente e descontínua de derrocadas instantâneas, dinâmica que constitui perigo para os utentes das praias.



Fig. 50 - Fortaleza de Santo António de Pêra
Mapa da Configuração de todas as Praças Fortalezas e Baterias do Reino do Algarve.

Segundo dados do Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, o valor estimado para a percentagem de território nacional afectado por erosão costeira ronda os 30%, numa extensão de costa de cerca de 845 quilómetros, composta por troços de costa arenosa (praias e dunas) e rochosa (arribas).⁵⁹

⁵⁸ - SANTOS, Rossel M.; (2001); História do Concelho de Lagoa; pg. 276.

⁵⁹ - <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/algarve-tem-75-praias-em-perigo-de-derrocada-mas-ninguem-liga=f793390> (2 de Setembro 2016)



Fig. 51 - Igreja da Carrapateira no Forte da Carrapateira, Carrapateira, Aljezur.



Fig. 52 - Forte Ponta da Bandeira, Lagos.



Fig. 53 - Ermida Santo António, Armação de Pêra.



Fig. 54 - Forte de São João da Barra, Cabanas de Tavira.



Fig. 55 - Ermida de Nossa Senhora da Rocha, Porches, Lagoa.



Fig. 56 - Ermida de Santa Catarina, Portimão.



Fig. 57 - Ermida de Nossa Senhora dos Mártires, Cacela Velha.



Fig. 58 - Ermida de Santo António, Vila Real de Santo António.



Fig. 59 - Ermida da Senhora da Graça, Sagres.



Fig. 60 - Ermida Santo António do Beliche, Sagres.

Os desmoronamentos são muito variáveis no espaço e no tempo, dependendo de inúmeros factores, como a intensidade e frequência da acção de agentes climáticos, a fracturação e o tipo de rocha em que a arriba é talhada, a ocupação humana, a presença de vegetação, a vibração, a sismicidade, entre outros.⁶⁰

São várias as arribas e falésias que acabam por desabar e com elas desabam também inúmeros exemplos de património arquitectónico. Não é só o património arquitectónico religioso que têm sido afectado com estes acontecimentos, como principalmente o património arquitectónico militar. São muitas as fortificações que já se perderam por motivos que infelizmente não são possíveis de combater. Como é o caso do Forte da Baleeira, em Sagres e do Forte da Arrifana, em Aljezur.

Estes dois casos destacam-se precisamente pela sua implantação no limite onde a terra acaba e o mar começa, no entanto, é essa mesma particularidade tão especial que os coloca em risco, daí que seja pertinente a sua preservação e valorização da memória, já que contra a força da Natureza torna-se difícil de tomar medidas de precaução e salvaguarda.

60 - <http://www.apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=7&sub2ref=10&sub3ref=923> (15 de Agosto 2016)



4 | CASO DE ESTUDO 1

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA ROCHA | PORCHES | LAGOA
FORTE NOSSA SENHORA DA ROCHA



Enquadramento

Num tempo em que ao longo da costa era frequente desembarcarem corsários mouros, existe uma ermida, implantada num promontório situado a cerca de 5 quilómetros a leste do Cabo Carvoeiro, e a cerca de 32 metros de altura acima do nível médio das águas do mar, a que se dá o nome de sítio da Senhora da Rocha ou Castros, no Município de Lagoa, freguesia de Porches. Esta localização privilegiada a oeste da enseada de Armação de Pêra, determinou que se construísse ao redor do templo religioso uma estrutura militar que a protegesse e que ao mesmo tempo garantisse a tranquilidade e segurança, tanto dos devotos que recorriam à ermida, como à população que seria frequentemente incomodada pela pirataria.

Não é por acaso que esta pequena praia foi escolhida para porto de abrigo das gentes do mar. As suas características geomorfológicas tornam este pequeno areal aconchegado entre dois promontórios um lugar bastante atractivo. No entanto, face às ameaças, quando o abrigo da pequena baía não era suficiente, a fé era o outro porto dos navegantes, daí existir a ermida naquele preciso local.

A ermida é das muito poucas evocações históricas visíveis que restam do passado longínquo deste concelho. Devemo-la tomar como das jóias mais preciosas que ainda podem ser contempladas, um rubi manchado na natureza envolvente que tarda a mostrar-se nas verdadeiras roupagens que de início se vestiu.⁶¹

Apesar de agora pertencer ao termo de Lagoa, mais propriamente Porches (Novo), sempre pertenceu ao termo de Silves, servindo sempre as populações dos Castros.

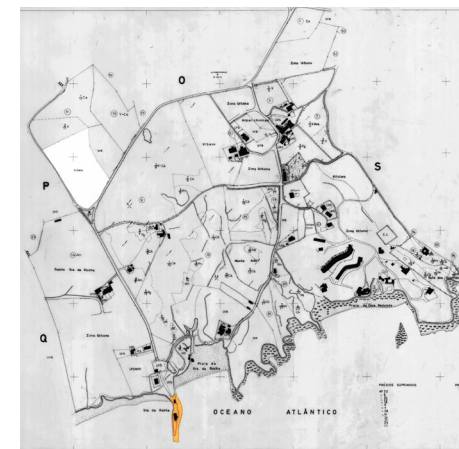


Fig. 62 - Cadastro da Freguesia de Porches, Lagoa.

Fig. 63 - Fotografia aérea de Porches.

61 - SANTOS, Rossel M.; (2001); História do Concelho de Lagoa; pg. 266.



Da sua origem até à actualidade

A data de origem da ermida é ainda hoje desconhecida. No entanto os diversos estudos que se tem realizado apontam que a sua fundação seja anterior à ocupação cristã.⁶²

*“E dizem os velhos, por tradição, que ali aparecera esta Senhora sobre aquela rocha, e como à Senhora se lhe pode inferir que apareceria certamente em aquele lugar. E dizem mais que é esse seu aparecimento muito antigo e que os cristãos em gratificação dos muitos milagres que logo a Senhora começara a obrar a favor de todos, lhe edificaram aquela ermida, ou os princípios dela.”*⁶⁴

O que é tido relativamente como certo é que a construção da fortificação será posterior à origem da ermida, apesar de tanto para uma como para outra se desconhecer de igual modo quem as mandou erguer.

Ainda assim, Ataíde Oliveira escreveu na Monografia de Porches «A ermida é todavia muito antiga. Diz-se que a fortaleza onde está a ermida foi construída sobre o rochedo por D. Diniz não só para defesa da capela, que já ali existia, como para defender os povos daqueles sítios, que eram frequentemente perseguidos pelos mouros, que iam ali fazer cativos.»⁶⁵

Porém em 1577, na Corografia do Reino do Algarve, ao tratar o litoral do Concelho de Silves, não é mencionada nem a ermida nem mesmo o forte que a abraça. No entanto segundo a informação disponível em dados paroquiais, existem dados de casamentos e baptizados ainda em 1595 realizados no dito templo religioso.⁶⁶

Posteriormente, no século XVI D. João III ordenou reconstruir uma fortaleza no local, para defesa da pirataria moura.

Henrique Fernandes Sarrão na História do Reino do Algarve, obra dedicada ao Governador e Capitão-Mor do mesmo reino D. Manuel de Lencastre, que exerceu este cargo de 1606 a 1614, assinala a existência de uma fortificação construída em volta da Ermida de Nossa Senhora da Rocha.⁶⁷

Registam-se obras de conservação e reedificação, entre 1630 e 1633, no período Filipino, a mando do governador e capitão-mor D. Luís de Sousa, conde do Prado, que em relatório dirigido ao Conselho da Fazenda declara: “(...) quando entrei no governo daquele reino estava toda arruinada- Reformei-a cingindo-a toda de muro e fazendo-lhe uma ponta levadiça e pus-lhe algumas peças de artilharia. E todas ficaram em reparos novos (...)”. O mesmo relatório explicava a importância estratégica da fortaleza “(...) edificada numa grande penha da capacidade e grandeza que o sitio permite. Faz uma Ponta com que entra no mar, e de um lado e outro tem duas agras, ou angras de bom fundo em que os nossos navios apertados dos corsários se vem recolher à sombra da Fortaleza donde os tem defendido e defendem muitas vezes (...)” (Callisto, 1991:26) ⁷



Fig. 64 - A ermida na década de 50/60 | Artur Pastor



Fig. 65 - Estado actual da ermida

62 - O verdadeiro objectivo que sempre nos ocupou e preocupou foi o de tentar discernir, com elementos válidos ao nosso dispor, acerca da longevidade da ermida de Nossa Senhora da Rocha que, pelas suas características específicas e morfológicas, julgamos dever estar directamente ligada, primeiro, à Igreja Ossonobense, segundo, a sua construção ter-se-ia verificado ou no tempo dos visigodos ou no bizantino.⁶³

63 - SANTOS, Rossel M.; (2001); História do Concelho de Lagoa; pg. 266.

64 - MARIA, Frei Agostinho de Santa, (no volume 6.º, do Santuário Mariano e História das imagens Milagrosas de Nossa Senhora, publicado no ano de 1718.

65 - CALIXTO, Carlos Pereira; (1991); Castelos e Fortificações Marítimas do Concelho de Lagoa; pg. 25.

66 - Idem, Ibidem, p.23.

67 - MAGALHÃES, Natércia; (2008); Algarve-Castelos, Cercas e Fortalezas; Letras Várias; Faro; pg.13; 8 Idem, Ibidem, p.13.

68 - SANTOS, Rossel M.; (2001); História do Concelho de Lagoa; pg. 269;

69 - MAGALHÃES, Natércia; (2008); Algarve-Castelos, Cercas e Fortalezas; Letras Várias; Faro; pg.271.

70 - Idem, Ibidem, p.271.

71 - Reconstrução das paredes e das reparações do forte e capela, a demolição do telhado, reparos no azulejo telha e reconstrução dos pavimentos (realizado em 1963); a substituição das portas e janelas (em 1964); a reconstrução e reparação dos pavimentos e azulejos (em 1965); e a restauração das paredes, reparação de cúpula e uma limpeza da paisagem nas imediações das estruturas (em 1968). Após um terremoto em 1969, grande parte da fortaleza existente foi danificado ou destruído.¹³

72 - MAGALHÃES, Natércia; (2008); Algarve-Castelos, Cercas e Fortalezas; Letras Várias; Faro; pg.121.

No período da Restauração, por documento de 1654, assinado por D. Nuno de Mendonça, 2.º conde de Vale de Reis, sabe-se que foi reparada “toda a artilharia da fortaleza de N.ª Senhora da Rocha”, mas em 1669 a fortificação estava novamente arruinada.⁶⁸

Em 1754, existe uma planta da autoria de Romão José do Rego com detalhes da fortaleza e em que já se assinalava o seu mau estado de conservação.

Nas memórias paroquiais desta freguesia, sabemos que a ermida sofreu alguns estragos, mas que foram reparados de seguida, não sendo sequer usada a palavra “destruição” ou qualquer outro termo definidor de grande estrago, tudo levando a crer, pelos sintomas denunciados, que a capela saiu quase ilesa do tremendo cataclismo de 1755, atendendo que se encontra(a) alicerçada em terreno rochoso.⁶⁹

Em 1815, a situação de ruína estava novamente estabelecida. Um relatório militar de Eusébio Sousa Soares esclarece que a entrada estava de tal forma demolida que não se lhe viam vestígios e que do muro que rodeava a rocha, em todo o comprimento, pouco restava. A Planta militar posterior a 1825, já não regista vestígios de baluartes para defesa do vão de acesso e, em 1840, as bocas de fogo tinham sido retiradas definitivamente.⁷⁰

A fase final de remodelação e reconstrução ocorreu no século XIX, à semelhança do que ocorreu com muitas outras fortalezas de estrutura abaluartada, assistiu-se ao abandono definitivo das funções militares no promontório e o retorno do edifício da ermida ao seu isolamento inicial, mantendo a sua função de local de culto religioso.

Depois da iniciativa em várias reparações, e consolidações não só na estrutura das paredes como também nos revestimentos, o local ficou sob a protecção do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) em 1 de Junho de 1992, ao abrigo do decreto-lei 106F / 92, passando sob o controle do IGESPAR, quando esta organização assumiu essas responsabilidades e jurisdições.

O local foi parcialmente restaurado pela DGEMN (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), durante a década de 1960, enquanto que as propostas para investigar e proteger o monumento foram submetidas.⁷²

Esta ermida é hoje considerada Imóvel de Interesse Público, classificado pelo Decreto n.º 45327, publicado no Diário do Governo n.º 251 de 25-10-1963; Zona de Protecção, estabelecida nos termos do ponto I do Artigo 43.º da Lei n.º 107 de 8 de Setembro de 2001, D. República n.º 209, Série I-A. 14 encontra-se sinalizada como zona de risco. Recentemente, devido a uma derrocada que fez ruir parte do muro que cerca a ermida, fez com que fosse necessário recorrer a uma nova estrutura, desta vez em madeira para que fosse possível continuar a entrar no forte em segurança. Ainda assim todo o seu perímetro continua a ser ameaçado pela força do mar.

Ainda hoje se mantem a tradição e além da ermida ser frequentemente visitada é também destino de peregrinações e procissões anuais sendo o dia principal associado com o primeiro domingo de agosto. Durante as procissões o andor de Nossa Senhora desce da ermida até à praia, onde se procede à bênção das embarcações dos pescadores.

O Forte / As dependências

A estrutura construída em volta da ermida de Nossa Senhora da Rocha encontra-se fundada num estreito rochedo com o comprimento aproximado de 145 passos e na sua maior largura não ultrapassará os cerca de 20 metros, tendo a bateria sido colocada ao fundo, quase à beira da falésia, no sítio onde o ângulo de tiro dispunha de maior abertura e visibilidade, conforme podemos observar na planta.

Além da artilharia disponível para bater o mar, era também defendida à retaguarda por uma muralha com fosso e ponte levadiça, dispondo então de 4 bocas de fogo, de ferro, das quais 2, de calibre 10, capazes de servir e as outras fora de utilização por estarem em mau estado de conservação com um muro de pedra, ou parapeito. E para o lado da terra, dispunha de dois pequenos baluartes ladeando a comunicação com o exterior feita sobre um, também pequeno fosso.

A configuração do promontório e a sua altura em relação ao nível do mar, só requeria a presença, na fachada orientada a terra, de dois meios baluartes e dispensava os baluartes orientados ao mar, sendo estes substituídos pela implantação de banquetas para as baterias.⁷³

A Ermida

A Ermida da Nossa Senhora da Rocha de construção simples e talvez até humilde, à semelhança de muitas construções vernaculares algarvias é constituída por um conjunto de volumes articulados entre si.

Apesar de esta não ser a sua traça actual e a mesma construção de um passado bem remoto, o sítio onde se encontra implantada, esse será com certeza, o lugar que sempre ocupou.⁷⁴

A fachada é composta por uma galilé (pórtico-nártex) rectangular ligeiramente rebaixada e virada a poente e aberta ao exterior através de uma galeria tripla de colunas e dois capitéis coríntio e um desses visigodo, assim como o que serve de pia de água benta;

Os capitéis de origem visigótica (século VI/VIII), serão uma reutilização, e que torna defensável a hipótese de continuidade do culto paleocristão.

A capela é definida por uma planta rectangular que apresenta uma cobertura de cúpula octogonal que serve de base a uma pirâmide que tem de perímetro, aproximadamente, 20 metros, porque cada uma das 8 bases dos triângulos agudos que a compõem mede cerca de 2,5 metros de comprimento.⁷⁶

Esta pirâmide colocada na retaguarda do nártex, e por sua vez edificada em altura sobre o altar da minúscula capela que guarda o nicho onde mora Nossa Senhora da Rocha, foi um acréscimo feito à vetusta construção, aumento que não comporta



Fig. 66 - Bateria do Forte de Nossa Senhora da Rocha.

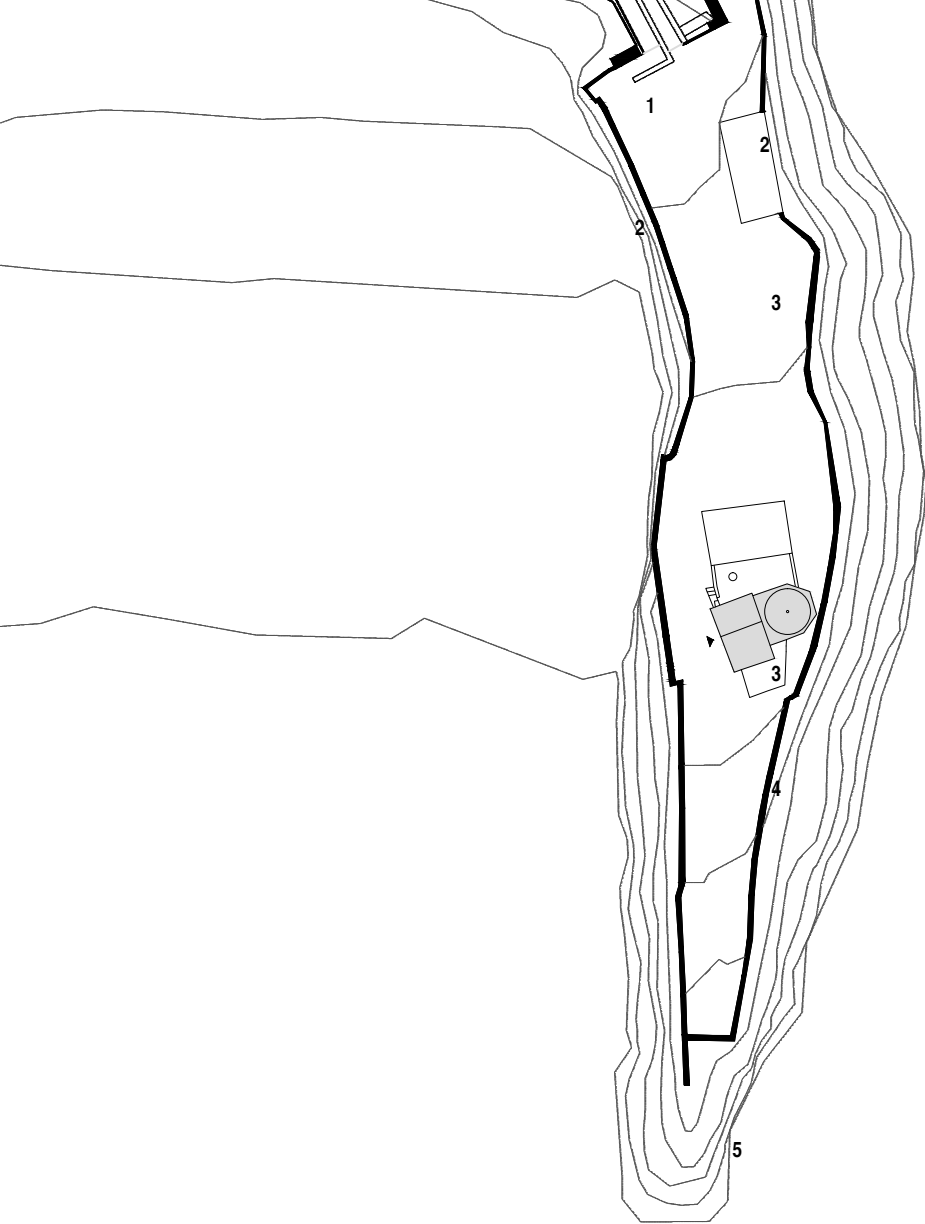
⁷³ - MAGALHÃES, Natércia; (2008); Algarve-Castelos, Cercas e Fortalezas; Letras Várias; Faro; pg.122.

⁷⁴ - Resquícios de fundações antigas que ainda podem ser vistas a olho nu, no alinhamento da frontaria (nártex) poderão constituir motivo mais que suficiente para testemunhar a evidência de um facto de grande significado histórico.⁷⁵

⁷⁵ - SANTOS, Rossel M.; (2001); História do Concelho de Lagoa; pg. 266.




Fotografia aérea



Legenda:

- Entrada - 1
- Baluarte - 2
- Quartel - 3
- Ermida - 4
- Bateria - 5

Planta Do Forte da Senhora da Rocha

Escala 1 : 1000 

a mínima relação arquitectónica com o estilo que inicialmente possuiu, tão pouco com o nártex que se lhe antepõe, porque esse pode não ser o original.⁷⁷

A pirâmide é o elemento em todo este conjunto que mais se destaca, não só pela sua dimensão relativamente grande em relação à escala dos restantes elementos, como pela sua cor branca que reflecte a luz.

No entanto, esta pirâmide assente sobre o altar serve para muito mais do que caracterizar aquele espaço. Ao que parece foi construída essencialmente para servir de referência e auxílio à navegação. Ou seja, orientava as embarcações que demandavam a costa, sendo utilizada como ponto de referência pelos pescadores assim como acontece com os faróis, de modo a facilitar a pesca, dado que enquanto viam a pirâmide, sabiam que estavam em segurança, isto é, bem sintonizados com a costa e sobretudo com a capelinha que continha a santa padroeira que os acompanhava e vigiava quando no mar se encontravam.

No entanto, as construções piramidais octaédricas colocadas nas fortalezas-ermidas de Nossas Senhoras da Encarnação e da Rocha como instrumento técnico de orientação e de grande eficácia no auxílio à navegação costeira, possibilitando aos barcos pontos de referencia com terra, tiveram igualmente um papel deveras importante, senão especial, no auxílio concedido às embarcações que, saindo de Sagres ou Lagos, tentavam orientar-se na costa algarvia quando dos primórdios das navegações oceânicas, o que nos leva a concluir que as pirâmides oitavas foram construídas nos começos do século XV.⁷⁸

Numa altura em que todos os pontos de referência nunca eram em demasia, estas pirâmides além de auxiliares era práticas, uma vez que ainda não tinham sido descobertos alguns instrumentos técnicos fundamentais e testados outros que seriam de igual modo capazes de garantir uma navegação e um posicionamento mais seguro a qualquer hora do dia.

A cor branca de que ambas as pirâmides sempre foram revestidas, aliada à forma geométrica oitava de que eram possuídas, conferia a cada uma das pseudo-cúpulas a função de produzir, para os mareantes, uma refração mais apurada da luz solar, devido às diversas faces de que as pirâmides se decompunham, permitindo à embarcação – conforme o local onde se encontrava e a hora de exposição do astro rei – que recebesse com mais nitidez, pois que era um sistema que, pelas suas características, só funcionava com a luz solar. No entanto, tinha também a sua grande utilidade pois nas noites límpidas de luar conseguia ser um ponto branco a refugir na costa.⁷⁹

O interior da cúpula é coberto de madeira e ostenta um retábulo dividido em três secções. É marcado por um arco arredondado, com a sua nave se estende a um altar que ocupa toda a extensão da capela e que é composto por retábulo com quatro colunas jónicas, apresentando uma imagem da Virgem Maria e o menino (séc. XVI) em madeira.



Fig. 67- Fortaleza da Senhora da Rocha
Mapa da Configuração de todas as Praças Fortalezas e Baterias do Reino do Algarve.



Fig. 68 - Panorâmica vista Sul



Fig. 69 - Panorâmica vista Norte.

Materialidade

A origem da materialidade da ermida de Nossa Senhora da Rocha é outro dos temas controversos. Já foi escrito que grande parte do templo foi construído com material de edifícios romanos destruídos, no entanto não existe uma concordância geral: Respeitamos a opinião, porém, estamos em total desacordo com ela, visto que julgamos existirem razões fundamentadas que podem e devem justificar que a singela construção da ermida de Nossa Senhora da Rocha nada tem a ver com romanos e, assim sendo, não fora edificada com “material de edifícios romanos”, e isso mesmo poder-se-á constatar na presença dos elementos, se bem que exíguos, que nos restam na Igreja, principiando pelos capitéis, que tão-pouco são romanos e sim visigóticos. Quando é difícil justificar uma construção é fácil torna-la realidade indo buscar pedras e construções romanas mesmo que estas não existam.⁸⁰

As paredes são de alvenaria, e a capela é o elemento que se diferencia na materialidade no seu interior, sendo as paredes revestidas a azulejo, material sobre o qual também existe controvérsia em relação à sua origem, e a cobertura em estrutura de madeira.

As coberturas, à excepção da pirâmide que encima a capela, são todas constituídas por telha, sendo maioritariamente de telhados de uma água.

Já o forte é constituído por uma cortina de paredes marcadas por um portão principal. As laterais das estruturas são construídas de alvenaria caiada de branco. No entanto devido à erosão da falésia, parte do muro a Oeste ruiu, tendo de ser criada uma nova estrutura limite, desta vez em madeira que além de muro serve também de passadiço nas zonas mais fragilizadas em que o muro cedeu mais próximo das edificações, nomeadamente da ermida.



Fig. 70 - Interior da Ermida

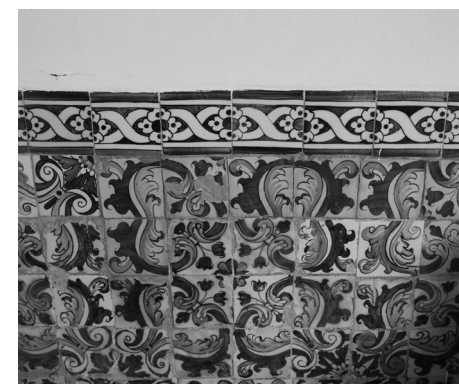


Fig. 71 - Pormenor dos Azulejos no interior do Nartex.

80 - SANTOS, Rossel M.; (2001); História do Concelho de Lagoa; pg.268.

Dependência e antigo Quartel

Poço

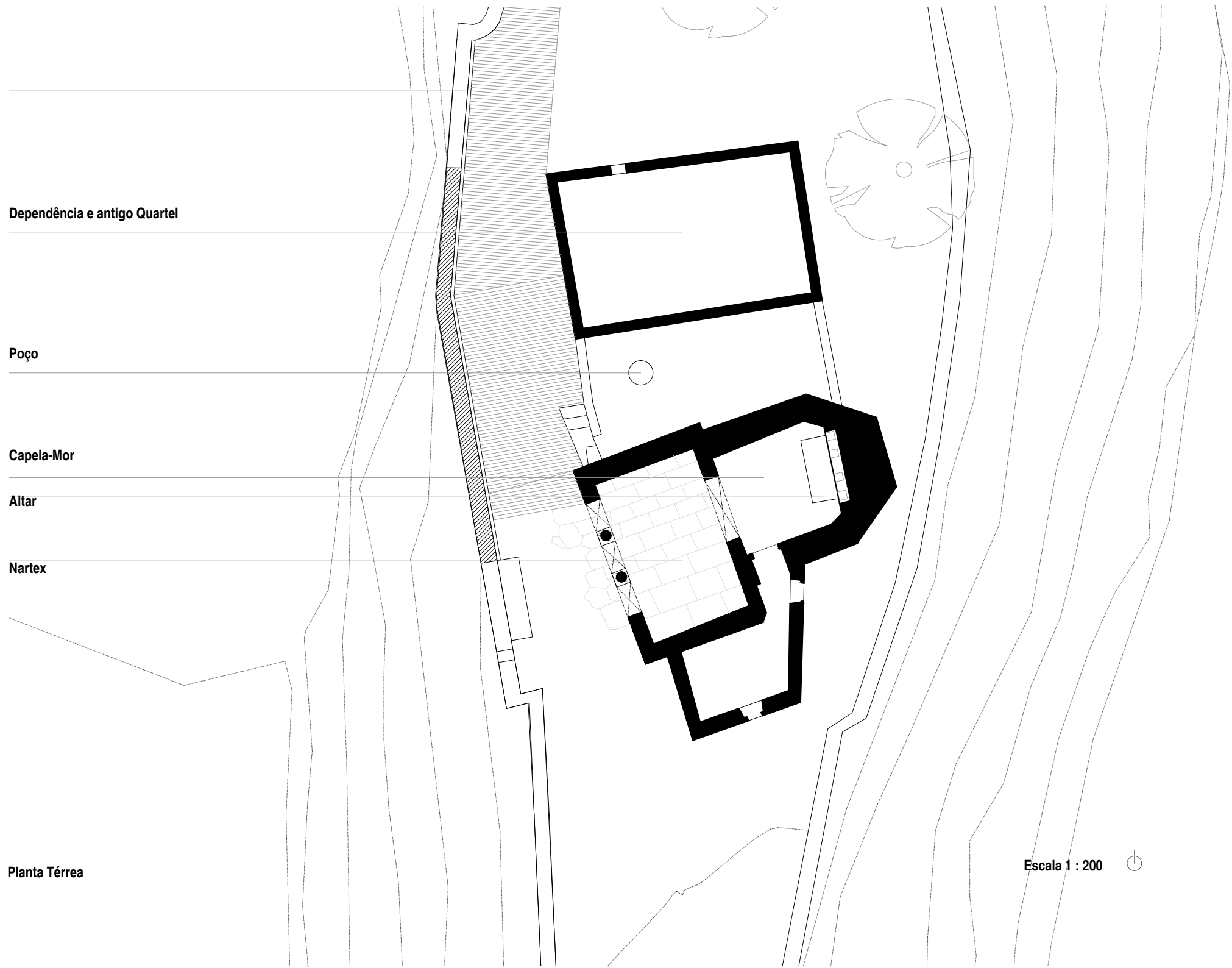
Capela-Mor

Altar

Nartex

Planta Térrea

Escala 1 : 200



5 | CASO DE ESTUDO 2

ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO DE BELICHE | SAGRES | VILA DO BISPO

FORTE SANTO ANTONIO DO BELICHE





Enquadramento

Antes de se chegar ao Forte do Beliche é imprescindível notar que este se enquadra num conjunto de fortificações destinadas à defesa daquele que é o lugar mais a oeste da Europa, Sagres.

Destino notável pela sua beleza e situação geográfica quer devido à presença indelével de uma figura marcante na História Universal como foi o Infante D. Henrique, alcançou por isso uma vasta projecção mundial. Além disso possui ainda hoje um forte carisma mítico por continuar a valorizar todo o envolvimento histórico que o marcou, onde o vigor do vento, trás um ambiente agreste que faz ainda mais admirar a imponência desta terra onde a terra acaba e o mar começa.

A região de Sagres foi desde há muitos séculos atrás um ponto de referência essencial na geografia da Europa, e tanto no mar como na terra teve uma forte presença do sagrado. Essa presença ainda hoje é revelada através que menires que marcam toda a região. Até mesmo o topónimo Sagres tem origem nessa crença.⁸¹

Já na idade Média a componente religiosa manteve-se no cabo de São Vicente que teve uma dimensão muito abrangente neste extremo Sudoeste do Algarve e, provavelmente, na Península Ibérica. Além de um autêntico percurso espiritual constituiu também, (certamente) um factor determinante para a fixação de população nesta região, como aconteceu com outros centros de peregrinação existentes no território peninsular.⁸³

O extremo sudoeste do Algarve forma uma grande cunha terminando em dois promontórios avançados: o de São Vicente, constituído pelo cabo de São Vicente propriamente dito, o pontal dos Corvos e o pontal Gordo; e o de Sagres, ligado a outro promontório de forma trapezoidal, constituído pela ponta da Atalaia e a ponta de Baleeira.⁸⁴

Entre o pontal Gordo e a ponta de Sagres forma-se a ampla enseada do Beliche, que é um bom fundeadouro, tendo como pontos de desembarque o sítio da Polé, por debaixo do forte do Beliche; a praia do Beliche (velho) e a praia do Tonel, próximo de Sagres.

O forte de Santo António do Beliche ou mais referenciado como Forte do Beliche, aparece implantado no alto da falésia que domina toda a baía do Beliche, a 86 metros de altura relativamente ao nível do mar. Ocupa estrategicamente, assim como as restantes fortificações ao logo do território, uma posição que controla a passagem das costas meridional e ocidental do país. «os navios não podiam aguentar-se na baía de Lagos com o raro leste rijo, sendo então forçados a abrigarem-se na enseada de Beliche; e que os que vindo do levante para poente, não podiam montar o cabo de São Vicente nem o de Sagres.»⁸⁵

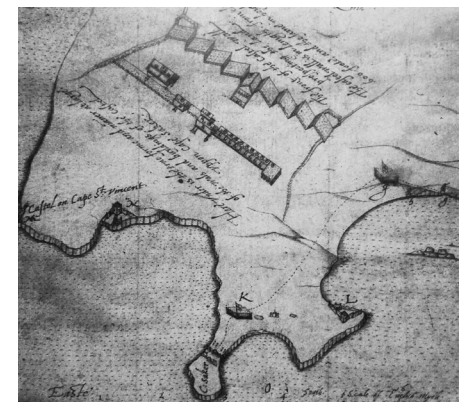


Fig. 72- Gravura Inglesa do final do século XVI representando as várias fortificações de Sagres, com detalhe da fachada da Fortaleza de Sagres.

81 - As alusões atrás citadas a rituais e cultos a Saturno, a Hércules e genericamente a deuses, demonstra o carácter sagrado que está na origem do nome da região, que perdura no topónimo português Sagres, derivado do ablativo latino *sacris*.⁸²

82 - GARCIA, José Manuel; CUNHA, Cunha; (2004); Sagres; pg.

83 - JESUS, Artur Vieira de; (2005); Vila do Bispo, uma viagem pela sua História; pg.30.

84 - GARCIA, José Manuel; CUNHA, Cunha; (2004); Sagres; pg. 31.

85 - Idem, *Ibidem*, p.31.



Fig.73 - Fotografia aérea de Sagres.

Origem e a sua evolução até à actualidade

A origem exacta da ermida de Santo António de Beliche e a respectiva fortaleza em que se insere é até hoje desconhecida. No entanto sabe-se da existência de uma armação de pesca de atum já em 1529 e 1531, a que se dava o nome de Beliche. Supõem-se que a fortaleza seria então o principal meio de controlo e de defesa da dita armação, protegendo então os pescadores que nela trabalhavam e que eram frequentemente atacados por salteadores maioritariamente provenientes do Norte de África.

Em 1587 sabe-se que tanto o forte como a ermida já existiam pela presença de um desenho, no entanto a fortificação não tardou muito para ser destruído por um ataque, em comandado por Francis Drake.⁸⁶

Toda a estrutura defensiva acabou por ser reconstruída em 1632 às ordens de D. Luís de Sousa, Governador e Capitão-Geral do Algarve que para comemorar esse feito mandou colocar sobre a porta uma placa de pedra, onde além do que dissemos, podemos ler que a fortificação é consagrada a Santo António.⁸⁷

“ Em 1632 o forte do Beliche foi reconstruído, pois nele permanece uma inscrição que actualmente se encontra sob as armas reais à entrada do recinto, na qual pode ser lido o seguinte texto: «Reedificou esta fortaleza, dedicada a Santo António, Dom Luís de Sousa, Conde de Prado, governando este reino. Ano de 1632»³

Com o grande terramoto em 1755, a estrutura volta a ser consideradamente afectada, sendo então abandonada progressivamente.

A partir de 1821 o seu estado de ruína agrava-se. Ainda assim, serviu de local de dormida dos pescadores da armação e que depois do seu reaproveitamento militar, durante a Guerra Civil de 1832-34, foi vendido a um particular em 1849.

Em 1940, passou para a posse do Ministério das Finanças, tornando-se em 1957 classificada como Imóvel de Interesse Público. Mais tarde voltou às mãos de um outro particular, adaptando-se nos anos 60 a uma pousada e casa de chá, um projecto do Arquitecto Rui Couto, com aproveitamento turístico a partir de 1963. Sendo ainda afectado pelo sismo de 1969. Posteriormente são ainda feitos requerimentos pela parte do Ministério da Cultura e ao MEPAT acerca de informações sobre acções a adoptar quanto ao estado de precaridade da falésia onde assenta a Capela de Santa Catarina.

Dado o perigo de derrocada da Capela de Santa Catarina, por questões de segurança, o seu retábulo é transferido para a Fortaleza de Sagres em 1997.

Em 2002 é adjudicado pelo IPPAR um estudo de viabilidade e manutenção da Capela de Santa Catarina.

Em 2011, o actual presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo, Adelino Soares, acordou com o Estado Português a cedência do imóvel pelo período de 20 anos, tendo-se procedido a obras de beneficiação em Agosto de 2013.

Actualmente, o seu estado de conservação é precário, especialmente pelo risco de desmoronamento da falésia onde assenta a capela, e apesar de se encontrar encerrada ao público, continuam a existir alguns eventos. Ainda assim a Câmara Municipal está a unir esforços para decidir o futuro do forte, de modo ao mesmo poder ser aberto ao público.

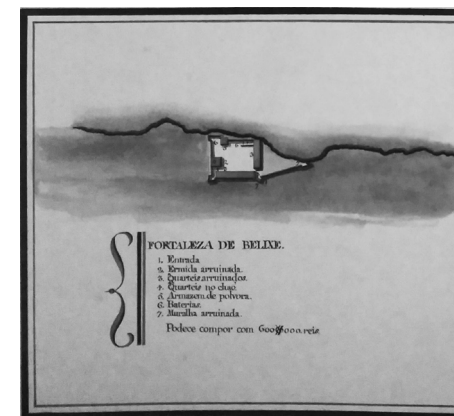
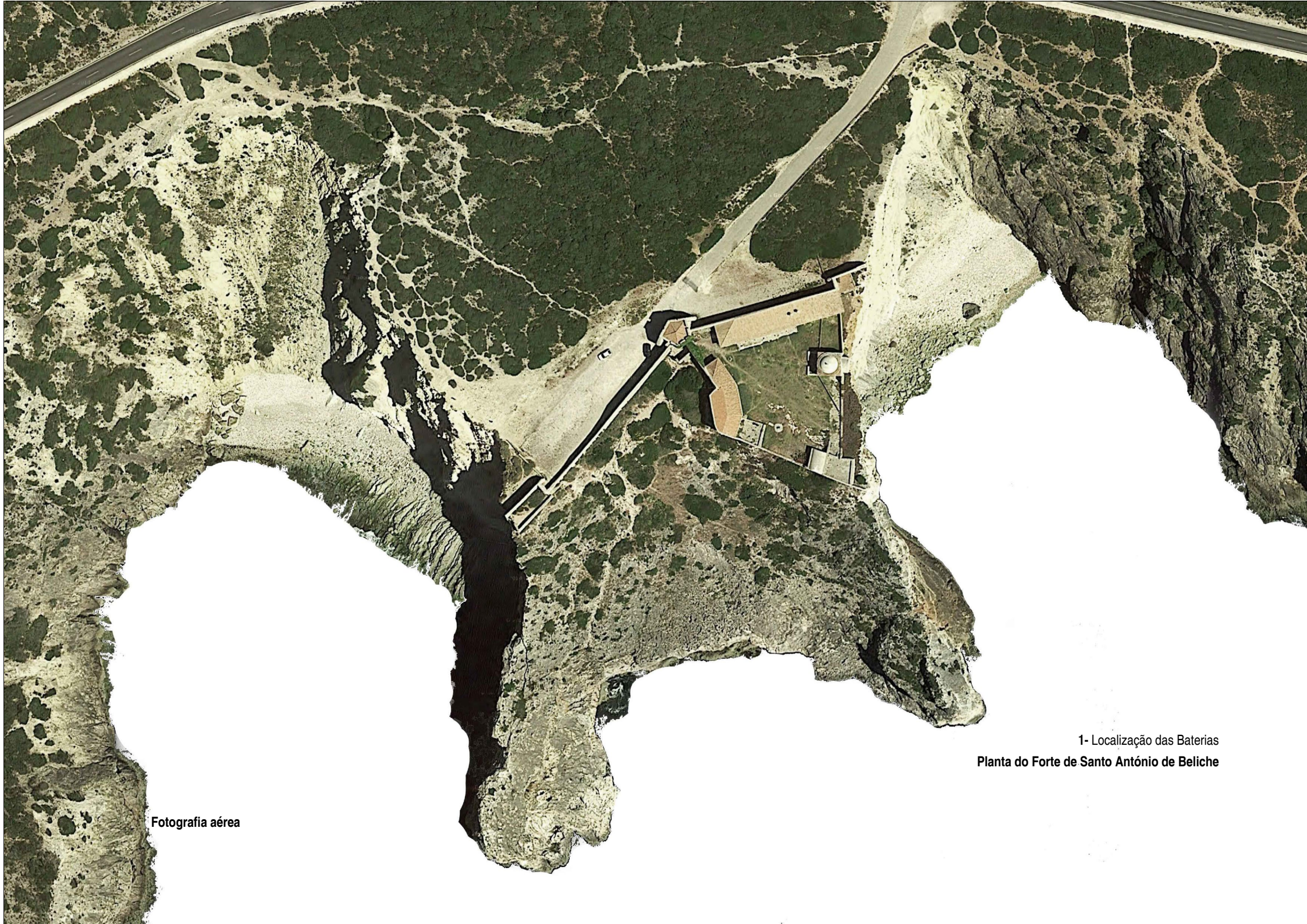


Fig. 74 - Fortaleza de Beliche,
Mapa da Configuração de todas as Praças Fortalezas e Baterias do Reino do Algarve.

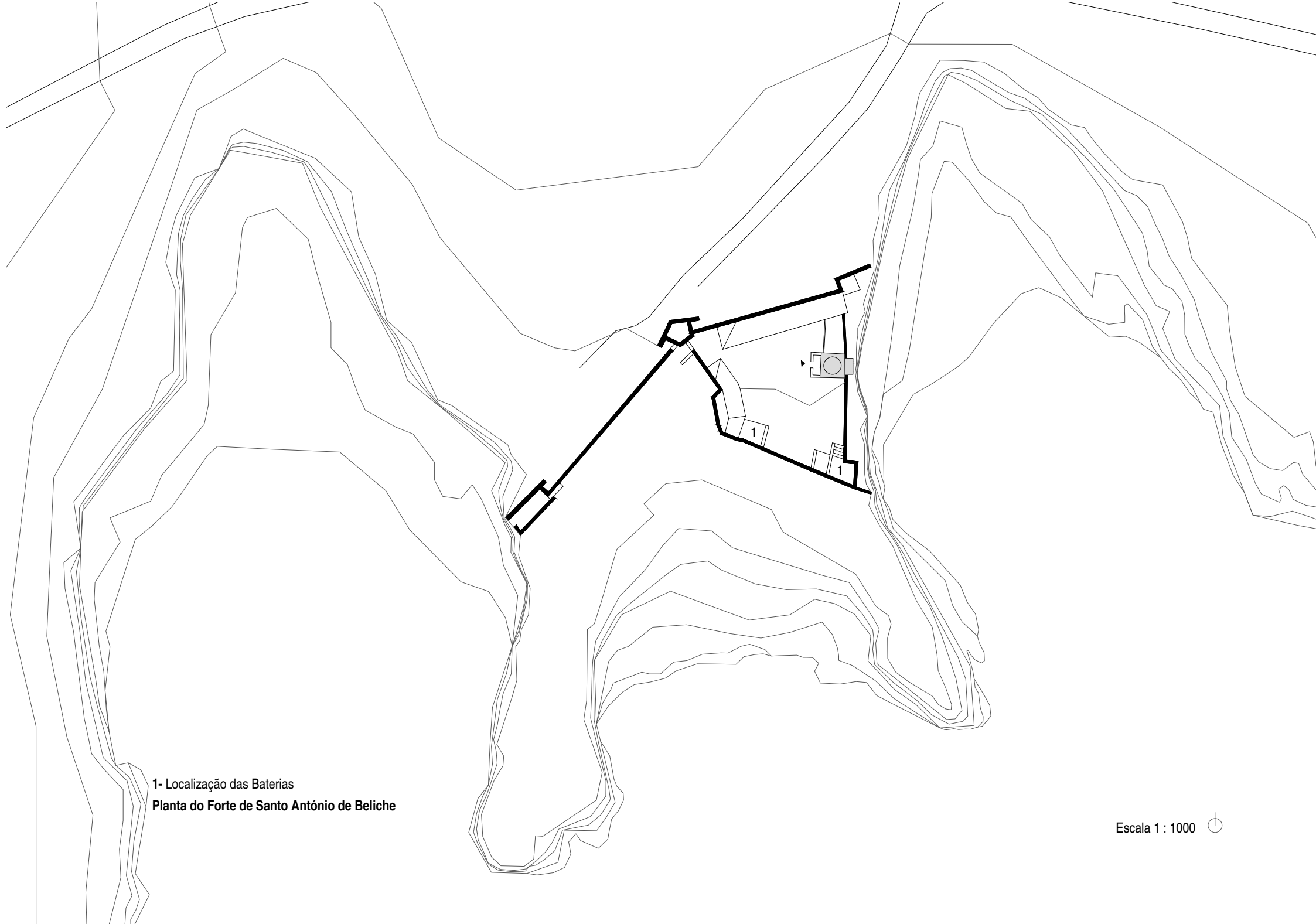
⁸⁶ - JESUS, Artur; Guia Informativo; Câmara Municipal de Vila do Bispo.

⁸⁷ - GARCIA, José Manuel; CUNHA, Cunha; (2004); Sagres; pg. 14.




Fotografia aérea

1- Localização das Baterias
Planta do Forte de Santo António de Beliche



1- Localização das Baterias
Planta do Forte de Santo António de Beliche

Escala 1 : 1000 

O Forte

De estrutura comum à arquitectura militar da época, o forte com planta poligonal, era defendido estrategicamente por dois canhões através de duas baterias voltadas ao mar, chegando a ter 12 soldados comandados por um cabo em 1797.

O desenho da fortificação é constituído por um baluarte angular ao centro do qual partem os dois panos de muralhas.

A porta principal possui arco de volta perfeita, nessa linha fortificada interior e é dominada por uma torre quadrangular, com acesso através de passadiço. E encontra-se virada a Oeste numa reentrância formada pelo contraforte de uma torre (COUTINHO, 1997, p.155)., com acesso através de passadiço, no interior à praia, as dependências de apoio encontram-se adossadas à muralha, assim como a capela.

No interior, existe uma segunda cortina, que protege uma longa escadaria que dá acesso à praia e por onde entrariam os mantimentos e outros materiais em caso de cerco terrestre.

As dependências de apoio à guarnição militar (camarata, arrecadações e compartimentos comuns cobertos) adossam-se à muralha, permitindo a existência de um espaço relativamente amplo para manobras militares.

Depois de abandonado o forte, o século XX conferiu-lhe outras funcionalidades, designadamente a turística. Foi com esse objectivo que o conjunto se transformou em pousada, construindo-se, por volta de 1960, os diversos equipamentos de apoio à actividade hoteleira, como o restaurante. Nessa altura, relvaram-se também importantes secções do interior e reconstruíram-se alguns panos da cortina militar.

Apesar de harmonicamente integrada na paisagem circundante, esta nova funcionalidade não evitou a erosão constante da falésia em que a fortaleza se ergue. A partir dos anos 90 do século XX, tem havido um redobrado cuidado com esta questão, existindo o perigo de toda a estrutura ruir. Alguns estudos foram encomendados ao LNEC e à Escola Superior de Tecnologia da Universidade do Algarve, tendo a capela sido objecto de particular atenção, pela sua posição periclitante.

O seu acesso é feito por uma porta com arco de volta perfeita, junto ao baluarte angular descendo pela escarpa até ao nível do mar. Existe ainda uma outra porta que dá para o baluarte, e que tem acesso por uma escadaria interior adossada à muralha.

Os restantes compartimentos serviam como antigos alojamentos da guarnição, que mais tarde deram lugar à pousada e respectiva casa de chá.



Fig. 75 - Vista do interior do forte



Fig. 76 - Vista do interior do forte

A Ermida

Igualmente encostada à muralha encontra-se a capela, inserida num dos extremos da fortaleza, consta que foi mandada erigir pelo Infante D. Henrique, sendo conhecida por Capela de Santa Catarina, por ser votada precisamente a Santa Catarina. No entanto, também é considerada como Capela de Santo António do Beliche, nome pelo qual o forte é também conhecido.

Pertence ao pequeno grupo de ermidas de planta centralizada, composto por nave quadrangular coberta por cúpula e diminuta capela-mor rectangular que já se encontra praticamente suspensa no ar, devido à contínua erosão do solo. As fachadas não possuem qualquer embasamento, sendo apenas a fachada principal que possui a única abertura para o exterior, a porta de entrada, voltada a Este.

O seu interior é coberto por uma cúpula redonda e branca, cor esta que cobre todo o interior deste espaço sacralizado que por estar fechado ao público não tem tido a manutenção de que carecia. O seu retábulo, assim como a imagem da Santa Catarina, que é a padroeira da capela encontra-se, no entanto na Igreja da Graça, na fortaleza de Sagres.

Todo o conjunto apresenta um elevado valor, não só pela sua qualidade arquitectónica como pelo seu significado histórico, e deve por isso ser preservado.

Apesar de já ter sido classificado como Imóvel de Interesse Público, é importante que se procure uma forma deste local poder voltar a ser visitado, desta vez com outro tipo de funções que não as originais, como já tem sido utilizado noutros tempos que era utilizada como pousada e casa de chá.

Materiais e processo construtivo

Alvenaria, pedra, madeira, telha portuguesa

Técnica de Construção: Alvenaria, pedra, telha portuguesa, os blocos de pedra, não aparelhados, envolvidos por argamassa do tipo arenoso, para enchimento das cortinas do forte e dos baluartes, existindo também blocos aparelhados para apoio da barbeta, alvenaria



Fig. 77 - Altar da capela actualmente



Fig. 78 - Retábulo com imagem da Santa Catriota que agora pertence à Igreja da Fortaleza de Sagres.

Dependências da Pousada e Antigo Quartel

Ermida:

Altar

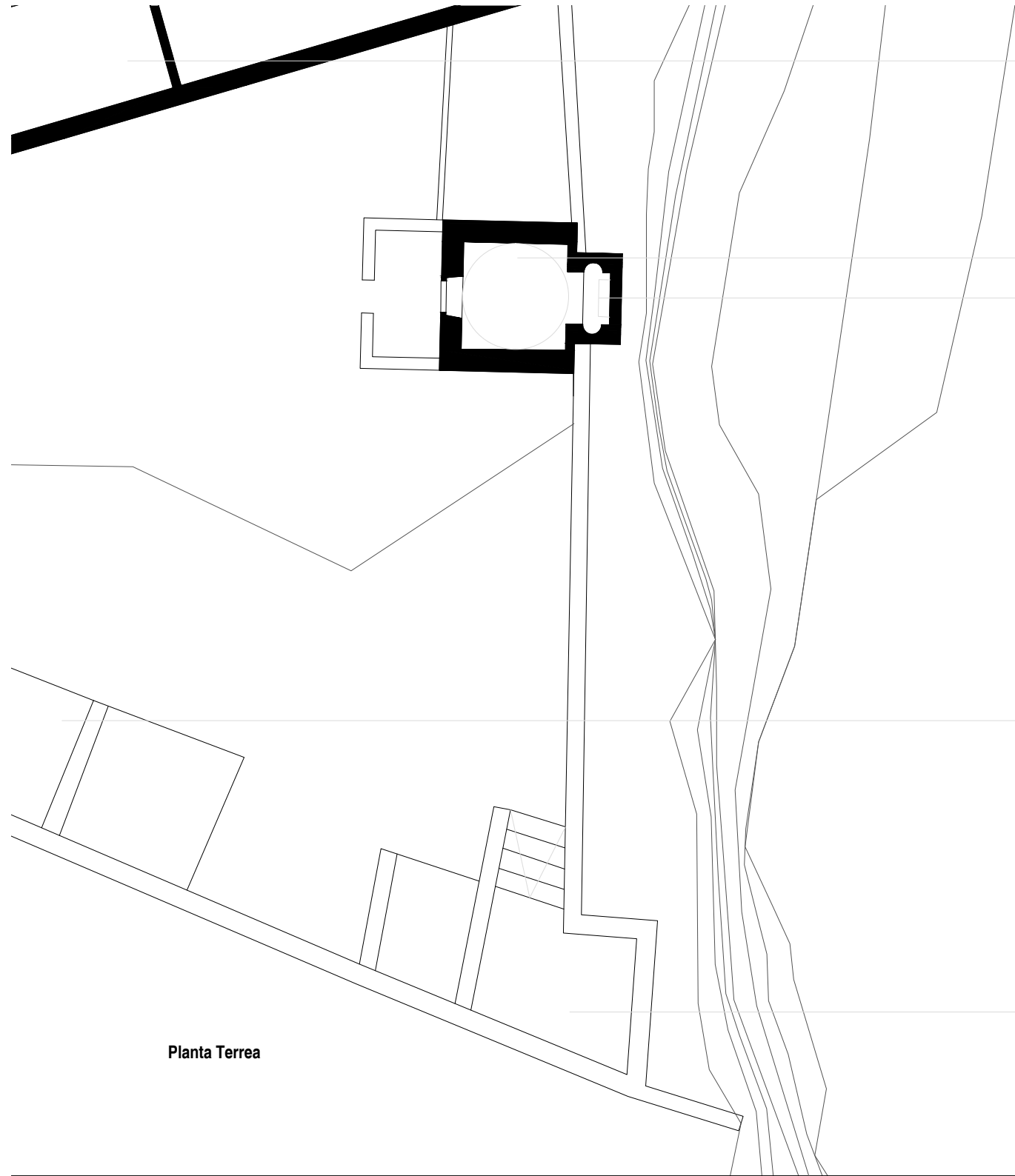
Bateria

Bateria

Escala 1 : 200



Planta Terrea





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na Investigação desenvolvida considera-se que o mais importante a reter é que existe de facto um imenso património arquitectónico religioso no Algarve, e que deve ser assumido pelas entidades responsáveis uma vez que não só constitui uma valiosa forma de salvaguardar a memória para as novas gerações, como também uma importante mais-valia para a valorização da oferta turística da região.

Numa sociedade globalizada, em que gostos e costumes parecem cada vez mais padronizados, a defesa do património histórico é um factor essencial na defesa da identidade histórica e cultural dos povos.

Apesar de existirem concelhos que se esforçam mais nesse sentido, existe ainda muito a investir no que toca a recuperação e valorização do património religioso, neste caso em concreto.

Tendo em conta os principais objectivos desta dissertação, considera-se que foram identificados e documentados o máximo de ermidas encontradas, contribuindo para o estudo do património arquitectónico religioso da Região do Algarve. No entanto dado a falta de informação, existe a hipótese de alguns exemplos não se encontrarem documentados neste trabalho. Ainda assim foi possível reunir mais de 90 ermidas, que para além de representarem a cultura da região, acabam também elas por caracterizar a arquitectura popular algarvia.

Em relação às questões colocadas numa fase inicial, conclui-se que as ermidas surgem da necessidade de criar lugares que transcendam o mundo profano, de modo a serem o ponto de encontro. Estes lugares eram frequentemente associados à crença nas aparições de vários Santos, assim nos tempos de aflição podia-se sempre pedir socorro a um santo familiar. O caso concreto das ermidas têm a particularidade de se encontrarem em lugares isolados, e de ter normalmente uma escala bastante modesta.

Apesar de algumas manterem a sua génese original, no que concerne ao seu enquadramento, com a constante evolução urbana, muitas delas já se viram de certa forma enquadradas na malha urbana, alterando a sua forma de relacionamento com a paisagem. Outras continuam a ter o carácter especial de ligação com o lugar onde foram implantadas originalmente.

«Há também que reduzir o impacto de uma cultura de massas, cujo expoente é o turismo cultural, que acaba por pôr em causa o próprio património histórico, num processo lento de destruição e vulgarização.»⁸⁸

Fig. 79 -Ermida de São Sebastião, Algoz

⁸⁸ - CHOAY, Françoise; *A Alegoria do Património*; pg. 18.

Quanto às tipologias arquitectónicas, foram classificadas apenas 3 tipologias distintas:

TE1 – Planta longitudinal de nave única sem capela-mor diferenciada

TE2 – Planta longitudinal de nave única com capela-mor diferenciada

TE3 - Planta Centralizada

Actualmente, as ermidas já não são tão populares entre a população como eram em tempos passados, uma vez que eram locais de culto popular, assistência e de romaria.

Infelizmente, uma boa parte deste património religioso pertence a paróquias com escassos recursos financeiros, o que naturalmente inviabiliza a contratação de colaboradores que procedam à abertura das igrejas em horário regular e simultaneamente zelem pela segurança das mesmas. Outras pertencem a autarquias que se revelam incapazes de as valorizar e dinamizar culturalmente, mantendo-as fechadas ou como espaços destinados à realização de velórios, abrindo em muitos casos uma vez por ano para a realização da festa do Santo Padroeiro.

A defesa e valorização do património religioso algarvio, passa, portanto, por um esforço concertado entre as entidades responsáveis, como é o caso das autarquias, as paróquias e a Diocese do Algarve, e sem o qual corremos o risco de continuar a assistir a uma lamentável degradação deste importante legado histórico, desperdiçando simultaneamente um recurso cultural que pode e deve desempenhar um papel fundamental na valorização da oferta turística da região.

Em algumas autarquias nota-se essa tentativa, como é o caso de Tavira, em que se tenta adaptar o espaço da ermida para outro tipo de eventos, como é o caso de concertos. Outra minoria acabar por perder totalmente a sua função inicial religiosa, passando a adaptar-se a funções residenciais, administrativas, educativas e até de armazenamento agrícola, etc.

Ao analisar as ermidas uma a uma individualmente, foi possível ver que em alguns lugares a sua proximidade é algo que fez pensar se teriam ou não alguma relação, e de facto existem casos em que aparentemente estão relacionadas, como «(...) o culto vicentino teve uma dimensão muito abrangente neste extremo Sudoeste do Algarve e, provavelmente, na Península Ibérica. Além de um autêntico percurso espiritual constituiu, também (certamente) um factor determinante para a fixação de população nesta região, como aconteceu com outros centros de peregrinação existentes no território peninsular. Se já existiam estruturas religiosas de apoio aos peregrinos no local, com a passagem dos tempos, foram surgindo, certamente, outros pontos de apoio espiritual, bem como algumas localidades, por onde, obrigatoriamente, os romeiros tinham de passar a caminho do Cabo, para cultuarem os restos do Mártir.»⁸⁹

-De que forma é possível salvaguardar e ao mesmo tempo divulgar o património, neste caso o património arquitectónico religioso a que pertence as ermidas.

Hoje é tempo de reabilitação, entendendo “reabilitação”, em sentido amplo, como fonte de conhecimento, onde o fundamental é a recuperação da memória, feita com base no conhecimento da história local.

Reabilitar implica não só reparar a ruína como proceder à investigação e à transmissão da informação que ela encerra e, também, recuperar o seu valor, enquanto símbolo identificativo de uma colectividade. Em conclusão, ao assumirmos uma ermida como património histórico, atribuímos-lhe significação, tratamento e valorização, correspondentes ao da peça musealizada, pelo que o nosso objectivo deverá ser o de a perpetuar na sua integridade e autenticidade, promovendo a sua valorização. Neste sentido, torna-se imperativo procurar documentar o mais possível, uma vez que correm o risco iminente de desaparecer.

Caso não se concretize a revitalização deste património cultural no Algarve, o tempo encarregar-se-á de apagar a totalidade das estruturas. Permanecerá, contudo, e para a posterioridade, a sua possível documentação neste trabalho de Investigação, que certamente será um valioso contributo significativo para futuros Investigadores.

É preciso pois, e é preciso urgentemente, que os algarvios se debruçam sobre aquilo que os diferencia, marca, assinala e identifica, tomando consistência dessa identidade e procurando investigar os valores que a determinam e manifestam.

GLOSSÁRIO

Abóbada obra de pedra aparelhada, tijolo ou betão para cobertura de edifício ou parte dele, com secção vertical arqueada, côncava na face interior.

Adobe Tijolo de barro amassado com areia e palha e seco ao ar ou ao sol.

Adossado encostado, apoiado pelas costas.

Adro Espaço em frente ou em redor de uma igreja, aberto ou murado.

Altar Mesa consagrada para celebração da missa.

Alvenaria associação de pedras que ligadas por argamassa formam uma construção.

Arco triunfal Arco que liga a capela-mor ao corpo das naves. Simboliza o triunfo da Igreja.

Baptistério ou Capela-Baptismal Capela ou local numa igreja onde se ministra o sacramento do baptismo. Possui uma pia elevada sobre coluna para aspersão de água sobre o fiel.

Cal Nome vulgar do óxido de cálcio (cal viva),

Campanário Muro vazado sobre a igreja que serve para albergar sonos.

Capela 1. Pequeno edifício religioso, em geral só com um altar, isolado ou integrado numa igreja, convento, palácio, hospital, etc. 2. Cada uma das divisões do templo com um altar.

Capela-mor Capela principal de uma igreja, geralmente de maiores dimensões que as restantes, onde está situado o altar-mor.

Capitel Elemento de coluna ou pilastra que coroa o fuste e suporta o entablamento.

Cartografia ciência e arte de desenhar, segundo determinados sistemas de projecção e uma escala, a totalidade ou parte da superfície terrestre num plano. Isto é, de traçar cartas ou mapas geográficos em reprodução bidimensional e tridimensional.

Claustro Pátio interior de um convento rodeado de galerias com arcadas de um ou dois pisos, que servem de passeio aos religiosos.

Convento Casa religiosa de homens ou de mulheres, que vivem em comum obedecendo a uma regra. Habitação de comunidade religiosa.

Cruzeiro Parte da igreja compreendida entre a capela-mor e a nave, resultante da intersecção com o transepto.

Cúpula Abóbada hemisférica ou esferóide erguida sobre um plano circular, elíptico ou poligonal, semelhante a uma taça invertida.

Ermida Capela ou igreja pequena situada em lugar ermo, fora dos núcleos urbanos.

Escadório Escadaria monumental.

Estuque Argamassa feita com cal, areia e gesso, utilizada em acabamentos.

e nichos. Pode adquirir formas bastante distintas: aberto, curvo, triangular, interrompido.

Galilé ou Nartex Galeria coberta e delimitada por colunas ou arcadas, adossada ao portal de uma igreja e servia de abrigo, passeio, local de reuniões de irmandades ou de sepulcro. Alpendre ou galeria encostada a uma igreja.

Igreja Edifício cristão onde se reúnem os fiéis para assistir à celebração do culto. Distingue-se da capela por ser mais casta e do oratório porque serve ao culto público,

Igreja Matriz Templo principal de uma circunscrição eclesiástica, tendo jurisdição ou superioridade em relação a outras igrejas ou capelas da mesma circunscrição.

Magrebe Região noroeste de África.

Mesquita Templo consagrado ao culto muçulmano.

Morabito Ermida Muçulmana

Morfologia Tratado ou estudo da forma exterior que a matéria ou os seres vivos podem tomar.

Nave Espaço que se estende ao longo de uma igreja, limitado por muros, colunas ou arcadas, entre a entrada principal e a cabeceira. Corpo da igreja destinado aos fiéis durante as celebrações litúrgicas. Nas igrejas com mais de uma nave distingue-se a principal ou central das laterais, que ladeiam aquela.

Nicho Cavidade feita num muro, coluna, pilar, etc., para abrigar uma estátua ou objecto decorativo.

Ordem Religiosa Congregação religiosa cujos membros obedecem a um estatuto ou a uma regra.

Ordem Terceira Irmandade. Consagração de leigos sob invocação de um santo.

Património Zonas, edifícios e outros bens de determinado país que são protegidos e valorizados pela sua importância cultural.

Púlpito Pequena tribuna elevada, na igreja onde são guardadas as alfaías litúrgicas; onde os padres e os acólitos se vestem antes dos ofícios.

Sé Igreja catedral de uma diocese.

Sinagoga Templo judaico. Local de reunião dos judeus para exercício da religião.

Tipologia Estudo dos traços característicos de um conjunto de dados e determinação dos seus tipos ou sistemas.

Torre sineira Torre onde são colocados os sinos.

Transepto Nave transversal que corta a nave principal de uma igreja, dando-lhe a forma de cruz. Os transeptos são mais ou menos salientes. Diz-se inscrito ou falso quando o seu comprimento não ultrapassa a largura do corpo da igreja; neste caso o templo não reveste a forma da cruz.

Vernáculo Próprio do país a que pertence

Referências Bibliográficas

- ANICA, Arnaldo Casimiro. Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico (Câmara Municipal de Tavira: 1993).
- BANCROFT, Anne. As Origens do Sagrado (Editorial Estampa: 1991).
- CALLIXTO, Carlos Pereira. Castelos e Fortificações Marítimas do Concelho de Lagoa (Algarve em Foco Editora: Faro, 1991).
- CHAGAS, Ofir Renato das. Tavira, Memórias de uma Cidade (Ed. do autor: 2004).
- CORREIA, José Horta. A arquitectura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade cultural (Lisboa INIC: 1989).
- CORREIA, José Eduardo Horta. A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600 (Ciência e Vida: Lisboa, 1987).CORREIRA, José Eduardo Horta. O Algarve em Património (Gente Singular: Olhão, 2010).
- CORREIA, José Eduardo Horta. Arquitectura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo e Estilo Chão (Editorial Presença: Lisboa, 2002).COUTINHO, Valdemar. Castelos, fortalezas e torres da Região do Algarve (Algarve em Foco Editora: Faro, 1997).
- COUTINHO, Valdemar; Dinâmica defensiva da costa do Algarve do período islâmico ao século XVIII inventário e itinerários (Instituto de Cultura Ibero – Atlântica: Portimão, 2001).
- CUNHA, Rui; GARCIA, José Manuel. Sagres (Livro de Bolso: 2004).
- DIAS, Isabel Rosa; Culto e Memória Textual de S. Vicente em Portugal, da Idade Média ao século XVI (Universidade do Algarve: Faro, 2003).
- DUARTE, Afonso da Cunha. Memórias – São Brás de Alportel Volume 1 – Igreja e Instituições Religiosas (Casa da Cultura António Bentes Novembro, 2005).
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano : a essência das religiões (Livros do Brasil: 1989).
- JESUS, Artur Vieira de. Vila do Bispo, uma viagem pela sua História (Câmara Municipal de Vila do Bispo: 2005).GAMITO, Teresa Júdice; FARIA, António Marques de; BARATA, Maria Filomena. Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar (Instituto Português do Património Arquitectónico: Lisboa, 1997).
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; TORRES, Carmen Barceló. O “rībat” da Arrifana, Aljezur-Algarve (Município de Aljezur, 2004).
- GUEDES. Lívio da Costa. Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII, A “Descrição de Alexandre Massaii” (1621) (Arquivo Histórico Militar: Lisboa, 1988).
- HOLM, Jean. Lugares sagrados (Publicações Europa-América: 1999).
- PESSOA, Fernando Santos. Algarve, Paisagens e Espaços Naturais (Comissão da Coordenação da Região do Algarve: Faro, 1999).
- PIRES, Amílcar de Gil e; Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa (Faculdade de Arquitectura da UTL: Lisboa, 2008).LOPES, João Baptista da Silva. Corografia da memória económica, Estatística, e Topográfica do Reino do Algarve (Lisboa: 1841).
- LAMEIRA, Francisco. Retábulo no Algarve (Dhap ualg).

- LAMEIRA, Francisco; Santos, Marco Sousa. Roteiro da Arquitetura Religiosa no Concelho de Loulé (2016).
- MAGALHÃES, Natércia. Algarve-Castelos, Cercas e Fortalezas (Letras Várias: Faro, 2008).
- MATTOSO, José. A escrita da História, Teoria e Métodos (Editorial Estampa: Lisboa, 1988).
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture (Ed. Rizzoli: New York, 1984).
- OLIVEIRA, Francisco Ataíde. Monografia de Porches (Portugal: Concelho de Lagoa: Porto, 1912).
- RCHOAY, Françoise. A alegoria do património (Editora da Unesp: São Paulo, 2006).
- RIBEIRO, Orlando. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico (Coimbra Editora: Coimbra; 1945).
- RIBEIRO, Orlando. Portugal, o mediterrâneo e o Atlântico (Letra Livre: 2011).
- RIBEIRO, Orlando. Geografia e Civilização (Livros Horizonte: 1961).
- RODRIGUES, Sandra. As Vias Romanas do Algarve (Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve/ Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve: 2004).
- SANTANA, Daniel. Memória descritiva da proposta de classificação da Ermida de Nossa Senhora da Consolação (Câmara Municipal de Tavira: 2000).
- SANTANA, Daniel. Tavira Cidade das Igrejas (Câmara Municipal de Tavira: Tavira, 2010).
- SANTOS, Rossel M. História do Concelho de Lagoa (Edições Colibri, 2001).
- SARRÃO, Henrique Fernandes. História do Reino do Algarve in Duas Descrições do Algarve do Século XVI, apresentação, leitura, notas e glossário de Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero Magalhães (Sá da Costa Editora: Lisboa, 1983).
- OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Ataíde. Monografia do Algoz (Algarve em Foco: Faro, 1905).
- SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS. Arquitectura Popular em Portugal (Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos: 1961).

Publicações em actas de encontros científicos

- CORREIRA, José Eduardo Horta; A arquitectura algarvia do século XVI ao XIX. Tentativa de caracterização, in 4º Congresso do Algarve, vol. 2º (1986).

Exposições

- GOMES, Rosa Varela; Arquitectura: Testemunhos Islâmicos em Portugal (Castelo de São Jorge, 2013).

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Todas as Figuras não referenciadas são da autoria do autor da dissertação.

Fig. 1 - Arquivo da DEARM - Direcção de Infra-estruturas do Exército.

Fig. 2 - <http://vidaeremitica.blogspot.pt/2014/01/eremitas-mitos-e-verdades.html> (2-09-2016)

Fig. 3 - Hernán Ruiz (<http://www.artehistoria.com/v2/obras/21887.htm>).

Fig. 6 - <https://planetalgarve.com/2013/05/03/pine-cliffs-resort-sheraton-algarve-hotel-recebe-imprensa-russa/>

Fig. 8 - http://www.touristenrouten.com/fotos_31185_ilha_da_culatra_um_dia_de_pesca_com_a_dona_vanda_unica_mulher_pescador_na_ilha.html?newLang=de.

Fig. 9 - Artur Pastor, Década 50-60.

Fig. 11 - Cartografia militar cedida pelo Arquivo da DEARM - Direcção de Infra-estruturas do Exército.

Fig. 13 - <http://avoltadeumportugalsemcrise.blogs.sapo.pt/3874.html>.

Fig. 25 - RODRIGUES, Sandra. *As Vias Romanas do Algarve* (Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve/ Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve: 2004).

Fig. 26 - Artur Pastor.

Fig. 50 - VASCONCELOS, José de Sande. *Mappa da configuração de todas as praças fortalezas e baterias do reyno do Algarve / Segundo a ordem do Ill.mo e Exmº Senhor Conde D´ Val D´ Reis* (1730?-1808).

Fig. 62 - http://www.dgterritorio.pt/cadastro/cadastro_geometrico_da_propriedade_rustica_cgpr_/consultar_seccoes_cadastrais/

Fig. 64 - Artur Pastor.

Fig.67 - VASCONCELOS, José de Sande. *Mappa da configuração de todas as praças fortalezas e baterias do reyno do Algarve / Segundo a ordem do Ill.mo e Exmº Senhor Conde D´ Val D´ Reis* (1730?-1808).

Fig.70 - <http://www.pbase.com/image/123093896>

Fig. 72 - GARCIA, José Manuel; CUNHA, Rui. *Sagres* (Livro de Bolso: 2004).

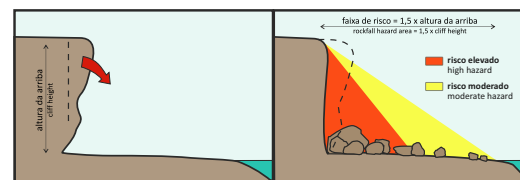
Fig. 74 - VASCONCELOS, José de Sande. *Mappa da configuração de todas as praças fortalezas e baterias do reyno do Algarve / Segundo a ordem do Ill.mo e Exmº Senhor Conde D´ Val D´ Reis* (1730?-1808).

ANEXOS

24. Nesta gente de Lisboa comento o anno a pre. da ermida.
de Santa, Senhora da Rocha, e principalmente em mais re-
quencia em outras de Lisboa.
25. Frigos, ventos, chuvas, e outras alegres fiço, einho das op-
orras que em abundancia se acham, e mais frigos de to-
no, e frigos se ofruco, que se acham em abundancia mais
do que em Lisboa.
26. Tem hoje das entona sugente as freguesias de cidade de Lisboa,
e aqui se tornam.
27. Não tem (isto) não mais que se diga deste interrogatorio.
28. Não há memoria de que desta terra tenham chorado honras
em alguns rios de Lisboa, e de outras.
29. Tem hoje em quinta de rios de Lisboa, para de dia e de
noite.
30. Não tem, por isso, se veja em Portugal de Villa Nova de
Cabo Verde que fica a 8 legoas de Lisboa, e a 4
de S. Paulo e a 1/2 de S. Pedro e S. Paulo.
31. Não tem, e guardada de Lisboa, e a capital de S. Paulo.
Lisboa.
32. Não tem, e a capital de Lisboa, e a capital de S. Paulo.
Lisboa.
33. Não há, e a capital de Lisboa, e a capital de S. Paulo.
Lisboa.
34. Não tem, e a capital de Lisboa, e a capital de S. Paulo.
Lisboa.
35. Tem hum castelo na bocha de mar, em humo porto de mi-
ra, e a capital de Lisboa, e a capital de S. Paulo.
Lisboa.
36. Grande, e a capital de Lisboa, e a capital de S. Paulo.
Lisboa.
37. Não há, e a capital de Lisboa, e a capital de S. Paulo.
Lisboa.



A evolução (erosão) natural das arribas processa-se numa sequência intermitente e descontínua de derrocadas instantâneas que constitui perigo para os utentes das praias. A **FAIXA DE RISCO** corresponde à área passível de ser ocupada pelos resíduos do desmoronamento e tem largura até 1,5 vezes a altura da arriba. Quanto mais próximo da arriba estiver, mais provável é ser atingido pelos blocos de uma derrocada. Para sua segurança permaneça afastado do topo e da base das arribas, bem como de penedos isolados.

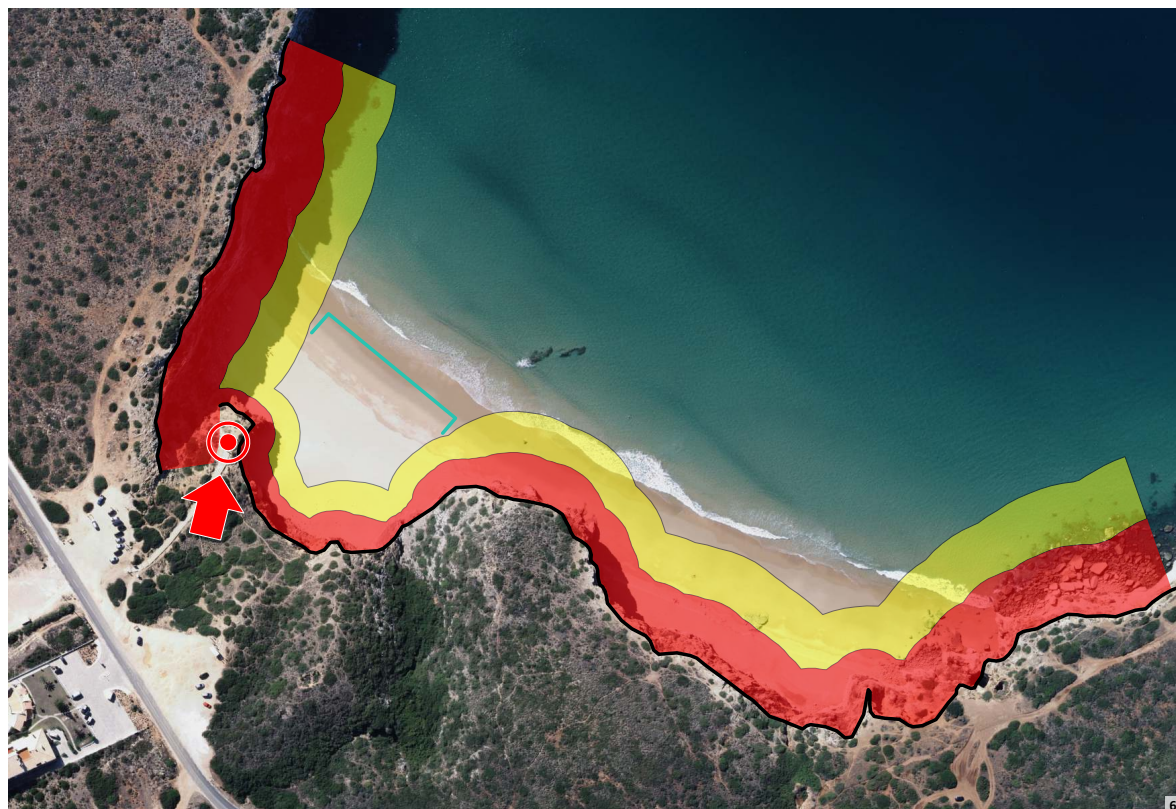


Natural cliff evolution (erosion) progresses by intermittent and discontinuous series of rockfall and cliff collapses. Cliff evolution is a potential menace for people standing on beaches accumulated at the cliff base. **HAZARD AREAS** correspond to areas where it is likely that effects of debris will be felt and its length reaches up to 1.5 times cliff height. The closer to the cliff is more likely to be hit by the collapse of a block. For your safety, keep away from cliff base and cliff edge, as well from sea stacks.

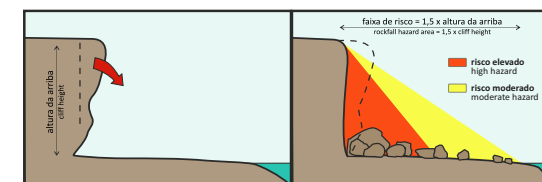


Fig.82 - Faixa de Risco das Arribas. praia da Nossa Senhora da Rocha

http://www.apambiente.pt/_zdata/Ordenamento/Algarve_Faixas_de_Risco_das_Arribas/Faixas_Atualizacao2014/Lagoa_SraRocha.pdf (3.7.2016)



A evolução (erosão) natural das arribas processa-se numa sequência intermitente e descontínua de derrocadas instantâneas que constitui perigo para os utentes das praias. A **FAIXA DE RISCO** corresponde à área passível de ser ocupada pelos resíduos do desmoronamento e tem largura até 1,5 vezes a altura da arriba. Quanto mais próximo da arriba estiver, mais provável é ser atingido pelos blocos de uma derrocada. Para sua segurança permaneça afastado do topo e da base das arribas, bem como de penedos isolados.



Natural cliff evolution (erosion) progresses by intermittent and discontinuous series of rockfall and cliff collapses. Cliff evolution is a potential menace for people standing on beaches accumulated at the cliff base. **HAZARD AREAS** correspond to areas where it is likely that effects of debris will be felt and its length reaches up to 1.5 times cliff height. The closer to the cliff is more likely to be hit by the collapse of a block. For your safety, keep away from cliff base and cliff edge, as well from sea stacks.



Fig. 83 - Faixa de Risco das Arribas. praia do Beliche

http://www.apambiente.pt/_zdata/Ordenamento/Algarve_Faixas_de_Risco_das_Arribas/Faixas_Atualizacao2014/VBispo_Beliche.pdf (3.7.2016)

